



GUIA DAS AULAS DE

**FILOSOFIA ANTIGA I
E
FILOSOFIA ANTIGA II**

**FACULDADE DE LETRAS UP
1981 / 2010**

**JOSÉ AUGUSTO CAIADO RIBEIRO
GRAÇA**

Porto, 2010

**GUIA DAS AULAS
DE
FILOSOFIA ANTIGA I**

E
FILOSOFIA ANTIGA II

JOSÉ AUGUSTO CAIADO RIBEIRO GRAÇA

FACULDADE DE LETRAS UP 1981/2010

Nota: "Apontamentos de Filosofia Antiga".
Endereço electrónico: ulisses.us/antiga

FILOSOFIA

ANTIGA

Nota: "Apontamentos de Filosofia Antiga".
Endereço electrónico: ulisses.us/antiga

SUMÁRIO

I.	INTRODUÇÃO	4
II.	FILOSOFIA ANTIGA: UM PROGRAMA	27
III.	ENSAIO DE DESENVOLVIMENTO DE ALGUNS PONTOS DO PROGRAMA	60
IV.	BIBLIOGRAFIA	165

INTRODUÇÃO

SOBRE A IMPORTÂNCIA E O INTERESSE DA DISCIPLINA DE *FILOSOFIA ANTIGA* NUM CURRICULUM DE FILOSOFIA

ALGUNS ASPECTOS DE NATUREZA CIENTÍFICA E PEDAGÓGICA

1. A disciplina de Filosofia Antiga tem-se mantido desde sempre no primeiro ano dos *curricula* dos Cursos de Filosofia, constituindo-se como uma das áreas âncora de qualquer plano de estudos filosóficos. O primeiro ano representa assim o lugar adequado e o tempo propício a uma iniciação ao estudo das origens do pensamento filosófico ocidental.

Todavia, isso não significa que a tarefa não se apresente como de grande complexidade, a qual só irá sendo ultrapassada através da experiência adquirida ao longo de anos de docência, concretamente de docência da cadeira de Filosofia Antiga.

De facto, o ensino da filosofia grega no ensino secundário revela-se extremamente deficiente, uma vez que os programas não o contemplam ou, se o fazem, realizam-no de uma forma insuficiente porque demasiado ligeira. Assim, ao docente da cadeira de Filosofia Antiga, hoje mais do que há décadas atrás, coloca-se a obrigatoriedade da consideração de uma série de factores sem os

quais os conteúdos e objectivos fundamentais da disciplina se perdem e se frustram.

Nesse sentido, será necessário sublinhar, por exemplo, que a emergência do filosofar não se dá num deserto vazio de acontecimentos, ou seja, é necessário identificar os alunos não só com o que é contemporâneo à filosofia, mas também com o que está antes da própria filosofia. Concretamente, impõe-se a apresentação dos factores de ordem histórica, política, social, económica e cultural que influenciaram e configuraram o perfil do novo filosofar. Esta digressão que a Filosofia Antiga até certo ponto se impõe, por razões de ordem científica e pedagógica, uma vez que anteriormente este campo se encontrava curricularmente coberto pela cadeira, entretanto extinta, de Cultura Clássica, “atrasa” necessariamente a entrada na Filosofia Antiga propriamente dita.

Todavia, este atraso não se revelará tempo perdido. Pelo contrário, os alunos demonstrarão, posteriormente, uma maior destreza na compreensão e interpretação dos textos, testemunhos ou fragmentos, revelando, inclusive, uma inesperada agilidade na descoberta de uma segunda linha informativa, avançando frequentemente com propostas interpretativas que só podem acontecer mediante uma reserva de conhecimentos anteriormente adquiridos.

Aliás, “atraso” é uma maneira de dizer, uma forma de ver, muito mais uma força de expressão, do que uma firme convicção. De facto, para que a disciplina de Filosofia Antiga não surja aos alunos como uma pura abstracção à solta num universo de disciplinas que lhes falam de um tempo que lhes é muito mais próximo e familiar, é necessário que as aulas se constituam,

também, como um certo regresso ao passado, um passado que rapidamente se revelará como algo de inesperadamente presente. Esta regressão progressivamente compreensiva na ordem dos acontecimentos, conduz os alunos até ao *ponto*, até ao lugar vivido da filosofia. Esta introdução de uma componente, chame-se-lhe sensitiva ou afectiva, no interior daquilo que se pretende que sejam as origens da razão, não afecta nem subverte o rigor, a ordem e a coerência lógica na análise do pensamento dos filósofos. Ao contrário, concomitantemente com o conhecimento dos grandes acontecimentos que determinarão as origens da filosofia, o acesso à peripécia, ao episódio, ao conto, ao dito, ao lugar, ao traço biográfico daquilo que, numa primeira análise, seria considerado como marginal à questão, conduz os alunos, mediante uma certa razão sentida, à análise metódica e rigorosa do fragmento, do testemunho, do texto, do conceito ou da *theoria*, tal como a uma compreensão mais rápida das mesmas.

Na Filosofia Antiga, as questões, os diferendos que constantemente ocorrem entre os diferentes intervenientes no processo filosófico em curso, não podem ser exclusiva e competentemente resolvidos e compreendidos através de uma única linha explicativa. É necessário entender que se está perante uma trama que como tal representa o cruzamento e o conflito de interesses, de pontos de vista e de interpretações que compete à análise rigorosa e interessada esclarecer.

A título exemplificativo:

a) Tales, Anaximandro e Anaxímenes não constituíram escola filosófica nenhuma; Tales, Anaximandro e Anaxímenes não sabiam propriamente a importância do que andavam a fazer; Tales, Anaximandro e Anaxímenes nunca virão a saber onde virão a ser

mais tarde colocados.

b) A ruptura profunda empreendida por Aristóteles relativamente a Platão leva-nos a querer ler mais Platão e a procurar saber mais das razões de Aristóteles.

c) A completa descredibilização da sofística levada a cabo pela crítica tenaz e implacável de Platão, logo seguida pela não menos demolidora censura do circunspecto Aristóteles, não deve ser passada como se de mais um ponto do programa se tratasse. É altura de dar a palavra aos sofistas, de voltar a ler o testemunho de Platão, e de fazer as pazes com os sofistas, e de continuar a admirar Platão, uma vez que o seu pensamento vai surgindo cada vez mais pujante e claro à medida que a reabilitação dos sofistas vai avançando. À primeira vista, poderá parecer contraditório esta súbita e igual admiração pelo pensamento dos Sofistas e pelo pensamento de Platão. Mas não é. Os alunos descobrem-no através de um conhecimento de causa.

Enfim, a disciplina de Filosofia Antiga é, igualmente, um instrumento precioso na abordagem e compreensão da História da Filosofia passada e futura, ensinando-nos o grau de envolvimento e a distância adequada relativamente a batalhas que são e já não são nossas. Do encontro e da posse dessa desejável equidistância dependerá a compreensão mais ou menos precisa da própria Filosofia Antiga. Ou seja, a Filosofia Antiga é, também, uma introdução à História da Filosofia, uma vez que nos dá a percepção aproximada das circunstâncias em que devemos abandonar o presente para, colocando-nos do lado do passado, melhor o compreendermos ou, ao contrário, quando nos devemos aproximar do presente para melhor entendermos o passado.

2. Anteriormente, referia-se o atraso, a demora da entrada em cena da Filosofia Antiga, decorrente da necessidade de uma contextualização prévia à emergência do filosofar. Essa questão ocorre novamente quando se trata de saber qual o ponto de partida de um programa de Filosofia Antiga, que peso deverá ser atribuído a cada um desses pontos e em que medida devem ser mais ou menos aprofundados os conteúdos desse programa. A resposta à questão não é linear. Ainda que a disciplina de Filosofia Antiga se enquadre num período bem determinado e claramente datado da História da Filosofia, o entendimento e a apreciação que se podem fazer dos diferentes momentos desse período é tão variável que consente diferentes pontos de vista sobre a questão.

Assim, poder-se-á “adiantar” ou “atrasar” a entrada no programa de Filosofia Antiga conforme o ponto de vista que se adopte sobre o assunto. Se se considerar que o essencial desse período da História da Filosofia é Platão e Aristóteles, tudo o que sejam considerações mais detalhadas sobre os chamados Pré-Socráticos, Sofistas ou Sócrates, será considerado como uma demora, um dispersar de tempo que deveria ser inteiramente consagrado ao estudo das duas grandes referências do pensamento filosófico antigo e ocidental.

Ao contrário, se se considerar que um programa de Filosofia Antiga nunca poderá ignorar algumas das mais originais e inesperadas aventuras do espírito representadas por toda a linha pré-socrática, sofística e socrática, sem a qual, aliás, a compreensão segura e consistente do pensamento de Platão e Aristóteles nunca seria inteiramente conseguida, tenderá a considerar que uma linha programática como a inicialmente referida, representa um falso avanço, um salto incorrectamente

dimensionado, porque ignora e não preenche uma retaguarda já profundamente tocada pelo espírito da Filosofia.

3. O programa de uma cadeira é algo que é pensado e redigido em função dos seus destinatários. No caso vertente, os alunos. Todavia, se é verdade que um programa não pode ser totalmente condicionado pelos alunos a quem se dirige, não é menos verdade que não deve ser pensado nem criado na pura ignorância ou não querer saber do público a que se destina, sob pena de ver a sua efectiva exequibilidade perigosamente ameaçada. Desta maneira, o programa de Filosofia Antiga tem de contemplar conteúdos, no caso em análise, as origens da filosofia e todo o pensamento filosófico pré-platónico, que, de antemão, sabe que os alunos desconhecem e cuja compreensão é absolutamente necessária para o entendimento dos períodos subsequentes. Não é pedagógica nem cientificamente correcto partir do princípio de que os alunos sabem aquilo que não sabem ou vão por sua livre iniciativa tratar de saber aquilo que qualquer docente com alguns anos de docência da cadeira sabe que dificilmente e só em casos muito excepcionais será levado a cabo.

Ora, esta opção por um programa de banda larga, a qual, pelas razões anteriormente aduzidas, só em parte pode ser entendida como inteiramente livre, é, sem dúvida, a opção pelo caminho mais difícil, uma vez que impõe uma gestão muito rigorosa do tempo e dos conteúdos.

De facto, em tese ou de um ponto vista ideal, consideramos que um aluno obteria uma boa formação em Filosofia Antiga se tivesse tido tempo de abranger um programa que cobrisse o extenso período que vai das origens da filosofia até às filosofias

helenísticas inclusive. Ora, a experiência adquirida ao longo de anos de docência da cadeira, mostra que se trata de um objectivo dificilmente alcançável. No limite, verifica-se que, mesmo com um criterioso controlo do tempo e dos conteúdos, não é possível ir mais além de Aristóteles.

Todavia, no caso em análise, que se reporta à disciplina de Filosofia Antiga no Curso de Filosofia da FLUP, graças a uma efectiva prática interdisciplinar e em virtude de um condicionalismo muito específico, esta dificuldade acaba por ser superada. Assim, não só as filosofias do período helenístico como todo o período que conduz à progressiva decadência da Cidade, de parceria com o aparecimento do Império de Alexandre e a consequente emergência da civilização helenística, factores cujo conhecimento é absolutamente necessário para a compreensão da essência e da evolução das filosofias desse período, acabam por ser efectivamente ministrados aos alunos do 1º ano de Filosofia. Esta possibilidade fica-se a dever ao facto de, como anteriormente se disse, se conseguir uma efectiva prática interdisciplinar de parceria com uma coordenação disciplinar horizontal, a qual permite que esta matéria “transite” para a cadeira de Temas e Épocas da História da Cultura, a qual se encontra no II semestre do plano de estudos dos alunos do 1º ano de Filosofia e que, por coincidência, é igualmente ministrada pelo docente da disciplina de Filosofia Antiga.

4. Dizíamos anteriormente que a cadeira de Filosofia Antiga ocupa o lugar adequado no tempo certo. De facto, o 1º ano é, a vários títulos, um ano decisivo. Trata-se do 1º ano do resto de um Curso que pode vir a conhecer diferentes desfechos. Ou seja, é no 1º ano que se começa a ganhar ou a perder os alunos para a

“causa”. Vários anos de docência, sobretudo no ano em análise, de parceria com o posterior reencontro com os mesmos alunos no 4º ano, através da docência de outras disciplinas, e ainda graças a um contacto mais próximo e frequente com os professores do 2º ano, permitem-nos concluir que o plano de estudos do 1º ano e, concretamente, o programa de Filosofia Antiga, não desencanta nem afasta os alunos da prossecução dos seus estudos. Cremos que esse facto se fica a dever em larga medida aos conteúdos de carácter científico e aos métodos pedagógicos adoptados.

A docência, ao longo de mais de vinte anos, de diferentes cadeiras do 1º ano, levam-nos a concluir que, pese embora termos realizado há vários anos o antigo estágio pedagógico, o qual era suposto “ensinar” o professor a “dar” aulas, não terá sido com o que aí aprendemos que encontrámos o caminho seguro e o modelo indicado para a melhor docência das diferentes cadeiras do 1º ano.

Aliás, pode dizer-se que ainda hoje o modelo pedagógico seguido nas aulas do ensino superior se encontra nos antípodas do que continua a ser considerado e seguido, ao nível do secundário, como pedagogicamente correcto. Enquanto aqui, diz-se, se privilegia através de diferentes estratégias a participação activa e a intervenção directa dos alunos na abordagem das diferentes matérias, no superior, o essencial das aulas mantém-se, diz-se, ao nível do registo expositivo e magistral do professor, o qual se assume, pasme-se!, como mero transmissor do saber.

Esta diferença tão profunda entre duas práticas pedagógicas tão próximas no tempo, levaria a concluir que, expostos à violência de um tal choque, o insucesso e a insatisfação dos alunos não tardariam a manifestar-se, surgindo logo ao longo dos primeiros meses do 1º ano. Esse desencanto tornar-se-ia, aliás,

inevitavelmente evidente, inclusive através dos inquéritos científico-pedagógicos a que periodicamente os alunos são chamados a responder no âmbito de um processo de auto-avaliação do Curso de Filosofia. Ora, o que os resultados desses inquéritos têm demonstrado é precisamente o contrário. Relativamente às disciplinas anteriormente referidas e, concretamente, relativamente à Filosofia Antiga, a satisfação e a adesão dos alunos situa-se muito acima da média. Aliás, o que os inquéritos demonstram é o que qualquer professor com alguns anos de prática docente deduz ao fim de algumas aulas. De facto, não havendo qualquer número obrigatório de presenças nem a vigência de qualquer regime disciplinar que vise em concreto o espaço e o tempo da aula, constata-se um nível constante de assiduidade e a criação espontânea por parte de professor e alunos das condições necessárias ao regular funcionamento da aula.

Não cremos que o aluno perca qualidades ou competências participativas que era suposto ter anteriormente adquirido. cremos, ao contrário, que o aluno descobre muito rapidamente a necessidade de racionalizar essa participação, de tornar essa participação mais selectiva, através da procura e aprofundamento de uma pré-compreensão dos dados da questão.

Aliás, bastam alguns anos de docência para mostrarem que a questão da participação é uma coisa extremamente relativa. Assim, ao longo de uma aula podem revelar-se diferentes cenários: a) um afastamento e alheamento surdo dos alunos e a consequente percepção do professor da existência de uma barreira fria e intransponível; b) muita participação, mas pouca substância e consistência; c) participação centrada na intervenção de um ou dois alunos, a qual se afasta do contexto, desmobilizando

inevitavelmente a atenção do resto da turma. d) participação de um significativo número de alunos, estabelecendo-se a partir daí, ao nível da turma, um efectivo diálogo horizontal. Este é o cenário ideal, raramente concretizável, mais dos livros do que das aulas, mais das teses do que das práticas.

Entretanto, há variadíssimos factores que podem induzir a). Entre outros, a “desinspiração” momentânea do professor que, por vezes, pode coincidir com a apresentação de uma parte do programa de dificuldade mais elevada; a existência de uma turma que, no seu conjunto, se apresenta distante, refractária a qualquer tema, proposta ou estratégia pedagógica; b) e c) são complementares. Trata-se de participações de carácter eminentemente inconsequente e pernicioso para o normal funcionamento da aula. Por vezes, trata-se de uma situação delicada para o professor, já que tem de regular e, frequentemente, suster o fluxo incoerente de intervenções, dado que há circunstâncias em que não se alcança a auto-regulação das mesmas através da livre troca de opiniões. Daqui, pode decorrer ainda uma outra consequência claramente perversa. É que, por vezes, o professor, na base de uma avaliação incorrecta, tende a considerar que os melhores alunos são aqueles que participam “muito”, ignorando a necessidade de submeter a participação a um critério mínimo de oportunidade, de sentido e de qualidade.

Um outro cenário que é frequente e que é geralmente associado de uma forma errada e negativa à chamada aula “expositiva”, merece ser ainda referido, uma vez que continua a ser, do nosso ponto de vista, o mais consistente e pedagogicamente indicado. Uma aula aparentemente expositiva pode revelar-se uma aula efectivamente participada, dado que a participação envolve

diferentes formas de expressão. Um professor experiente dá-se conta dessas diferentes maneiras de estar e participar, através da palavra, do olhar, do gesto e do pensar dos alunos (ou seja, há casos em que o professor pode “acompanhar” o pensamento do aluno).

É por isso que se deve dizer que, tal como não se aprende depressa a medicina, também não se aprende depressa a docência. O que faz de um professor um bom professor é certamente o saber, o talento e a vocação. Mas tudo isso valerá pouco, porque insuficientemente aproveitado, se não receber o acréscimo e o tempero da experiência adquirida através da prática continuada da docência.

É claro que o professor continuará a enganar-se, a ver-se induzido em erro. Mas, se um professor não passou distraidamente pelos anos de docência, aprende cada vez melhor a ver o *facies* da turma, a tomar-lhe o pulso, a interpretar os seus silêncios ou a decifrar o sentido das suas oscilações. Nesse sentido, o professor, se quiser, se “deixar”, pode aprender a apurar cada vez melhor essa percepção fina das turmas e dos alunos, reduzindo cada vez mais, ainda que não definitivamente, a inevitável margem de erro que é inerente à especificidade e ao exercício da sua actividade (e arte?).

5. O modelo seguido é, como já anteriormente foi sugerido, o da aula teórico-prática. A disciplina de Filosofia Antiga favorece, inclusivamente, a adopção e a prática de um modelo que contempla e associa de uma forma equilibrada a componente teórica e a componente prática da aula. Existem, concretamente, extensas partes do programa onde se consegue uma constante alternância e

circulação pelos dois modelos. Todo o extenso período referente ao pensamento pré-platónico representa um bom exemplo dessa possibilidade.

Assim, o estudo de qualquer filósofo pré-socrático deverá partir sempre da distribuição pelos alunos, dos seguintes elementos de consulta: um mapa representativo da geografia da filosofia, uma vez que a filosofia pré-socrática se distribui ao longo de uma extensa área geográfica com três centros de capital importância: a Grécia do oriente, a Grécia do continente e a Grécia do ocidente ou Grande Grécia; uma grelha cronológica, uma vez que os filósofos ditos pré-socráticos distribuem-se ao longo de um período que vai do século VII a. C. ao século V a. C.; uma compilação dos testemunhos, fragmentos e textos existentes. A partir daí, é possível passar-se em revista datas, vida, obra e pensamento do filósofo em causa. Depois de uma primeira leitura dos diferentes elementos de consulta, passa-se à fase da *marcação* do texto. Ou seja, trata-se de uma segunda aproximação ao fundo do texto, procurando-se agora proceder a uma triagem, separação, escolha ou escrutínio, de modo a conseguir uma progressiva ordenação temática em ordem ao estabelecimento de um *logos* do filósofo. Por *logos* do filósofo entenda-se o fio condutor, o discurso, a razão (de ser), a estrutura do seu pensamento.

A partir de agora, é possível olhar o texto como algo coerentemente articulado e proceder a uma terceira investida na base de uma análise diferenciada de cada um dos seus elementos. Assim, o pensamento do filósofo que, numa primeira leitura *corrida*, tinha surgido como algo que, de tão fragmentado, parecia não dispor dos meios necessários a uma recomposição verosímil, surge agora dotado de uma clara unidade e coerência.

Esta metodologia é igualmente aplicável ao estudo do pensamento dos sofistas, através de uma compilação dos testemunhos, fragmentos, passagens mais ou menos extensas dos diálogos de Platão e referências directas ou indirectas na obra de Aristóteles. É claro que cada sofista é um caso e, nessa medida, não há *uma* estratégia de aproximação, mas estratégias.

Tomando como exemplo os casos de Protágoras e de Górgias, diremos que, relativamente ao primeiro, não temos praticamente nada no que respeita a fragmentos ou passagens fidedignas e o que existe levanta sérias dificuldades de interpretação. Assim, como é óbvio, temos de nos socorrer de testemunhos de terceiros e, neste caso, de uma forma muito extensa, do testemunho de Platão. Mas então agora, já não se trata unicamente de proceder à reconstituição e compreensão do pensamento do sofista; trata-se de, prioritariamente, descortinar o que se oculta por detrás do testemunho de Platão, encontrar através do dito o que não é dito e tentar uma aproximação a Protágoras exactamente por esse lado não mostrado, oculto.

Igualmente, com Aristóteles, ainda que de uma forma não tão intensa, uma vez que ele não exerce uma pressão tão forte sobre o sofista, é necessário um redobrar de cuidados interpretativos. Não se trata já de ler por detrás do dito o não dito ou de mostrar o deliberadamente encoberto. Mas, mesmo assim, há que ler bem a palavra séria e convicta de Aristóteles, para, através e além da mesma, chegar à palavra igualmente séria, convicta e original de Protágoras.

Ao contrário, a existência de um conjunto de passagens de considerável extensão de algumas obras de Górgias, irá permitir uma abordagem do pensamento do sofista em moldes bastante

diferentes e, cremos, mais seguros. Assim, a aproximação ao sofista será feita não só pelo lado dos testemunhos, mas, essencialmente, pelo centro do seu pensamento. A título de exemplo, o Tratado *Da Natureza ou Acerca do Não Ser*, tal como o *Elogio de Helena*, constituem uma fonte preciosa de informação que permite uma reconstituição do pensamento do sofista em bases bem mais seguras do que aquelas que serviram de apoio à recomposição do pensamento de Protágoras.

Por último, refira-se que, já anteriormente, no capítulo sobre *Introdução à terminologia filosófica*, na abordagem do conceito de *Ser*, e na sequência da oposição entre razão trágica e razão filosófica, a sofística já havia sido convocada tal como a sua relação difícil com Platão. Na altura, e em termos genéricos, a questão colocada era seguinte: não haverá uma relação estreita entre o desprezo e a rapidez com que Platão procede à expurgação da tragédia e a violência de que se reveste o seu combate sem tréguas contra a sofística? Ou seja, Platão ter-se-á dado conta de que, tanto o pensamento trágico como o pensamento dos sofistas, partilhavam de um terreno, de um fundo problemático comum, e mais, de que ambos seguiam no sentido de que a solução desse fundo problemático comum era insolucionável. Mas, enquanto a tragédia se tinha posicionado de maneira a poder ser arrumada no dossier das artes, ficando imediatamente *de lado*, isto é, do lado das manifestações artísticas proibidas, a questão da sofística parecia de solução mais difícil. Não sendo possível ignorar a sofística, era necessário arranjar-lhe um lugar, para, posteriormente, eliminá-lo e, com ele, a própria sofística. Ora, a sofística parecia aspirar ou mesmo estar segura do seu lugar na filosofia. Platão ter-se-á apercebido, então, de uma forma clara, da força e do perigo desta

candidatura, uma vez que havia ali *filosofar*, mau, é certo, segundo o projecto platónico, mas, ainda assim, *filosofar*...

Entretanto, já relativamente a Sócrates a situação é diferente, uma vez que aí temos de nos socorrer exclusivamente de fontes indirectas, de testemunhos, concretamente, das fontes tradicionalmente consideradas (Aristófanés, Platão, Xenofonte e Aristóteles), não sem antes ter de proceder a uma análise e discussão rigorosa da validade das mesmas.

Assim, relativamente à fonte Aristófanés, a leitura e interpretação de algumas passagens da Comédia *As Nuvens* revela-se duplamente produtora. Mostra como, na época, um sector extremamente influente da opinião pública ateniense via a filosofia, mas ajuda a compreender, também, como a série de acusações que impendem sobre Sócrates em 399 a. C., já se encontravam formuladas, no essencial, anos antes, na peça de Aristófanés. Por outro lado, Sócrates funciona como uma primeira introdução a Platão, uma vez que, para ensaiarmos uma aproximação ao seu pensamento, temos de ler Platão, e, a partir daí, tentar estabelecer a fronteira exequível entre o Sócrates histórico, autêntico, propriamente socrático e o Sócrates visto, sonhado, marcadamente platónico.

Em síntese, a tentativa de reconstrução de um pensamento propriamente socrático implica, por um lado, a derivação e incursão por áreas não directamente contempladas no programa (Aristófanés e Xenofonte), ao mesmo tempo que antecipa outras que hão-de vir (Platão e Aristóteles). Assim, quando chegamos a Platão, é como se, de uma certa forma, já lá tivéssemos estado; e, no momento em que iniciamos o estudo do seu pensamento, é como se, de alguma maneira, o *dossier* Sócrates não se encontrasse ainda

definitivamente encerrado.

Entretanto, relativamente a Platão e a Aristóteles, adopta-se uma estratégia que, numa primeira análise, poderá parecer menos aconselhável, senão mesmo pedagogicamente incorrecta. Tentaremos demonstrar, ao contrário, com base numa continuada prática docente, que se trata de uma metodologia não só inteiramente defensável como pedagogicamente indicada.

Concretamente, numa primeira fase, elege-se um conjunto de temas que, não só do nosso ponto de vista como tradicionalmente, são considerados pilares fundamentais do pensamento desses filósofos, senão mesmo de todo o pensamento que atravessa a História da Filosofia. Nomeadamente, a teoria do conhecimento, a teoria do Ser, a teoria das origens, a teoria política e a ética são temas sempre presentes ao longo de toda a História da Filosofia.

Obviamente que, nesta fase, na sequência da abordagem dessas temáticas, surgem referências a aspectos muito específicos das doutrinas de cada um dos filósofos: teoria das ideias, reminiscência, teologia, intelecto activo, intelecto passivo, motor imóvel, etc. Trata-se de um primeiro contacto com o pensamento, mas não ainda com a obra; pretende-se uma aproximação e uma progressiva identificação com uma determinada linguagem e terminologia específica que favoreça uma crescente compreensão do pensamento dos filósofos e que funcione como um primeiro estímulo para a posterior abordagem das obras.

Ora, geralmente, esta estratégia, neste momento, já apresenta resultados, uma vez que os alunos começam a manifestar uma certa agitação ou curiosidade, um certo querer saber mais, ou seja, começam a interrogar-se e a interrogar: que estatuto atribuir ao mundo das ideias? E ao mundo sensível? Que

tipo de relação/participação se estabelece entre ambos? Como articular a teoria do conhecimento com a teoria da reminiscência? Até que ponto há pitagorismo a correr nas veias do platonismo? Em que bases e a partir de que pressupostos introduz Platão uma teoria da reminiscência? Que tipo de relação se estabelece entre o demiurgo e o mundo sensível e inteligível? Como compatibilizar a crítica de Aristóteles à teoria das ideias de Platão e à consequente duplicação dos mundos, com a sua concepção de Motor Imóvel e da relação deste com o Mundo? Ou seja, como entender e conciliar o carácter transcendente e *ignorante* do Motor Imóvel, com a crítica de Aristóteles à deriva transcendente de Platão patente no mundo das ideias? Qual o estatuto do intelecto activo ou agente? Trata-se da parte imortal da alma racional? Que tipo de relação se pode estabelecer entre intelecto agente e intelecto paciente? Existe alguma relação entre a *ideia* platónica e a *forma* aristotélica? Por que razão Platão é tão severo com a cultura clássica e com as artes em geral? E que posição adopta Aristóteles relativamente à mesma questão? Como é que a utopia política de *A República*, ainda que posteriormente temperada pelas *Leis*, deve ser considerada como uma obra de um cidadão que vive a Cidade não de fora, mas do mais fundo dentro, não concebendo, inclusive, outro espaço possível de civilidade? E como é que a extrema razoabilidade de *A Política* de Aristóteles é redigida por alguém que, não sendo cidadão, sentindo fundo o seu estatuto de estrangeiro, sabe tão bem da Cidade, e que, tal como Platão, não admite outro espaço de civilidade?

Enfim, estão criadas as condições para pôr em marcha a fase seguinte que consiste numa abordagem directa das obras dos filósofos. Ou seja, conseguiu-se, de uma forma relativamente

próxima, um conhecimento dos aspectos e tendências fundamentais do pensamento do filósofo. Essa possibilidade ficou a dever-se à abertura ou conquista de um espaço de saber que consente uma determinada mobilidade ou liberdade de escolha das obras e das respectivas passagens que poderão responder às questões inicialmente suscitadas.

Assim, rapidamente, verifica-se a existência de um conjunto de diálogos de Platão que se constituem não só obras de consulta obrigatória como de consulta recorrente. Ou seja, podemos ter de abordar determinada parte de um diálogo a propósito de determinada problemática e, logo a seguir, sair para entrar num outro diálogo que toca a mesma temática; posteriormente, outras questões poderão impor um regresso aos diálogos já consultados, através de outras passagens.

Um só exemplo: *A República* funciona sempre como um ponto de partida e um lugar de regresso. A problemática gnosiológica, os níveis do conhecimento, a importância das diferentes ciências, o próprio processo do conhecimento, levam-nos a entrar pelo lado das alegorias do Sol, da Linha Dividida ou da Caverna. Mas remete-nos, igualmente, para incursões no *Ménon*, *Parménides*, *Teeteto*, ou *Sofista*. E, uma vez que esta abordagem vai suscitar necessariamente a teoria da reminiscência, abre-se uma nova frente que irá incidir no estudo do papel da alma no processo do conhecimento. Na decorrência deste processo, verificar-se-á que é necessário ir mais longe e averiguar qual a concepção de alma defendida por Platão. O estudo desta questão, entretanto, irá fazer surgir uma outra, que se prende com a compreensão do estatuto do mito no contexto da sua produção filosófica. Ou seja, nesta altura, uma série de diálogos já terão sido pela primeira vez consultados,

enquanto outros terão sido objecto de uma segunda ou terceira leitura. Em concreto, verifica-se que foram convocados, novamente, o *Ménon* e a *República*, enquanto se estabeleceu um primeiro contacto com, entre outros, o *Fédon*, o *Fedro* ou mesmo o *Timeu*.

Por outro lado, a questão das origens conduz-nos novamente ao *Timeu*, mas sugere, igualmente, uma passagem pelo *Crítias* e, mais uma vez, um regresso ao *Timeu*.

A teoria política traz-nos de volta à *República*, mas convida, ao mesmo tempo, a um rápido regresso e consulta do *Protágoras* ou do *Górgias*, entre outros, tal como aconselha a ir mais à frente, consultar *O Político*, e, inclusive, a ir mais além, até às *Leis*, para confirmar que, da parte de Platão, se procedeu a uma certa revisão tardia de alguns aspectos mais polémicos e dificilmente aceitáveis, defendidos, anteriormente, em *A República*.

Entretanto, relativamente a Aristóteles, ainda que o seu pensamento e a sua obra signifiquem uma maior estabilidade e clareza de procedimentos, ou não estivéssemos perante «o criador da prosa científica e da forma expositiva»¹, não decorre daí que, muito frequentemente, não surja a necessidade de, a propósito de determinada questão, percorrermos e confrontarmos mais do que uma obra do filósofo.

Assim, e a título meramente indicativo, se se trata do estudo do pensamento político, obviamente que o mesmo remete directamente para a *Política*, mas, não dispensa, igualmente, uma incursão pela *Constituição dos Atenienses* ou pelas éticas *Nicomachea* ou *Eudemia*.

Se a questão se prende com o esclarecimento do estatuto do

¹ Ingemar Düring, *Aristóteles*, Heidelberg, 1966, 99. 19-20, apud M^a. H. Rocha Pereira, *Estudos de História da Cultura Clássica*, Lisboa, F.C.G., 1970, p. 378.

Motor Imóvel, no contexto da filosofia aristotélica, então é necessário recorrer à leitura da *Física* e da *Metafísica* e, posteriormente, proceder a um confronto, análise e interpretação das respectivas passagens, nas duas obras.

Por outro lado, a teoria do conhecimento, que remete directamente para a relação entre intelecto activo e intelecto passivo, levanta, obrigatoriamente, a questão da concepção aristotélica de alma. Esta, por sua vez, suscita outras questões que se prendem com a eventual separabilidade dos intelectos, a possibilidade da sobrevivência da alma ou intelecto individual ou, ainda, a eventual existência/presença de um intelecto divino. Ora, todas estas questões impõem, necessariamente, uma consulta e confrontação de diversas passagens de diferentes obras, tais como, o *De Anima*, a *Metafísica*, *Parva Naturalia*, os *Analíticos Posteriores* ou, inclusive, a *Ética Eudemia*.

Enfim, é evidente que, pese embora a importância e a extensão dos conteúdos abordados, o estudo do pensamento de Aristóteles, através da sua obra, não ficou ainda concluído, como, aliás, já antes havia sucedido com Platão. Mas, como vem sendo salientado ao longo desta rápida digressão, a qual visava, essencialmente, a apresentação da aplicação prática de alguns dos pontos do programa proposto para Filosofia Antiga, trata-se, simultaneamente, de uma inevitabilidade e de um risco ou opção ponderada.

De facto, a partir de um núcleo fixo ou central de questões de abordagem obrigatória, questões que são já em si o resultado de uma opção de carácter científico-pedagógico, decorre o progressivo aparecimento de uma periferia temática, a qual remete necessariamente para a análise e interpretação de um conjunto de

obras que se vêm a revelar de consulta não só recorrente como igualmente obrigatória.

Em rigor, como já se disse, não se poderá afirmar, obviamente, que os alunos realizaram um estudo da obra de Platão e de Aristóteles, na sua totalidade. Mas, na verdade, dever-se-á dizer que a metodologia seguida, através de repetidos contactos, experiências e incursões pelas diferentes obras, permitiu a aquisição de técnicas de abordagem, interpretação e relacionamento com o texto que antes eram desconhecidas. A partir de agora, elas funcionarão como instrumentos ou meios de abordagem e de consulta, definitivamente adquiridos, e que poderão ser postos em prática nas mais variadas circunstâncias com que por certo os alunos se irão defrontar, ao longo dos próximos anos.

Enfim, os alunos adquiriram um conhecimento razoavelmente satisfatório, tanto em extensão como em profundidade, dos temas e problemas que foram surgindo a partir de um contacto directo e continuado com o pensamento dos autores propostos. Progressivamente, foram-se apropriando dos meios e das técnicas que lhes permitirão, daí em diante, proceder às diferentes aproximações que os textos sugerirem e impuserem, ou seja, os alunos *aprenderam* como “procurar”, “onde” encontrar e “como” interpretar.

Reconheça-se, em conclusão, que, findo o ano lectivo, se de entre os diferentes objectivos atingidos, os alunos tiverem adquirido o gosto pela descoberta, a curiosidade pelo desconhecido, o prazer da leitura e uma certa destreza na utilização dos instrumentos que lhes permitam a concretização eficaz e efectiva dessas competências, deve considerar-se e registar-se (em “relatório de

disciplina”) que os objectivos essenciais, inicialmente propostos para a disciplina, foram inteiramente alcançados.

6. Em nota final, afigurara-se, pelas razões anteriormente apresentadas, como da máxima importância e como resultado de uma boa compreensão e correcto procedimento tanto científico como pedagógico, a manutenção da cadeira de Filosofia Antiga, pelo período de dois semestres, no primeiro ano de qualquer plano de estudos de Filosofia. Dois semestres será o período mínimo indicado e aceitável, tanto do ponto de vista pedagógico como do ponto de vista científico. Se, em tese, qualquer futura reestruturação curricular viesse a reduzir ainda mais este período, estaria a amputar o Curso de Filosofia de um pilar fundador e continuamente presente e convocado ao longo de todo o Curso. Esta transversalidade, esta recorrência, esta presença da Filosofia Antiga muito para além do primeiro ano, é constantemente testada e confirmada através da sua frequente aparição nos programas e nas aulas de anos subsequentes.

Acresce, ainda, constatar-se uma crescente curiosidade, interesse e procura, ao longo dos últimos anos, pelos temas do pensamento e da cultura clássica, em geral, e da Filosofia Antiga, em particular.

As muitas e excelentes edições e traduções, em diferentes línguas, e, no caso concreto, em português, que se têm feito nos últimos tempos das mais variadas obras e temas do pensamento clássico, são um testemunho seguro desse crescente interesse e procura². A estas iniciativas juntam-se as diferentes publicações

² Refira-se, a título meramente indicativo, as monumentais traduções para português da *Íliada* e da *Odisseia* de Frederico Lourenço; um consistente plano periódico de traduções de textos clássicos, levado a cabo pelas Edições 70, e a cargo de eminentes especialistas como, entre

periódicas da especialidade, as diversas associações de prestígio internacional ligadas directamente à investigação e divulgação do pensamento e da cultura antiga, tal como a presença constante destes mesmos temas em diferentes revistas de cultura e de filosofia ³.

Como nota final a esta introdução, a qual, recorde-se, visava salientar a importância e o interesse desta cadeira no Curso de Filosofia, diremos que, a manutenção da Filosofia Antiga (e, por que não?, da Cultura Clássica) no plano de estudos do Curso, é a promessa de um continuado gosto pelo filosofar e pela filosofia e a esperança na permanência de uma certa ideia, cada vez mais frágil, de *Ocidente*. *Ocidente* das humanidades, dos rostos, dos valores e dos princípios. *Ocidente* que, para o melhor e para o pior, é de origem e de fundo eminentemente grego.

outros, a eminente helenista Prof^a. Maria Helena da Rocha Pereira; a versão completa e bilingue de a *Política* de Aristóteles; a tradução para espanhol da totalidade dos *Tratados Hipocráticos*, a cargo de Carlos Garcia Gual; a tradução para francês da monumental obra de Mário Untersteiner, *I Sofisti*, a cargo de Alonso Tordesillas e com um extenso e precioso prefácio/ensaio do eminente helenista Gilbert Romeyer Dherbey.

³ Apresentar uma relação dessas publicações não se enquadra no âmbito desta introdução. Todavia, e, mais uma vez, a título meramente exemplificativo, refira-se o peso e a importância atribuída aos temas da cultura e do pensamento antigo, em publicações de associações de filosofia de grande prestígio internacional, como é o caso da *American Philosophical Association*; Centre d'Études sur la Pensée Antique *Kairos kai Logos*; *The International Association for Greek Philosophy*; *International Plato Society* ou *Society for Ancient Greek Philosophy*.

FILOSOFIA

ANTIGA

PROGRAMA

AS ORIGENS DA

FILOSOFIA

I

A PERIFERIA DA FILOSOFIA

1. O Ocidente prepara-se a Oriente: o eixo Atenas/Mileto. Os Gregos e as Grécias
2. A Cidade
3. A Escrita
4. O Direito
5. A Religião
6. A Cultura

II

O INTERIOR DA FILOSOFIA

1. História de uma palavra recente (*philo-sophia*)
2. Um impertinente assédio pelo olhar (*episteme/theoretike*)
3. Cavalgando a onda do espanto (*arche/thaumazein/pathos*)
4. O segredo de uma relação tensa e frutuosa (*agon/philia*)
5. O recuo do candidato (*sophos/philosophos*)
6. O que fazer com este [não] saber? (*theoria/praxis*)

III

INTRODUÇÃO À TERMINOLOGIA FILOSÓFICA

1. *Aporia, Euporia, Diaporia*
2. A *Arche* como origem e domínio continuado.
3. Por uma *Verdade [aletheia]* sem manto.
4. A comunidade *Logos/Mythos* e a emergência do conceito de razão.
5. Fundo e sem-fundo ou a questão do *Ser [on]*. Razão filosófica e Razão trágica.
6. A *Physis* como estrutura de origem e o conflito de *naturezas*.
7. O aparecimento da *Ideia [eidos]* como essencialização da *Coisa [eikon]*.

IV

A PREMÊNIA DAS ORIGENS**Conceitos contidos na ideia de Origem**

1. Conceito de lugar
2. Conceito de tempo
3. Conceito de processo

As origens e a estrutura psíquica do indivíduo

1. Maior racionalidade
2. Menor opacidade
3. Maior acção
4. O desejo das origens: desejo, procura e punição

As origens e o equilíbrio individual e colectivo

- 1. Domínio da historização**
- 2. Domínio da ordenação**
- 3. Domínio da acção**

OS FILÓSOFOS

PRÉ-

SOCRÁTICOS

- I. Nota sobre uma designação imprecisa
- II. Nota sobre uma História que [ainda] não existe

I. OS MILÉSIOS

TALES. Um homem de rupturas

1. O local, as datas e a obra
2. A notícia de Platão
3. A notícia de Aristóteles
4. A polivalência de Tales
5. As “frases” atribuídas a Tales.
6. Recomposição do contexto.
7. Tentativa de articulação coerente das “frases”
8. A importância de Tales como um pensamento de ruptura

ANAXIMANDRO. Uma *physis* tutelar

1. O local, as datas e a obra
2. A polivalência de Anaximandro

O FRAGMENTO DE ANAXIMANDRO:

1. As Fontes
 - a) Aristóteles
 - b) Teofrasto
 - c) Simplicio
 - d) Hipólito
 - e) Pseudo-Plutarco

2. *Physis*

- a) Análise do conceito
- b) Nos pré-socráticos em geral
- c) Em Anaximandro
- d) A *physis* e os deuses

3. *Arche*

- a) Análise do conceito
- b) Ocorrências anteriores
- c) Em Anaximandro

4. *Apeiron*

- a) Sentido qualitativo do conceito
- b) Sentido quantitativo do conceito
- c) Sentido qualitativo e quantitativo do conceito
- d) Carácter divino
- e) O que o *apeiron* não é:
 - imaterial
 - determinado
 - criado
 - intermédio
 - mistura
 - mortal
- f) Porquê o *apeiron*?
 - Aristóteles, *Física*, passagem 1): discussão
 - Aristóteles, *Física*, passagem 2): discussão
 - Conclusão

5. A questão dos mundos inumeráveis

- a) Coexistentes no tempo: discussão
- b) Sucessivos no tempo: discussão
- c) Terceira via: discussão

6. O castigo, a retribuição, a injustiça e o decreto do Tempo

- a) O conflito dos contrários
- b) A constante reposição dos níveis de equilíbrio
- c) O carácter da falta cometida
- d) O carácter arbitral do Tempo como juiz da
viabilidade cósmica
- e) A *polis* como inspiração de uma metáfora de raiz
legalista

6. Termos poéticos

- a) A permanência da influência do estilo poético
- b) A relação frutuosa entre prosa e poesia
- c) Transposição para o plano filosófico de um tema de
fundo poético

COSMOGONIA. A ORIGEM DO MUNDO:**1. Origem dos contrários**

- a) Aristóteles, *Física*, passagem 1): discussão
- b) Pseudoplutarco, *Stromateis*, passagem 2):
discussão
- c) Conclusão

2. Disposição e organização dos contrários

a) O processo

b) Os primeiros momentos do Universo

COSMOLOGIA. A ORDEM ACTUAL DO MUNDO:

1. A Terra

a) O processo de formação

b) A forma

c) A estabilidade

d) A centralidade

2. Os corpos celestes

a) O processo de formação

b) A forma

c) A localização

d) As dimensões

e) Os eclipses

ORIGEM DA VIDA ANIMAL E HUMANA

1. A origem da vida na Terra

2. A origem da vida animal

3. A origem da humanidade

ANAXÍMENES. Uma solução de compromisso

1. As fontes. O local, as datas e a obra
2. O fragmento de Anaxímenes
 - a) Tales demasiado concreto
 - b) Anaximandro demasiado discreto
 - c) A descoberta de uma terceira via como “meio” natural: *aer*
 - d) Características e virtualidades do *aer* como *arche*
 - e) Do mais sólido ao mais dúctil: condensação e rarefacção
 - f) A *akosmia* pré-cósmica
 - g) Os primeiros instantes do Universo: o despertar da alma do mundo. Uma *psyche* de batimento certo e ritmado.
 - h) O Mundo como uma *machina* e como um organismo: o traço animista

II. PITÁGORAS E O PITAGORISMO. Uma religião e uma ciência

1. As fontes para o conhecimento de Pitágoras e do Pitagorismo:
 - a) Platão
 - b) Aristóteles
 - c) Jâmblico
 - d) Porfírio
 - e) Heráclides Pôntico
2. No caminho do Pitágoras histórico. Os locais e as datas. A obra: renúncia à escrita
3. A confluência do traço jônio e do traço italiano no pitagorismo
4. A componente místico-religiosa do pitagorismo

- a) Influências órficas
 - b) A concepção de alma
5. A relação estreita entre a componente religiosa e a componente científica da Escola Pitagórica.
 6. Temas fundamentais da vertente científica (-religiosa) da Escola Pitagórica.

III. XENÓFANES. Poeta e Filósofo.

1. O local, as datas, a obra.
2. A persistência da expressão poética como veículo do pensamento filosófico.
3. A polémica ligação a Eleia.
4. Um poeta contra os poetas.
5. Um crítico implacável do saber e das crenças instituídas.
6. Alternativas inéditas e consistentes à teologia tradicional.
7. Avanços e retrocessos no programa cosmológico. Um ensaio de trabalho de campo.
8. Introdução da problemática gnosiológica: valor e limites do conhecimento.

IV. HERACLITO. O rio e as margens

1. Local, datas e obra.
2. A questão das fontes.
3. Um livro?

4. Uma personagem “enigmática” e “obscura”, brilhante e clara.
5. Um crítico contumaz de toda a *inteligência* consagrada.
 - a) Contra os poetas
 - b) Contra os médicos
 - c) Contra os filósofos
 - d) Purificação da religião tradicional
6. As traves mestras do pensamento filosófico: o *logos* e os *contrários*.
 - a) O *logos* em versões aparentemente diferentes
 - b) O rio e a unidade dos contrários: a unidade que liberta o devir
 - c) O deus que arde o mundo e acalenta a medida
7. Cosmologia.
 - a) O papel central do 4º elemento (fogo) e regresso ao *logos*
 - b) O segredo da ordem e do equilíbrio
 - c) O papel purificador e redentor do 4º elemento e regresso a deus
8. A Alma.
 - a) A relação da alma com o mundo
 - b) A purificação da alma
 - c) Alma e eterno retorno
9. Nota final. Heraclitismo : um sistema global, coerente e em circuito fechado.

v. PARMÉNIDES. A tirania do Ser

1. Local, datas e obra. O passado pitagórico.
2. “O Poema de Parménides”

- a) O estilo
- b) As partes

3. O Prelúdio ou Introdução Alegórica

- a) A razão de um estilo: significado da expressão oracular
- b) Pesquisa e interpretação dos traços simbólicos
- c) O Prelúdio como antecipação de críticas e preparação de defesas.

4. A Via da Verdade

- a) Método rigoroso; argumentação densa e concisa
- b) Mapa dos três caminhos: “é”/ “não é”/ “é e não é”
- c) A indistinção entre *existencial* e *predicativo*
- d) A premência do primeiro caminho: *estin*
- e) A impensabilidade do segundo caminho: *ouk estin*
- f) Anúncio da Via da Aparência:

- a aparente viabilidade e a perigosa admissibilidade do terceiro caminho: *estin kai ouk estin*

- os eventuais destinatários da bicefalia:

- hipótese Heraclito: discussão

- hipótese Pitagorismo: discussão

- g) A identificação entre Ser e Pensar

5. A Via da Aparência

- a) Uma inversão na ordem dos acontecimentos
- b) O carácter didático-pedagógico da Via da Aparência
- c) A salvação das aparências na tese W.K.C. Gutrie

VI. ZENÃO. Um discípulo fiel

1. Local, datas, obra, actividades
2. Uma argumentação agónica e dialéctica
3. A cultura do *para-doxo*
4. A defesa intransigente das teses de Parménides:
 - argumentos contra o espaço
 - argumentos contra a pluralidade
 - argumentos contra o movimento

VII. MELISSO. As cedências necessárias

1. Local, data, obra, actividades
2. A defesa do *Ser* parmenídeo através da sua infinitude
3. A defesa do *Ser* parmenídeo através da sua incorporeidade
4. O resultado das cedências de Melisso

VIII. EMPÉDOCLES. Um projecto global

1. Local, datas, obra, actividades.
2. As obras *Acerca da Natureza e Purificações*. A questão: complementaridade ou incompatibilidade?
3. Análise da obra *Acerca da Natureza*.

- a) Uma pesada herança: Parménides
- b) As concessões ao Ser parmenídeo:
 - nascer/perecer
 - realidade/irrealidade
- c) A subversão do Ser parmenídeo:
 - introdução da pluralidade
 - introdução do movimento
 - reabilitação dos dados dos sentidos
 - as fases do ciclo cósmico
 - as fases do ciclo cósmico e o nosso mundo
 - cosmogonia e cosmologia
 - as fases da evolução dos seres vivos
 - relação entre as fases do ciclo cósmico e as fases da evolução dos seres vivos

4. Análise da obra *Purificações*

- a) Recuperação de uma linha xamânico-religiosa de matriz pitagórica
- b) As fases da vida da alma
- c) O ciclo das transmigrações/reencarnações
- d) Metodologia da purificação e fuga ao ciclo

5. Experiências e teorias extra-curriculares

- a) Na área da física: a clepsidra
- b) Na área da fisiologia: o *sítio* do conhecimento

IX. ATOMISTAS: LEUCIPO E DEMÓCRITO. Exclusivamente Átomos

1. **Leucipo e Demócrito: o local, as datas, as obras:**
 - a incerteza relativa à correcta atribuição das diferentes obras a cada um dos filósofos.

2. **Os atomistas perante Parménides:**
 - a subversão do Ser parmenídeo

3. **A teoria dos átomos:**
 - a) **As características essenciais dos átomos**
 - b) **A forma, a posição e a disposição**
 - c) **Os átomos e o movimento**
 - d) **Os átomos e a formação dos corpos**
 - e) **Os átomos e as diferenças qualitativas entre os corpos**
 - f) **Os átomos e a alma**

4. **Cosmogonia e Cosmologia:**
 - a) **Os átomos e a formação do mundo**
 - b) **A origem e a natureza dos corpos celestes**
 - c) **A teoria dos mundos inumeráveis**

4. **Princípios de uma teoria do conhecimento:**
 - a) **O ser e a aparência**

5. **Teologia:**
 - a) **Os deuses e as origens da crença**
 - b) **O conhecimento e o futuro da humanidade**

OS SOFISTAS

E

SÓCRATES

X. ATENAS, SÉCULO V: UMA ÉPOCA DE MUDANÇA

1. Os novos contextos:

- a) Político**
- b) Social**
- c) Económico**
- d) Intelectual**
- e) Cultural**

2. Tragédia, Medicina, Filosofia

a) Características essenciais da razão trágica: o caso

“Antígona”:

- coro e consciência cívica**
- protagonista e conflito entre passado e presente**
- os duplos discursos**

b) Características essenciais da razão médica: o caso

Hipócrates:

- o significado do primeiro código deontológico**
- a relação médico/paciente, médico/doença**
- a relação entre sensibilidade e inteligência**
- o conceito de *logos***
- o conceito de *techne* médica**
- o conceito de natureza**
- o conceito de natureza humana**
- o conceito de *kairos* e o conceito de *tyche***

c) **Características essenciais da razão sofística:**

- o carácter filosófico do pensamento dos sofistas
- os temas fundamentais da reflexão sofística
- pensadores sem Escola
- um código deontológico?
- o sentido de uma sofística de primeira e segunda geração
- a influência da tradição platónico-aristotélica na transmissão do pensamento dos sofistas

d) **Quatro sofistas: Protágoras, Górgias, Trasímaco e Antifonte**

Protágoras:

- Local, datas e obras
- Análise das *Antilogias*
- Análise da *Verdade*
- Análise do mito do *Protágoras* de Platão
- Protágoras no *Teeteto*: análise da interpretação de Platão
- A teoria dos discursos *forte e fraco*: análise da notícia de Aristóteles na *Retórica*
- Conclusão

Górgias:

- Local, datas e obras
- Análise do Tratado *Acerca da Natureza ou do Não Ser* : defesa do carácter filosófico da obra

- Análise do *Elogio de Helena*: defesa do carácter filosófico da obra
- Relação entre as duas obras
- Retórica e Filosofia
- Conclusão

Trasímaco:

- Local, datas e obras
- Análise do testemunho de Platão no Livro I de *A República*
- Análise do fragmento *Sobre a Constituição*
- Análise do fragmento *Sobre os Deuses*
- Conclusão: para além da antilogia; pela Concórdia

Antifonte:

- Local, datas e obras
- A identidade: a questão antifônica
- A ontologia e cosmologia antifônica a partir da análise do testemunho de Aristóteles na *Física: rhythmoslarrythmiston*
- O pensamento político: análise da *Verdade. Natureza e Convenção*
- Ética e Antropologia: análise da *Concórdia. Natureza e Convenção. Natureza e Condição Humana*
- Conclusão

e) Sócrates:

- Local, datas
- Fontes para o conhecimento de Sócrates:
Aristófanes, Platão, Xenofonte, Aristóteles
e escolas socráticas menores
- Análise e crítica das fontes
- Análise das fases da evolução do
pensamento de Sócrates: naturalista,
sofista, socrática
- A condenação de Sócrates:
as peças da condenação
análise e crítica das mesmas
as razões da condenação
- Temas e orientações filosóficas
fundamentais

PLATÃO

E

ARISTÓTELES

XI. PLATÃO

1. Datas, vida e obra

2. Acontecimentos capitais

3. A obra:

a) Cronologia e critérios de autenticação:

- a componente literária
- a componente filosófica
- a componente linguística e estilística
- provas internas e referências recíprocas nos diálogos

b) A transmissão da obra

4. O Diálogo:

a) Formas de desenvolvimento do diálogo:

- diálogo aberto [*Teeteto*]
- diálogo fechado [*Górgias (Cálicles)*]
- diálogo conclusivo [*Timeu*]

b) O desfecho do diálogo:

- desfecho socrático
- desfecho platónico
- o significado do diálogo inconclusivo

c) A componente cénica do diálogo:

- a relação do diálogo com o público/leitor/ouvinte
- palco, cidade e filosofia
- a evolução da relação de Platão com Sócrates através dos Diálogos

5. A relação de Platão com a *filosofia antiga*:

- a) a influência pitagórica
- b) ir além de Heraclito
- c) resolver a aporia parmenídea
- d) combater a ameaça atomista
- e) calar os sofistas

6. Áreas ou disciplinas nucleares:

- a) teoria do conhecimento e teoria das ideias
- b) a questão da participação das ideias; participação e separação
- c) alma: origem, preexistência e imortalidade
- d) teoria da reminiscência: alma e conhecimento
- e) ética e teoria do conhecimento
- f) o Mundo e o Mundo das Ideias: teoria das origens
- g) ética e teoria política
- h) cidade e cultura

7. Diálogos. Leitura, análise e interpretação:

- a) *Hípias Menor*
- b) *Hípias Maior*
- c) *Apologia de Sócrates*
- d) *Crítón*
- e) *Górgias*

- f) *Ménon***
- g) *Crátilo***
- h) *Fédon***
- i) *República***
- j) *Parménides***
- k) *Sofista***
- l) *Timeu***
- m) *Leis***

XII. ARISTÓTELES

1. Datas, vida e obra.

- a) Um estrangeiro em Atenas**
- b) Discípulo de Platão**
- c) Espêusipo, e não Aristóteles, sucessor de Platão na direcção da Academia**
- d) A experiência macedónica**
- e) A ruptura com Platão**
- f) A fundação do Liceu**
- g) A acusação de impiedade e a saída de Atenas**
- h) Uma obra extensa e multidisciplinar**
- i) Um estilo rigoroso e austero**
- j) A transmissão da obra**
- l) As traduções de referência**
- m) Os estudos de referência**

2. Aristóteles e Platão

- a) Aristóteles perante Platão: caminhos diferentes perante projectos diferentes**
- b) Aristóteles perante Platão: caminhos idênticos perante projectos análogos**

3. Áreas de referência e disciplinas nucleares

a) Introdução à terminologia aristotélica:

- Essência e Acidente
- Acto e Potência
- Forma e Matéria
- Substância (*ousia*) / Substâncias (*ousiai*)
- Ser (*to on he on*) / Seres (*onta*)

b) O processo do conhecimento e as funções da alma:

- A experiência:
 - a sensação e a experiências das coisas externas
 - a consciência e a experiência das coisas internas
 - a matéria e a dimensão do individual
 - a ciência e a dimensão do geral
- Categorias e descrição
- Teoria das causas e explicação
- A Alma como primeira *entelecheia* de um corpo
- As funções da alma
- O intelecto paciente ou passivo como receptáculo
- O intelecto agente ou activo como actualidade
- O papel da indução e da intuição: intuição indutiva/intuição intelectual
- A Forma e a função da abstracção
- Nota: o intelecto activo como actualidade, impassibilidade e não mistura é a parte separável e imortal da razão?

c) A teoria do Ser

- O Ser das Matemáticas
- O Ser da Física
- O Ser da Filosofia
- O Ser como universal analógico ou *ser-dos-seres*
- O Ser como a substância eterna, imóvel, inextensa e indivisível
- Os dois sentidos de Ser são opostos e inconciliáveis ou relacionam-se e conciliam-se?
- As teses de Jaeger e de Aubenque
- Maneiras de Ser e maneiras de dizer: o Ser e o *logos*. O Filósofo e o sofista

d) A teoria do Mundo**O Mundo supralunar:**

- incorruptível
- incriado
- imutável
- movimento circular, perfeito e eterno
- seres eternos
- o elemento éter
- os astros, as esferas e os motores imóveis.

O Mundo sublunar:

- a natureza, a mudança, o lugar, o vazio e o tempo
- os quatro elementos: terra, fogo, ar e água
- corrupção
- mutabilidade
- indeterminação
- movimento rectilíneo: o alto e o baixo; o leve e o pesado

- seres sujeitos ao nascer e perecer

e) O Primeiro Motor, a Divindade e o Motor Imóvel

- O Motor Imóvel no último livro da *Física* (VIII):

- o Primeiro Motor e a origem do movimento
- o movimento: o não movido origem do movido
- o movimento e a teoria das causas
- a *causa incausada*
- características do Primeiro Motor: eterno, inextenso, indivisível
- o tempo e a eternidade

- O Motor Imóvel no livro XI da *Metafísica*:

- o Primeiro Motor e a origem do movimento
- a metáfora do *amor*
- o Motor Imóvel e Deus:
 - acto puro
 - não criador
 - pensamento autopensante
 - imóvel
 - transcendente
 - causa final do movimento eterno

- O Mundo perante Deus:

- potência e acto
- movimento eterno
- aspiração eterna
- causa final

f) Teoria Política

- Natureza e finalidade do Estado

- Crítica à doutrina política platónica
- Ética e Política
- Os regimes políticos
- O Bem supremo para a Cidade e para o indivíduo

g) Aspectos da ética aristotélica

- Ética e Política. *Phronesis* e *Politike*
- As virtudes do intelecto: sabedoria teórica e sabedoria prática
- Crítica à Teoria das Ideias ou das Formas de Platão
- Os desígnios do filósofo e da filosofia: saber e felicidade
- Elogio do *Justo Meio*

4) Os Trabalhos de Aristóteles: leitura, análise e interpretação.

- a) *Física*
- b) *Metafísica*
- c) *Ética Nicomachea*
- d) *Política*

XIII. INTRODUÇÃO ÀS FILOSOFIAS HELENÍSTICAS

1. A época Helenística: nota introdutória

- a) O fim da *polis* como Cidade-Estado.
- b) O esvaziamento do papel do cidadão.
- c) Da *polis* à *cosmopolis*.
- d) Da liberdade à liberdade interior.

e) A Biblioteca de Alexandria.

f) A aventura do *livro*: do papiro ao pergaminho; do códice ao livro.

2. Introdução às Filosofias Helenísticas

a) O Estoicismo.

- Os períodos, os representantes e as tendências.

- Temas centrais da Filosofia Estóica:

- A função da Filosofia.

- As partes da Filosofia.

- Filosofia e sistema.

- Lógica e Teoria do Conhecimento.

- Física: o Mundo, Deus, Providência e Destino. O Homem e a Liberdade

- Moral: a Virtude, as Paixões, o Valor, e o Dever.

b) O Epicurismo.

- As datas, os representantes, as ideias.

- O Epicurismo perante o Estoicismo.

- Temas centrais da Filosofia Epicurista:

- Canónica: relação entre sensação e razão; a sensação e o critério de verdade.

- Física: os átomos, o vazio e os deuses.

- Ética: teoria do desejo e do prazer.

- Teologia, teoria da alma e escatologia.

c) O Cepticismo.

- As fases, os representantes e as tendências.

- O Cepticismo perante o Estoicismo e o Epicurismo.

- Características distintivas do Cepticismo, segundo Sexto Empírico.

- O valor e os limites do conhecimento em questão. O critério de verdade.

- O Cepticismo através de alguns conceitos fundamentais:

apatia, metriopatia, afasia, epoche, tropo, dilema, ataraxia, fenómeno.

- **As perspectivas fundamentais do pirronismo.**
- **O cepticismo da Nova Academia.**
- **Os Cépticos Posteriores ou Neopirrónicos. Sexto Empírico.**

ENSAIO DE
DESENVOLVIMENTO DE
ALGUNS DOS PONTOS
DO PROGRAMA

INTRODUÇÃO AO
ESTUDO DA FILOSOFIA
ANTIGA

I

A PERIFERIA DA FILOSOFIA

NOTA PRÉVIA: Tal como foi referido anteriormente, o objectivo da inclusão deste capítulo, no contexto do programa de Filosofia Antiga, não pretende ser o tratamento completo e exaustivo de todas as vertentes que cada um destes pontos necessariamente contempla. Essa tarefa competiria, como se disse, a uma disciplina de carácter eminentemente histórico-cultural, senão mesmo à Cultura Clássica.

Limitamo-nos, assim, a compensar essas lacunas elegendo unicamente os temas que, do nosso ponto de vista, poderão ter influenciado, de uma forma mais ou menos próxima, as origens da filosofia.

Em cada um desses pontos, enunciam-se de forma relativamente detalhada os temas que, a propósito dos mesmos, serão desenvolvidos ao longo das aulas. Não se trata, por conseguinte, de, a partir de cada um desses pontos, *escrever as aulas*, mas antes, de apresentar e desenvolver uma série de tópicos que a decorrência das próprias aulas irá sugerindo e determinando. Esta será, igualmente, a metodologia que adoptaremos na apresentação dos capítulos subsequentes do programa.

1. O Ocidente prepara-se a Oriente: o eixo Atenas/Mileto. Os Gregos e as Grécias

A diversidade, a diferença e o carácter plural do povo grego: etnias, dialectos, costumes, tradições e crenças. A exiguidade do espaço e a penúria de recursos. A expansão como o gosto, a vertigem e a inevitabilidade da aventura. A colonização da costa ocidental da Ásia Menor e o aparecimento de um mundo novo de fundo grego. O desdobramento da Grécia: a Grécia antiga (continente) e a Grécia recente (oriente e ocidente).

Características gerais da Grécia da Ásia Menor: a colonização ou a arte da sedução/persuasão; viajantes, comerciantes, curiosos e falantes; troca de experiências e descoberta de outras culturas, crenças e costumes; livre circulação sugere e estimula livre pensamento e livre expressão; um progressivo florescimento económico favorece níveis elevados de bem-estar e induz emergência do ócio.

Características gerais da Grécia do Ocidente: a Grande Grécia dos latifúndios por oposição à Grécia do minifúndio; uma grande prosperidade económica graças à actividade agrícola de preferência à mercantil; religiosidade: uma relação mais forte e intensa com o sagrado; a emergência de um misticismo de carácter mais complexo e profundo; eventual influência sobre a tendência místico-religiosa do pensamento de Empédocles e das escolas pitagórica e eleática.

2. A Cidade

As origens da cidade: factores de ordem geográfica, económica, social e cultural; a topografia do terreno como factor natural adjuvante; os movimentos populacionais; os interesses económicos coincidentes; a língua e dialectos comuns; as crenças e práticas religiosas comuns; o sentimento de pertença, semelhança, igualdade; a lição de Aristóteles.

Da cidade arcaica à cidade clássica; conflitos sociais e experiências políticas; aristocracias, oligarquias, tiranias e tiranias populares; a invenção da democracia; a cidade como espaço e palco privilegiado às aventuras do *logos*; a palavra como chave da construção de um novo *cosmos* social e político; as noções de circularidade, centralidade, equidistância e imunidade, como elementos fundamentais para a criação de uma nova consciência cívica; a relação entre a organização físico-política da cidade e a organização mental do cidadão (*polites*); similitude entre arquitectura urbana e intelectual; o desenvolvimento intelectual, político, económico e cultural sob a égide do regime democrático; virtudes e erros do regime democrático; o regime democrático como um espaço de risco e de oportunidade, de crise, de conflito, de oposição de argumentos; o domínio absoluto da palavra e da persuasão (*peitho*) sobre qualquer outra forma de poder; o confronto de pontos de vista (*theoria*) e a necessidade de reflectir para optar.

3. A Escrita

O carácter rudimentar, não literário, das escritas micénica e cretense. Características gerais de uma sociedade sem escrita: a tradição oral; a mobilização maciça da memória; fixar, reter, armazenar; a lição dos Poemas

Homéricos; o elevado estatuto social do poeta como o detentor de um saber de memória feito; o poeta como a fonte e o arquivo da história e das origens não escritas; o poeta e a arte de gerir e convocar a memória; a relação estreita entre poeta, poesia e inspiração divina.

O aparecimento da escrita: adaptação de preferência a invenção. Características gerais de uma sociedade com escrita: a libertação da memória; mobilização equitativa das diferentes capacidades intelectuais: reflectir, discorrer, problematizar, debater... pensar; a palavra escrita substitui a palavra dita: a fixidez, constância e univocidade transmitidas pela escrita; a escrita como um factor de democraticidade e igualdade.

4. O Direito

Lei escrita e lei não escrita. Características gerais de uma sociedade estruturada na base da lei não escrita: o carácter ambíguo e arbitrário da lei; a importância da riqueza e da classe social no controlo e manipulação da lei; os diferentes níveis da lei não escrita: divina, natural e humana; a permanência da lei divina e natural para além do aparecimento da lei escrita; o conflito e o debate entre a lei não escrita e a lei escrita, através da produção cultural e filosófica; a contribuição dos poetas trágicos (Esquilo, Sófocles, Eurípides) para o aprofundamento da consciência de um conflito entre lei escrita, lei natural e lei divina.

Características gerais de uma sociedade estruturada na base da lei escrita: a universalidade e univocidade da lei; a lei como factor de proporcionalidade, igualdade e democraticidade; a lei escrita como factor de conflito/oposição de pontos de vista; o carácter relativo, precário e temporário da lei escrita.

A relação estreita entre direito, ética e política; o domínio do direito como um domínio central de toda a reflexão política e filosófica; a relação íntima e permanente, ao longo de todo o pensamento filosófico grego, entre direito, política e filosofia.

5. A Religião

Características gerais da religião grega. A relação entre a origem e a

pluralidade dos deuses e a origem e pluralidade dos povos de língua grega. A humanidade da religião grega: os deuses à imagem dos homens; a religião e a ausência de um paradigma de natureza ética; a ética e a moral ficam a cargo dos homens; a problematização do sagrado no pensamento dos poetas trágicos; o carácter cívico-político da religião grega; a religião popular e a religião da cidade; a importância da filosofia no movimento de renovação e purificação da religião tradicional; a filosofia como a fonte das críticas mais demolidoras à religião tradicional.

6. A Cultura

Os Poemas Homéricos como um traço de união e um vínculo de identidade entre os gregos; um arquivo histórico que atesta as origens, explica o passado e justifica o presente; um modelo de alfabetização e literacia da maior importância; fonte das críticas mais violentas à religião tradicional e do movimento de renovação e purificação da religião; a progressiva abertura e democratização dos Poemas: de poesia de corte a poesia da cidade.

Os *Trabalhos e Dias* de Hesíodo como um índice de crise na época arcaica; a emergência de uma nova classe com um novo corpo de valores: a crise do modelo aristocrático e o anúncio de uma nova época. A *Teogonia* como uma das primeiras tentativas pré-filosóficas no sentido de impor “ordem” (*cosmos*) e atribuir sentido e razoabilidade às origens do mundo; o começo da *Teogonia* («primeiro surgiu o caos») como uma promessa de racionalidade que não se cumpre.

Os aspectos cosmogónicos de raiz propriamente grega e de origem não grega; possíveis influências das civilizações dos grandes rios: Egipto e Mesopotâmia.

II

O INTERIOR DA FILOSOFIA

NOTA PRÉVIA: Neste capítulo, pretende-se mostrar que, por um lado, a aventura do filosofar começa logo na própria palavra que irá definir o resultado dessa actividade, e que, ao mesmo tempo, essa aventura tem origem num determinado lugar, num determinado tempo e que acontece de um modo único e peculiar. A Grécia, os gregos, a filosofia e o filosofar não são uma abstracção. É quase possível retrazar as linhas que deram forma a esses lugares, a esses corpos, a esses pensares. De alguma maneira, à medida que as linhas vão dando contorno à forma, é como se uma parte de nós próprios começasse a ser revelada. O *Ocidente* começa *ali*.

1. História de uma palavra recente (*philo-sophia*)

Em busca da palavra-chave; a invenção da palavra possível; *philo-sophia* como um neologismo; representação de um saber a meio caminho entre o saber e o não saber: um saber que sabe que não sabe.

2. Um impertinente assédio pelo olhar (*episteme/theoretike*)

Um meio de apropriação/pertença (*episteme*) das coisas através de uma certa forma insistente e impertinente de olhar/contemplar (*theoretike*); manter algo sob observação em ordem a desvendar-lhe o *ser*, o que é.

3. Cavalgando a onda do espanto (*arche/thaumazein/pathos*)

A origem da filosofia, segundo Platão (*Teeteto* 155d) e Aristóteles (*Metafísica* A2, 982b 12 sq.); ampliação do horizonte de compreensão, através da interpretação das frases empreendida por Heidegger; *arche* como origem,

controlo e domínio continuado; *thaumazein* como admiração, assombro, estranheza; *pathos* como sofrimento, suportação.

4. O segredo de uma relação tensa e frutuosa (*agon/philia*)

A origem comum da cidade e da filosofia: a amizade (*philia*), a semelhança, a igualdade (*isonomia*), o confronto, o combate (*agon*); iguais e rivais: jogos, teatro, tribunal, política, filosofia; o domínio da filosofia: amigos amigos, verdade à parte; o caso Platão/Sócrates; o caso Aristóteles/Platão.

5. O recuo do candidato (*sophos/philosophos*)

Uma característica eminentemente grega: do *sophos* ao *philosophos*; o *philosophos* como candidato ou pretendente à *sophia*; o *philosophos* como paradigma de uma nova postura perante o saber.

Sabedoria e filosofia: Oriente e Ocidente; a origem divina e a origem humana do saber; o saber como revelação e o saber como criação ou descoberta; o saber revelado impõe limites, subordinação e conservação; o saber como criação ou descoberta opõe-se à tradição, é um trabalho livre de compromissos ou preconceitos.

6. O que fazer com este [não] saber? (*theoria/praxis*)

Sabedoria e filosofia. Oriente: filosofia como contemplação/veneração. Ocidente: filosofia como acção/intervenção; criação eminentemente grega: a filosofia não se limita a interpretar o mundo; intervém no sentido de o corrigir ou transformar: sete sábios, pré-socráticos, sofistas, Sócrates, Platão, Aristóteles.

III

INTRODUÇÃO À TERMINOLOGIA FILOSÓFICA

NOTA PRÉVIA: Não se trata, obviamente, de fazer um vocabulário filosófico. Pretende-se, essencialmente, através de uma breve referência a dois, três termos filosóficos gregos, estimular o interesse dos alunos pela pesquisa da terminologia filosófica, levando-os a descobrir que não existe, propriamente falando, uma língua filosófica, mas um uso filosófico da língua. Ou seja, os termos filosóficos gregos são, geralmente, anteriores à própria filosofia, já trazem vida, história e maturidade. A filosofia como que torna mais madura essa maturidade. Concretamente, a filosofia infiltra-se e apropria-se da língua corrente, explorando, através de diferentes processos, todos os seus recursos: ora utilizando a terminologia corrente, ora empreendendo rupturas, em ordem a atingir um nível mais elevado de tecnicidade, ora procedendo a reatribuições de sentido, ou, em última análise, criando neologismos.

Os termos filosóficos gregos contam muito do combate travado entre as ideias e as palavras. Eles mostram, igualmente, que o filosofar pode não ter sido um exclusivo dos filósofos tradicionalmente considerados na História da Filosofia. Assim, por exemplo, a respeito do conceito de *Ser*, e com base em alguns tópicos sugeridos por uma passagem da *Introdução à Metafísica* de Heidegger, propomo-nos ir mais além, indagando o que une e o que separa razão trágica e razão filosófica, fazendo, por essa via, uma incursão por um domínio que não é geralmente considerado nos programas de Filosofia Antiga.

1. Aporia, Euporia, Diaporía

Os diferentes sentidos de *aporía* (impasse, impossibilidade, obstáculo permanente ou provisório, passagem difícil [*poros*=passagem], sem recursos: - procura da verdade pelo desbravar de um caminho de obstáculos -; *euporia* (passagem fácil, pleno de recursos, caminho aberto, o saber ou a ilusão de saber); *diaporía* (caminho livre de *aporía* rumo à verdade).

A ocorrência e o significado de alguns destes conceitos em autores pré-socráticos, nos domínios da física, da vida prática e da gnosiologia: Heraclito, Empédocles, Demócrito, Górgias.

A ocorrência e o significado de alguns destes conceitos em Platão (e Sócrates), nos domínios físico, psicológico e gnosiológico.

A ocorrência e o significado de alguns destes conceitos em Aristóteles: o reconhecimento da ignorância ou não saber através do espanto e da *aporia*; a *aporia* como consciência de oposição e necessidade de escolha entre razões contrárias (*Tópicos* VI, 145b); *aporia* como incerteza, dúvida e perplexidade; o método *diaporemático* (*Tópicos* I,2) como representação da via ou caminho que conduz aos princípios; a *diaporia* como processo dialéctico e como método de investigação ou pesquisa; a *diaporia* resolve a *aporia* e conduz à verdade.

2. A Arche como origem e domínio continuado

Arche como origem, princípio, começo, soberania, domínio continuado.

Ocorrências pré e extra-filosóficas: em Homero como começo, origem; em Píndaro como soberania.

Ocorrências filosóficas: Anaximandro terá sido o primeiro filósofo a empregar o termo com um sentido técnico e duplo: origem e domínio continuado; no pitagorismo poderá ter surgido o conceito de *archai* aritméticas e geométricas; com Empédocles as quatro raízes ou *archai* de todas as coisas; nos atomistas, os átomos ou *archai* constitutivas de toda a matéria; em Aristóteles, o conceito de *hyle* como princípio de mudança e substrato indefinido aproxima-se e identifica-se com *arche*.

3. Por uma Verdade [aletheia] sem manto.

Definição tradicional de *verdade*. Objecções. A *verdade* como uma questão paradoxal: uma presença ausente. Luz, brilho, *verdade* / trevas, sombras, ignorância e erro. A *verdade* como não-ocultação (*aletheia*); a *verdade* como pudor, decoro, contenção; a *verdade* como esquecimento/afundamento; a *verdade* como encobrimento (Heraclito: «a *physis* gosta de ocultar-se»); a

verdade como realidade/autenticidade; a *verdade* como acordo/conformidade; a *verdade* como liberdade. Verdade e erro.

4. A comunidade *Logos/Mythos* e a emergência do conceito de *Razão*

Razão calorosamente defendida pela sua frieza: ordem, medida, rigor, coerência lógica, explicação, contenção; os poderes da razão: indução, dedução, regulação, contemplação; natureza da razão: realidade física/realidade transcendente; planos da razão: razão discursiva como «discurso interior da alma consigo própria» (Platão, *Sofista* 263e); razão intuitiva como captação directa das essências; razão como sabedoria e prudência (Aristóteles, *Ética Nicomachea*).

Regresso aos gregos: a razão como *logos*; história de um verbo (*legein*) e de um substantivo (*logos*): colher, reunir, escrutinar, contar / conta, enumeração, narração, reflexão, argumentação, proporção, medida; ocorrências pré-filosóficas do termo *logos*: *Íliada* (com o sentido de narração), *Odisseia* (com o sentido de argumentação); ocorrências em contexto filosófico com sentido técnico e específico: em Heraclito, como inteligência universal, discurso, medida, proporção, manifestação da estrutura racional de todas as coisas; em Parménides, com o sentido (preciso?) de razão; em Platão, com o sentido preciso de razão (*República* 529d), discurso verdadeiro e analítico; em Aristóteles, como razão, definição, proporção.

Mito e Razão: o mito tem razão e a razão tem mito; semelhanças e diferenças. Semelhanças: etimologia comum (fala, palavra, discurso, história); procura de uma *ordem* do Mundo; coexistência e permanência, no espírito humano, entre ordem mágica e ordem racional; mitologias da ciência e mitologias da razão. Diferenças: a razão é aberta, força o núcleo denso do mito; o mito é fechado; a razão é um caminho; o mito é um fim, o mito sucede ao mito.

A relação dos filósofos pré-socráticos com o pensamento e a explicação mítica. Os sofistas perante o mito: Protágoras e o mito das origens, no *Protágoras* de Platão. O papel central do mito no discurso e no pensamento de Platão: o significado do mito, as circunstâncias da sua convocação e a sua articulação com um discurso racional. Questão resolvida de uma forma clara, rápida e incisiva, por Aristóteles, na *Metafísica*.

5. Fundo e sem-fundo ou a questão do Ser [on]. Razão trágica e Razão filosófica.

O Ser como um conceito indefinível pela sua extensão; definição e relação entre extensão e compreensão; o Ser e a relação entre existência e consistência. A pergunta pelo Ser: «por que há algo em vez de nada?»; características da questão: a mais vasta, a mais profunda, a mais originária.

Regresso aos Gregos: a teoria do Ser [on] na obra de Parménides, concretamente, na *Via da Verdade*; o Ser e a teoria dos *eide* em Platão; a questão do Ser abordada em extensão e profundidade, na *Metafísica*, por Aristóteles.

A relação entre *ser* e *vir a ser* / *ser* e *aparência*⁴; *ser*, *aparecer*, *suposição*, *opinião (doxa)*; a tragédia de *Édipo Rei*⁵: interpretação à luz da relação entre *ser* e *aparência*, verdade (*aletheia*) e opinião (*doxa*).

Razão trágica e razão filosófica. O projecto filosófico: defesa de uma razão dominante, garante de permanência e ordem; assegura um saber com estatuto de científico; algo acima dos condicionamentos particulares, históricos ou sociais; o sistema como totalidade racional do real (estoicismo); o carácter anti-trágico da filosofia de Platão; a lógica filosófica é uma lógica unívoca: «de duas proposições contraditórias, se uma é verdadeira, a outra será necessariamente falsa».

Características gerais do pensamento trágico: uma lógica equívoca; a contradição existe; não há princípio da não-contradição que a anule; não há um corte radical entre verdadeiro e falso; ambiguidade e pertinência dos discursos contraditórios; uma interrogação persistente e sem resposta; a polissemia do *logos*: conflito de unilateralidades / conflito de interpretações; significado de algumas palavras-chave: *pathei mathos* (aprender através do sofrimento); *hybris* (excesso, desmesura; o próprio do humano: é o que dá força ao amor e ao ódio, à bondade e à maldade, a *eros* e a *thanatos*); *deinos* (o terrível, o maravilhoso inquietante: expressa a contradição que o homem é para si mesmo: um ser duplo).

⁴ A partir de uma passagem de *Introdução à Metafísica*, de Heidegger.

⁵ Idem.

IV

A PREMÊNCIA DAS ORIGENS

NOTA PRÉVIA: A problemática das origens irá sendo abordada ao longo do programa, através do pensamento dos filósofos. Neste capítulo introdutório, pretende-se, essencialmente, sensibilizar a atenção dos alunos para o facto desta questão ser qualquer coisa de muito peculiar, uma vez que se constitui como um passado que constantemente é convocado pelo presente, ou seja, trata-se de um compromisso ou vínculo que o presente procura, no sentido de estabelecer uma aliança ou uma cadeia estabilizadora entre passado, presente e futuro.

Em síntese, o conhecimento das origens, como a procura de um fundo amortecedor ou de um princípio seguro e fundador, não é propriamente uma coisa *antiga*; trata-se, essencialmente, de um traço de natureza eminentemente humana e, nesse sentido, filosófica.

1. Conceitos contidos na ideia de Origem

Conceito de lugar: o sagrado irrompe num sítio inequívoco.

Conceito de tempo: o sagrado acontece num momento preciso.

Conceito de processo: uma lógica interna no modo de desenvolvimento dos acontecimentos.

2. As origens e a estrutura psíquica do indivíduo

Maior racionalidade: o mundo passa a ter *uma razão de ser*.

Menor opacidade: saber mais das origens reduz as zonas de densa opacidade.

Maior acção: o conhecimento das origens representa uma retaguarda segura, a qual favorece a acção.

O desejo das origens: desejo, procura e punição; a vertente cognitiva e a vertente afectiva na busca das origens.

3. As origens e o equilíbrio individual e colectivo

Domínio da historização: o passado explica o presente e justifica continuar para o futuro.

Domínio da ordenação: transmite uma visão de um mundo ordenado, fornece uma *cosmo*-visão.

Domínio da identidade: a origem é o núcleo da consciência, da identidade pessoal e do grupo.

OS FILÓSOFO
PRÉ-SOCRÁTICOS

I. Nota sobre uma designação imprecisa

NOTA PRÉVIA: No momento em que se inicia o estudo dos filósofos pré-socráticos, é necessário chamar a atenção dos alunos para o facto de que, sob esta designação, ocorrem algumas imprecisões de carácter histórico e cronológico. Efectivamente, a História da Filosofia determinou, em função de critérios de ordem essencialmente filosófica (e, por isso mesmo, de ordem vincadamente subjectiva), que a linha de demarcação se colocava em Sócrates e que a História da Filosofia Antiga se fazia na base de *antes* e *depois* de Sócrates. Daqui, decorre que, sob a designação de *pré-socráticos*, se albergam uma série de pensadores que, de facto, não são pré-socráticos, mas, ao contrário, são contemporâneos ou posteriores a Sócrates. Assim, torna-se necessário salientar a escolha deste ponto de demarcação, para, a partir daí, tentar encontrar as causas e as consequências dessa escolha. Refira-se, a título de exemplo, que, com base nesta demarcação, podem omitir-se áreas de relevante importância do pensamento dos filósofos ou, ignorar-se, liminarmente, a sua mera existência. Procurar as razões desta atitude é, como se disse, tarefa que deve ser levada a cabo, neste ponto do programa.

II. Nota sobre uma História que [ainda] não existe

NOTA PRÉVIA: Trata-se de uma breve nota para sublinhar que a Filosofia, nas suas origens, ainda não tem História. Ou seja, de um certo ponto de vista, pode dizer-se que os primeiros filósofos são mesmo *livre-pensadores* no sentido em que não têm aquilo de que qualquer pensador posterior jamais se poderá libertar: a necessidade da consideração da História da Filosofia e a inevitabilidade da vinculação a uma série de factores caracterizados pela dependência, necessidade e antecendência. Mas, ao mesmo tempo, serve a presente para ir assinalando os lugares e os momentos do pensamento dos filósofos onde se começa a perscrutar o aparecimento dos primeiros elementos do grande edifício que virá a ser a História da Filosofia. Em Xenófanes, possivelmente, em Heraclito sem dúvida, em Paménides, provavelmente, em Empédocles, certamente, em Platão, implicitamente, em Aristóteles, clara e consistentemente.

I

OS MILÉSIOS

NOTA PRÉVIA: Os milésios merecem um destaque especial, uma vez que, para todos os efeitos, são os criadores dessa grande aventura que é o filosofar.

Impõe-se recordar os factores de ordem externa, inicialmente estudados, dado que terão contribuído fortemente para a emergência desse filosofar. Convém sublinhar, igualmente, que os milésios terão sido os livre-pensadores mais livres da História da Filosofia, precisamente porque esta ainda não existia, e, também, os mais arrojados porque abriram caminho e criaram espaço num terreno ocupado pela tradição e num universo saturado de mito.

De entre os *três*, o destaque terá de ir para Anaximandro como *primus inter pares*: seja porque, no conjunto dos testemunhos e fragmentos, o acaso quis que chegassem até nós extractos de alguns dos momentos mais brilhantes do pensamento do filósofo, seja porque o pensamento e a obra de Anaximandro são, de facto, de um brilhantismo e de uma ousadia sem paralelo.

Entretanto, não se inferirá daqui, menor relevo e reconhecimento relativamente a Tales e Anaxímenes. De facto, Tales é, atestadamente, o *primeiro*, facto “pinturescamente” relatado tanto por Platão como por Aristóteles; e Anaxímenes, como o *terceiro*, merece ser igualmente reavaliado, uma vez que procede a uma engenhosa síntese das contribuições dos seus antecessores, síntese muito mais complexa e original do que a versão geralmente corrente pode deixar pensar.

TALES.

1. O local, as datas e a obra
2. A notícia de Platão
3. A notícia de Aristóteles

4. A polivalência de Tales
5. As “frases” atribuídas a Tales.
6. Recomposição do contexto.
7. Tentativa de articulação coerente das “frases”
8. A importância de Tales como um pensamento de ruptura

SÍNTESE E ARTICULAÇÃO DE ALGUNS DOS TEMAS ENUNCIADOS:

Análise e interpretação das duas notícias sobre Tales transmitidas por Platão e Aristóteles.

Constatar que o seu carácter contraditório é apenas aparente e que as mesmas se completam, no sentido de fornecerem uma determinada imagem do filósofo.

Tentar estabelecer um vínculo e uma articulação coerente entre as três frases atribuídas ao milésio.

Aproximar o tema da água – central no pensamento de Tales – a eventuais influências das civilizações próximo-orientais dos grandes rios, concretamente, civilizações egípcia e mesopotâmica.

Sinalizar e interpretar os pontos em que é claramente notória a tentativa de ruptura entre uma lógica mítica e uma racionalidade filosófica.

ANAXIMANDRO.

1. O local, as datas e a obra
2. A polivalência de Anaximandro

O FRAGMENTO DE ANAXIMANDRO:

3. As Fontes
 - a) Aristóteles

- b) Teofrasto
- c) Simplício
- d) Hipólito
- e) Pseudo-Plutarco

4. *Physis*

- a) Análise do conceito
- b) Nos pré-socráticos em geral
- c) Em Anaximandro
- d) A *physis* e os deuses

3. *Arche*

- a) Análise do conceito
- b) Ocorrências anteriores
- c) Em Anaximandro

4. *Apeiron*

- a) Sentido qualitativo do conceito
- b) Sentido quantitativo do conceito
- c) Sentido qualitativo e quantitativo do conceito
- d) Carácter divino
- e) O que o *apeiron* não é:
 - imaterial
 - determinado
 - criado
 - intermédio
 - mistura
 - mortal

f) Porquê o *apeiron*?

- Aristóteles, *Física*, passagem 1): discussão
- Aristóteles, *Física*, passagem 2): discussão
- Conclusão

5. A questão dos mundos inumeráveis

- a) Coexistentes no tempo: discussão
- b) Sucessivos no tempo: discussão
- c) Terceira via: discussão

6. O castigo, a retribuição, a injustiça e o decreto do Tempo

- a) O conflito dos contrários
- b) A constante reposição dos níveis de equilíbrio
- c) O carácter da falta cometida
- d) O carácter arbitral do Tempo como juiz da viabilidade cósmica
- e) A *polis* como inspiração de uma metáfora de raiz legalista

7. Termos poéticos

- a) A permanência da influência do estilo poético
- b) A relação frutuosa entre prosa e poesia
- c) Transposição para o plano filosófico de um tema de fundo poético

COSMOGONIA. A ORIGEM DO MUNDO:

1. Origem dos contrários

- a) Aristóteles, *Física*, passagem 1): discussão
- b) Pseudoplatarco, *Stromateis*, passagem 2): discussão

c) Conclusão

2. Disposição e organização dos contrários

a) O processo

b) Os primeiros momentos do Universo

COSMOLOGIA. A ORDEM ACTUAL DO MUNDO:

1. A Terra

a) O processo de formação

b) A forma

c) A estabilidade

d) A centralidade

2. Os corpos celestes

a) O processo de formação

b) A forma

c) A localização

d) As dimensões

e) Os eclipses

ORIGEM DA VIDA ANIMAL E HUMANA

1. A origem da vida na Terra

2. A origem da vida animal

3. A origem da humanidade

NOTA PRÉVIA: O estudo do pensamento de Anaximandro será realizado, em

primeira análise, a partir da apresentação do fragmento que lhe é atribuído e da exploração de toda a informação que o mesmo possa conter. Em diferentes momentos da análise, convocar-se-á para confronto o testemunho de outras fontes indirectas. De seguida, e esgotada que esteja a análise do fragmento, passar-se-á à análise e discussão dos diferentes testemunhos provenientes de fontes diversas, assinalando-se, a propósito, as divergências e coincidências, na tentativa de restabelecer a unidade e coerência original do seu pensamento.

SÍNTESE E ARTICULAÇÃO DE ALGUNS DOS TEMAS ENUNCIADOS:

Análise do Fragmento. A *physis*: como era entendida pelos pré-socráticos em geral; Anaximandro ter-se-á referido a *physis*? Se o fez, com que sentido? A *physis* e os deuses.

A relação entre *arche* e *apeiron*: ocorrências pré-filosóficas (*Ilíada*, *Odisseia*, Teógnis); em Anaximandro: “começo”, “origem”, “princípio”, divino (imortal, imperecível, eterno, isento de velhice).

O *apeiron*: etimologia da palavra; em que sentido é empregue por Anaximandro? Hipótese 1) sentido qualitativo, hipótese 2) sentido quantitativo, hipótese 3) sentido quantitativo e qualitativo. Discussão. O que o *apeiron* não é: é material, mas não é a matéria das coisas; não é um elemento intermédio, não é uma mistura de elementos, não é criado, não é mortal. Por que optou pelo *apeiron*? Hipótese 1) fonte inesgotável de matéria (Aristóteles), hipótese 2) acima e fora dos elementos (Aristóteles). Discussão.

Mundos inumeráveis? Análise dos testemunhos antigos (Simplicio, Écio, Cícero); posição dos eruditos: hipótese 1) sucessivos no tempo (Zeller), hipótese 2) coexistentes no tempo: hipótese 3) nem sucessivos nem coexistentes: o mundo é eterno (Kirk e Raven). Discussão.

«(...) segundo a necessidade (...)»: interpretação do sentido da passagem.

« (...) pagam castigo e retribuição (...) injustiça (...) decreto do tempo (...) ». Interpretação do sentido da passagem: a causa e o tipo de *castigo* praticado; o tipo e o montante da *retribuição*; a causa e o tipo de *injustiça* praticada; a forma e o tipo de *decreto* promulgado; o estatuto do *Tempo*; o *Tempo*, o *apeiron* e a divindade.

« (...) termos um tanto poéticos (...) ». Interpretação do sentido da passagem: prosa e poesia; a antiguidade do estilo poético e o advento recente

da prosa via aparecimento da escrita.

A Cosmogonia. A cosmogonia e a origem dos contrários: hipótese 1) Aristóteles, *Física*: os contrários libertam-se directamente do *apeiron*; hipótese 2) Pseudoplatarco, *Stromateis*: uma massa liberta-se do *apeiron*. Discussão das propostas em análise e fundamentação de uma escolha.

Cosmologia. O processo de formação da Terra e dos corpos celestes. A Terra e a relação entre centralidade, estabilidade e imunidade. A forma e a matéria dos corpos celestes; uma explicação *científica* dos eclipses; a quantificação dos graus de grandeza dos diferentes corpos celestes e a tentativa de matematização do universo.

A origem da vida na Terra. A distinção entre a origem da vida em geral, a origem da vida animal e a origem da humanidade. A percepção de um longo período de carência característico da vida humana.

ANAXÍMENES.

1. As fontes. O local, as datas e a obra

2. O fragmento de Anaxímenes

a) Tales demasiado concreto

b) Anaximandro demasiado discreto

c) A descoberta de uma terceira via como “meio” natural: *aer*

d) Características e virtualidades do *aer* como *arche*

e) Do mais sólido ao mais dúctil: condensação e rarefacção

f) A *akosmia* pré-cósmica

g) Os primeiros instantes do Universo: o despertar da alma do mundo. Uma *psyche* de batimento certo e ritmado.

i) O Mundo como uma *machina* e como um organismo: o traço animista

NOTA PRÉVIA: Tal como já sucedera anteriormente com Tales e Anaximandro, após uma apresentação introdutória, que terá essencialmente em conta o local, a vida, as datas, a (eventual) obra e a discussão das fontes, apresenta-se de

imediatamente, tal como havia ocorrido com Anaximandro, o único fragmento atribuído a Anaxímenes. A análise do fragmento não dispensa, contudo, a frequente recorrência à análise de outros testemunhos indirectos, que contribuirão para ampliar o horizonte de compreensão do referido fragmento.

Entretanto, pelo que se conhece, ter-se-á de dizer que o pensamento deste milésio não apresentará a força, o fulgor e os rasgos de rara originalidade que emergiram claramente da análise do pensamento do seu antecessor.

Todavia, dever-se-á deixar sempre em suspenso a hipótese de que essa apreciação poder-se-á ficar a dever à nossa ignorância relativamente a uma parte substancial do pensamento de Anaxímenes. Seja como for, dever-se-á sempre sublinhar a síntese criadora conseguida pelo milésio, através da conciliação das propostas dos seus antecessores. Esta síntese criadora, esta originalidade subtil, conseguida à custa da introdução de um fino e impalpável elemento e resultante de uma análise e de um amadurecimento das propostas de Tales e de Anaximandro, pode ser, igualmente, o primeiro sinal de *vida* de uma História da Filosofia que há-de vir.

SÍNTESE E ARTICULAÇÃO DE ALGUNS DOS TEMAS ENUNCIADOS:

Anaxímenes na confluência de duas heranças de sentido contrário: a herança demasiado concreta e pesada (*água*) de Tales e a herança demasiado discreta e subtil (*apeiron*) de Anaximandro.

As virtualidades do elemento *ar*: indefinidamente vasto em extensão; visível e experienciável em determinadas circunstâncias; meio termo entre o leve e o pesado – elemento constitutivo dos domínios terrestre e celeste.

Erradicação da imagem presente em Anaximandro do mundo como um palco de batalha entre contrários.

Explicação “científica” dos fenómenos de condensação e de rarefacção.

A identificação do *ar* com a divindade e uma nova concepção do divino; a eventual identificação do *ar* com a alma do mundo; a possível analogia da alma humana com a alma do mundo.

II. PITÁGORAS E O PITAGORISMO.

1. As fontes para o conhecimento de Pitágoras e do Pitagorismo:

- a) Platão
- b) Aristóteles
- c) Jâmblico
- d) Porfírio
- e) Heráclides Pôntico

2. No caminho do Pitágoras histórico. Os locais e as datas. A obra: renúncia à escrita

3. A confluência do traço jônio e do traço italiano no pitagorismo

4. A componente místico-religiosa do pitagorismo

- a) A Escola. A regra do silêncio
- b) A concepção de alma. Eventuais influências gregas e não gregas
- c) Orfismo e pitagorismo
- d) A relação estreita entre a componente religiosa e a componente científica da Escola Pitagórica.

5. Temas fundamentais da vertente científica (-religiosa) da Escola Pitagórica.

- a) O monocórdio. Proporções e consonâncias. Definido/Indefinido.
Limite/Ilimitado
- b) Números, *coisas* e figuras
- c) Cosmogonia. Os diferentes momentos da formação do Mundo
- d) Cosmologia. A ordem e a harmonia do Mundo

NOTA PRÉVIA: A inclusão do pitagorismo neste ponto do programa, teve unicamente em conta critérios de ordem cronológica, ainda que consideremos igualmente válida a opção por critérios de ordem geográfica ou filosófica. Seja qual for o critério utilizado, com o pitagorismo verifica-se como que o fim de um

ciclo de traço essencialmente *físico*, naturalista e (quase) laico, e o advento de uma nova era marcada por novas orientações filosóficas.

Assim, com Pitágoras (e com Xenófanés) a filosofia alarga a sua área de influência de oriente para ocidente, a partir de um diversificado grupo de pensadores. Em breve, verificar-se-á que esta expansão da filosofia, através do Egeu e do Mediterrâneo rumo à Grande Grécia, parece trazer consigo novas sensibilidades, novas tendências. De uma forma geral, pressente-se no grupo de filósofos e correntes que se situam a ocidente (pitagorismo, eleatismo, Empédocles) a presença e o peso de uma componente científico-religiosa. Esta identificação surge de tal forma consistente e indiferenciada, que a tentativa de separação de uma da outra deriva da incompreensão da sua forte complementaridade e da unidade e coerência dessas doutrinas.

SÍNTESE E ARTICULAÇÃO DE ALGUNS DOS TEMAS ENUNCIADOS:

As fontes para o conhecimento do pitagorismo. Discussão. O esoterismo da Escola e a ausência de fontes directas.

A geografia do pitagorismo: de Samos para Metaponto; de Metaponto para Crotona. Razões de carácter político- filosófico.

Relação entre o carácter esotérico da Escola e as perspectivas de ordem filosófica e místico- religiosa.

As componentes científico- filosóficas e místico- religiosas como elementos de ligação e continuação entre uma tradição jónica e uma tradição *italiana*.

Alguns aspectos da componente místico- religiosa: a questão das relações entre orfismo e pitagorismo; possíveis influências xamânicas e hindus. A imortalidade, a transmigração e a purificação da alma; o parentesco dos seres vivos; interdições; a concepção do corpo como prisão da alma (*sema soma*). As possíveis pontes da ligação entre as vertentes místico- religiosa e científico- filosófica: contemplação (*theoria*), ordem (*cosmos*), purificação (*katharsis*).

Alguns aspectos de carácter científico- filosófico: a eventual experiência com o monocórdio; as proporções numéricas simples; os números inteiros; os números quatro e dez; a relação definido/indefinido, limite/ilimitado; a indiferenciação entre números da aritmética, pontos da geometria e átomos da matéria. A tábua dos contrários e o significado dos diferentes pares de opostos. A cosmogonia a partir da relação entre limite/ilimitado e, na sequência, a

emergência dos pontos, números e figuras. A cosmologia e a premência do número dez; o 10º corpo celeste; a harmonia das esferas celestes; os movimentos de rotação e translação; o inesperado aparecimento de um pré-heliocentrismo através da posição periférica da Terra e da presença de um fogo central.

III. XENÓFANES de Cólofon

1. O local, as datas, a obra.
2. A persistência da expressão poética como veículo do pensamento filosófico.
3. A polémica ligação a Eleia.
4. Um poeta contra os poetas.
5. Um crítico implacável do saber e das crenças instituídas.
6. Alternativas inéditas e consistentes à teologia tradicional.
7. Avanços e retrocessos no programa cosmológico.
8. Introdução da problemática gnosiológica: valor e limites do conhecimento.
9. Um ensaio de trabalho de campo.

NOTA PRÉVIA: Xenófanés tem de comum com o pitagorismo o facto de, tal como Pitágoras, fazer a ponte entre oriente e ocidente. Ou seja, de alguma maneira, Xenófanés será, igualmente, responsável pela abertura da Grande Grécia à filosofia. Mas, as semelhanças acabam aqui. De facto, o primeiro traço distintivo deste pré-socrático é que ele não se enquadra facilmente em nenhuma Escola, em nenhuma corrente, em nenhuma tradição sapiencial, eliminada que seja a hipótese, doxograficamente levantada, mas pouco credível, da sua ligação à escola eleática.

Xenófanés parece querer continuar a defender para si o estatuto de livre-

pensador. Retoma a poesia como principal forma de expressão do seu pensamento, à qual imprime uma forte componente satírica. Por vezes, recorre a uma estratégia argumentativa que, dir-se-ia, ter servido de inspiração aos argumentos demolidores de Zenão. Ao criticar de uma forma tão implacável os deuses e os hábitos da religião tradicional, assim como ao atingir de uma forma igualmente dura e frontal os grandes poetas e educadores da Grécia, Homero e Hesíodo, acaba por estar na origem de uma nova tendência que percorre o mundo grego e que visa uma renovação e purificação da religião tradicional. Por outro lado, as suas especulações sobre a *physis* poderão ser o resultado, pelo menos em alguns casos, de pesquisas ou observações directas dos fenómenos, o que, se se confirmasse, constituiria um procedimento sem precedentes no conjunto dos pré-socráticos. Por último, refira-se que é o primeiro a suscitar aquilo que se poderá considerar a futura problemática do conhecimento, nomeadamente ao nível do valor e limites do conhecimento, o que, tal como na ocorrência anterior, significa uma preocupação rara ou mesmo inédita ao nível dos filósofos pré-socráticos.

SÍNTESE E ARTICULAÇÃO DE ALGUNS DOS TEMAS ENUNCIADOS:

A teologia crítica de Xenófanes: leitura, análise e interpretação dos fragmentos; a crítica à religião tradicional é, também, uma crítica à paideia tradicional; os grandes poetas-educadores dos gregos em questão: Homero e Hesíodo. A estratégia argumentativa de Xenófanes: recorrendo a um relativismo sociológico e cultural, reduz os costumes e as crenças tradicionais ao absurdo; sublinhar a peculiaridade do procedimento e a sua (eventual) influência em filósofos posteriores.

A teologia alternativa e construtiva de Xenófanes: as principais características do Deus de Xenófanes: imobilidade versus mobilidade e tradição; o poder superlativo da visão, audição e pensamento; a relação de Deus com o Mundo: eventual presença de uma visão de tom naturalista de inspiração milésia; a permanência de uma concepção politeísta. As posições não coincidentes dos eruditos sobre o valor das perspectivas teológicas de Xenófanes.

Discussão do valor a atribuir a algumas perspectivas de carácter físico-cosmológico de Xenófanes; sinalização dos pontos de retrocesso relativamente a avanços anteriores protagonizados pelos milésios. Aspectos inovadores do

pensamento físico-cosmológico: análise e interpretação dos testemunhos relativos a eventuais observações realizadas por Xenófanes, em Paros, Malta e Siracusa; estabelecimento de uma eventual relação entre este *trabalho de campo* e a afirmação de que *o mar está a avançar para terra*; destaque dos aspectos eventualmente inovadores das perspectivas físico-cosmológicas de Xenófanes; referir que esta vertente experimentalista, a ter existido, não veio a fazer escola. Importância a conferir às propostas de Xenófanes, caso se viesse a provar a veracidade das mesmas.

A problemática do conhecimento: leitura, análise e interpretação dos fragmentos 18, 34, 35 e 38; sublinhar o carácter pioneiro da atitude (filosófica) de Xenófanes; antecipar que esta atitude problematizadora só terá solução de continuidade, mais tarde, com Demócrito e os sofistas; descobrir, através da interpretação dos fragmentos, quais as áreas do conhecimento visadas por Xenófanes; assinalar onde termina a postura céptico-relativista e onde começa a crença nas possibilidades do conhecimento; relacionar esse relativo optimismo gnosiológico com as possíveis pesquisas de carácter físico-cosmológico levadas a cabo em Paros, Malta e Siracusa.

IV. HERACLITO de Éfeso

1. Local, datas e obra.

2. A questão das fontes.

3. Um livro?

4. Uma personagem “enigmática” e “obscura”, brilhante e clara.

5. Um crítico contumaz de toda a *inteligência* consagrada.

a) Contra os poetas

b) Contra os médicos

c) Contra os filósofos

d) Purificação da religião tradicional

6. As traves mestras do pensamento filosófico: o *logos* e os *contrários*.

- a) O *logos* em versões aparentemente diferentes
- b) O rio e a unidade dos contrários: a unidade que liberta o devir
- c) O deus que arde o mundo e acalenta a medida

8. Cosmologia.

- a) O papel central do 4º elemento (fogo) e regresso ao *logos*
- b) O segredo da ordem e do equilíbrio
- c) O papel purificador e redentor do 4º elemento e regresso a deus

9. A Alma.

- a) A relação da alma com o mundo
- b) A purificação da alma
- c) Alma e eterno retorno

10. Nota final. Heraclitismo : um sistema global, coerente e em circuito fechado.

NOTA PRÉVIA: Com Heraclito regressamos à Ásia Menor, mas não, seguramente, ao modelo especulativo dos milésios. Pode conceder-se, numa primeira análise, interpretar o *fogo* de Heraclito como *arche* ou *physis* à maneira dos milésios. Mas depressa se verificará que se trata de algo mais complexo. Não se tratará já e unicamente de formular uma *arche* ou origem absoluta a partir da qual as diferentes regiões do cosmos começam a emergir, mas, essencialmente, compreender e explicar a regularidade e o funcionamento do cosmos *por dentro* e, no mesmo passo, comprometer nesse processo o próprio homem.

Heraclito é dos casos em que, por vezes, a *biografia* se constitui como um factor de primeira importância para a compreensão da *filosofia*. Ele é o filósofo do *não*, da *oposição*, do *contra*: contra a *inteligência* filosófica; contra a sabedoria poética; contra a prática política; contra a *techne* médica; enfim,

contra o corpo de valores políticos, intelectuais, morais e religiosos socialmente consagrados. Esta crítica, este desencanto que ele manifesta contra a *inteligência* em geral, é como que um testamento ou manifesto futuro. De facto, a imagem que permaneceu de Heraclito, ao longo da História da Filosofia, é muito mais a do filósofo do eterno devir do que da unidade do *logos*, ou seja, da superfície, da espuma, do lado visível do *ser* que se oculta na permanência e mesmidade. Para Heraclito, de facto, a *inteligência* não descola, não ascende nem sintoniza com o *logos*, com a Inteligência Universal e, por isso, não compreende *como o que está em desacordo concorda consigo mesmo*, isto é, *como todas as coisas são governadas através de tudo*.

SÍNTESE E ARTICULAÇÃO DE ALGUNS DOS TEMAS ENUNCIADOS:

As fontes: discussão. Referência especial ao local, à vida e à obra, uma vez que constituem dados determinantes do carácter e da postura cívico-filosófica do filósofo.

Leitura, análise e interpretação de uma compilação de diferentes fragmentos e testemunhos.

Reordenação do material distribuído, segundo uma determinada sistematização ou modelo temático.

Chamada de atenção para o carácter especioso, mas necessário, de uma tal reordenação.

Sinalização, análise e interpretação dos fragmentos que, pelo seu conteúdo, manifestam a presença da ideia de *logos*, ainda que oculta: identificação dos conceitos sinónimos (*fogo*, *divindade*); identificação e descrição do contexto em que os mesmos são aplicados; concluir pela identificação dos três conceitos, que, todavia, mudam de nome em função da área da realidade abordada.

Leitura, análise e interpretação dos fragmentos que remetem para a teoria dos contrários; relacionar a teoria dos contrários com o equilíbrio e a harmonia cósmica; interpretar e relacionar as passagens em Platão e Aristóteles sobre Heraclito e a metáfora do rio, à luz da relação entre unidade e teoria dos contrários; convocar, novamente, os conceitos de *logos*, *fogo* e *divindade* e concluir que os contrários representam diferentes formas de manifestação daqueles; inferir pela existência de uma articulação racional entre estes dois planos da realidade.

Leitura, análise e interpretação dos fragmentos que remetem para a teoria da alma; distinguir as almas sábias, melhores e ardentes, das almas néscias e cadentes; descobrir a fundamentação dessa distinção; retomar os conceitos de *logos*, *divindade* e *fogo* e compreender a sua relação com o conceito de alma; verificar que a alma, em última análise, percorre os diferentes elementos sendo, simultaneamente, mortal e imortal.

Reconhecer que Heraclito recebe ainda muito de uma tradição jônico-miléσια, mas que, a partir daí, trabalha e desenvolve num sentido eminentemente inédito e original.

Concluir pela forte unidade e coerência do pensamento de Heraclito.

V. PARMÉNIDES de Eleia

1. Local, datas e obra. O passado pitagórico.

2. “O Poema de Parménides”

a) O estilo

b) As partes

3. O Prelúdio ou Introdução Alegórica

a) A razão de um estilo: significado da expressão oracular

b) Pesquisa e interpretação dos traços simbólicos

c) O Prelúdio como antecipação de críticas e preparação de defesas.

4. A Via da Verdade

a) Método rigoroso; argumentação densa e concisa

b) Mapa dos três caminhos: “é”/ “não é”/ “é e não é”

c) A indistinção entre *existencial* e *predicativo*

d) A premência do primeiro caminho: *estin*

e) A impensabilidade do segundo caminho: *ouk estin*

f) Anúncio da Via da Aparência

- a aparente viabilidade e a perigosa admissibilidade do terceiro caminho: *estin kai ouk estin*

- os eventuais destinatários da bicefalia:

- hipótese Heraclito: discussão

- hipótese Pitagorismo: discussão

g) A identificação entre Ser e Pensar

5. A Via da Aparência

a) Uma inversão na ordem dos acontecimentos

b) O carácter didáctico-pedagógico da Via da Aparência

c) A salvação das aparências na tese W.K.C. Guthrie

NOTA PRÉVIA: E a viagem continua. Com Parménides estamos, de novo, de partida para o Ocidente Grego, concretamente, Eleia, e, com ele, retomamos o contacto com uma tradição filosófica ou, pelo menos, com um conjunto de traços procedimentais que já haviam sido anunciados aquando do nosso anterior contacto com o pitagorismo.

Parménides é um filósofo difícil. É difícil para o professor que tem de o *passar* aos alunos de uma forma séria e inteligível; é difícil para os alunos porque têm de fazer um redobrado esforço de compreensão, uma vez que têm de compreender Parménides passando para o lado de onde Parménides pensa; é difícil para os seus próprios discípulos, uma vez que, para o defenderem, ou jogam tudo avançando para o campo do adversário ou, ao contrário, defendem cedendo, ainda que essa cedência tenha o sabor de uma retirada; Parménides é ainda difícil para Platão que se viu na necessidade de escrever *Parménides* e o *Sofista*, como meio de contornar dificuldades que ameaçavam a viabilidade do seu projecto filosófico; enfim, Parménides é difícil para Parménides, dado que o Parménides filósofo coloca problemas ao Parménides histórico impossíveis de contornar.

SÍNTESE E ARTICULAÇÃO DE ALGUNS DOS TEMAS ENUNCIADOS:

Leitura, análise e interpretação de uma compilação dos fragmentos atribuídos a Parménides. Reordenação do material distribuído segundo uma determinada sistematização ou modelo temático

Leitura, análise e interpretação da primeira parte da obra de Parménides - o *Prelúdio* ou *Introdução Alegórica*: identificação do modo de expressão utilizado; procura de uma ou mais razões para uma tal opção; o tom místico-religioso do *Prelúdio*: a razão de uma tal estratégia; o passado pitagórico de Parménides e a necessidade da criação de linhas de defesa credíveis e consistentes que protejam da previsível barragem de críticas pitagóricas.

Leitura, análise e interpretação da segunda parte da obra de Parménides - *Via da Verdade*: identificação das diferentes vias de conhecimento na base do *é (estin)*, *não é (ouk estin)*, *é e não é (estin kai ouk estin)*; precisar o que Parménides entende por *estin*; assinalar a confusão/indiferenciação entre sentido existencial e sentido predicativo e inferir as dificuldades daí decorrentes; interpretar a combinação das premissas *é* e *não é* como a via por onde seguem o comum dos mortais, a qual constitui a matéria da *Via da Aparência*; descobrir quem pretenderá Parménides visar com a expressão *bicéfalos*: colocação da hipótese Heraclito: discussão através da confrontação dos argumentos pró e contra; concluir pelo afastamento da hipótese Heraclito, a partir da apresentação de argumentos que sustentam essa exclusão. Colocação da hipótese pitagóricas: discussão através da confrontação dos argumentos pró e contra; concluir pela admissibilidade da hipótese pitagóricas, a partir da apresentação de argumentos que sustentam essa possibilidade. Enumerar as características do *Ser*; reconhecer que as mesmas derivam de uma rigorosa fundamentação levada a cabo por Parménides; compreender a inevitabilidade da identificação parmenídea entre *ser* e *pensar* e descobrir as dificuldades daí decorrentes; antecipar que a questão continua já a seguir, com Górgias de Leontinos, através da sua obra *Acerca da Natureza ou Do Não Ser*.

Leitura, análise e interpretação da terceira parte da obra de Parménides - *Via da Opinião*: enumeração dos pontos essenciais do texto, em ordem a uma rápida familiarização com o seu conteúdo; discussão do valor a atribuir a esta parte da obra; apresentação e discussão das posições não coincidentes dos eruditos; colocar a hipótese da intenção deste procedimento estar já presente no *Prelúdio*; reconhecer que, em qualquer circunstância, há que lhe atribuir um valor e uma preocupação de carácter didáctico-pedagógico; apresentação e

análise circunstanciada da tese de W. K. C. Guthrie da *salvação das aparências*.

VI. ZENÃO de Eleia

1. Local, datas, obra, actividades
2. Uma argumentação agónica e dialéctica
3. A cultura do para-doxo
4. A defesa intransigente do Ser de Parménides:
 - argumentos contra o espaço
 - argumentos contra a pluralidade
 - argumentos contra o movimento

VII. MELISSO de Samos

1. Local, data, obra, actividades
2. A defesa do Ser parmenídeo através da sua infinitude
3. A defesa do Ser parmenídeo através da sua incorporeidade
4. O resultado das cedências de Melisso

NOTA PRÉVIA: Provavelmente o tempo e o espaço que são dedicados a Zenão e a Melisso não serão proporcionais à importância dos problemas que levantam e que legam à reflexão filosófico-matemática futura. De qualquer maneira, em termos de gestão do programa de Filosofia Antiga, optámos por um tratamento mais conciso e sucinto destes dois discípulos de Parménides. Ora, como discípulos de Parménides, adoptam estratégias de defesa do mestre de carácter diametralmente oposto. Zenão não acrescenta, não adiante doutrina; Melisso adianta. Zenão defende Parménides jogando o jogo do aversário, explorando-lhe os erros e contradições e acabando por derrotá-lo no seu próprio terreno; Melisso tem de defender Parménides já com os críticos nas amuradas da doutrina. Assim, parece não lhe restar outra saída senão conceder em alguma coisa na esperança de salvar “a coisa”, entenda-se, o Ser de Parménides. Terá

concedido a infinitude à finitude e, provavelmente, o incorpóreo ao corpóreo: São passos de uma enorme importância, de cujo alcance nenhuma das teses em presença se terá dado verdadeiramente conta.

SÍNTESE E ARTICULAÇÃO DE ALGUNS DOS TEMAS ENUNCIADOS: (Zenão).

Explicação da estratégia seguida por Zenão para defesa da doutrina de Parménides. Apresentação das aporias de Zenão contra o espaço (1), a pluralidade (2) e o movimento (4), na base do equívoco e confusão dos pitagóricos entre pontos da geometria, átomos da matéria e unidades da aritmética.

SÍNTESE E ARTICULAÇÃO DE ALGUNS DOS TEMAS ENUNCIADOS: (Melisso).

Sublinhar o carácter construtivo das propostas de Melisso para defesa do essencial da doutrina de Parménides.

Leitura, análise e interpretação dos fragmentos onde se concede a infinitude ao *Ser* de Parménides.

Leitura, análise e interpretação da passagem onde se defende o carácter incorpóreo do *Ser*: apresentação e discussão das dificuldades decorrentes de uma tal perspectiva.

IX. EMPÉDOCLES de Agrigento.

1. Local, datas, obra, actividades.

2. As obras *Acerca da Natureza e Purificações*. A questão: complementaridade ou incompatibilidade?

3. Análise da obra *Acerca da Natureza*.

a) Uma pesada herança: Parménides

b) As concessões ao Ser parmenídeo:

- nascer/perecer

- realidade/irrealidade

c) A subversão do Ser parmenídeo:

- introdução da pluralidade

- introdução do movimento

- reabilitação dos dados dos sentidos

- as fases do ciclo cósmico

- as fases do ciclo cósmico e o nosso mundo

- cosmogonia e cosmologia

- as fases da evolução dos seres vivo

- relação entre as fases do ciclo cósmico e as fases da evolução dos seres vivos

4. Análise da obra *Purificações*

a) Recuperação de uma linha xamânico-religiosa de matriz pitagórica

b) As fases da vida da alma

c) O ciclo das transmigrações/reencarnações

d) Metodologia da purificação e fuga ao ciclo

5. Experiências e teorias extra-curriculares

a) Na área da física: a clepsidra

b) Na área da fisiologia: o *sítio* do conhecimento

NOTA PRÉVIA: Poder-se-á dizer que depois de Parménides nada mais será como antes. Efectivamente, os pensadores posteriores a Parménides não podem ignorar a herança deste, e a herança é um Ser uno, imóvel, indivisível e imperecível. Doravante, a reintrodução de uma coisa tão óbvia como o movimento ou a pluralidade pede fundamentação. Desta maneira, vamos

continuar a assistir, seja com Empédocles, Anaxágoras ou os Atomistas, a este filosofar incessante e original de mentes engenhosas e despertadas pela curiosidade e pelo desafio.

A estratégia de Empédocles poder-se-á resumir através dos seguintes pontos: a) Parménides tem razão: o-ser-é-o-ser; b) mas o Ser não é uno, é múltiplo; contudo, Parménides tem razão, porque o múltiplo mantém as características do Ser uno de Parménides; c) além disso, este múltiplo move-se como resultado da acção de dois motores de sentido contrário; d) e, uma vez que há movimento, há mudança, a qual determina uma sucessão de fases polares e de transição de um perpétuo ciclo cósmico. Enfim, a cosmogonia é possível, a cosmologia igualmente, a origem dos seres idem e o nosso mundo está aí na fase *xis* do perpétuo ciclo cósmico. Ou seja, e em conclusão, acabámos de assistir à subversão e neutralização silenciosa do “verdadeiro” Ser de Parménides. Parménides não fica em paz.

SÍNTESE E ARTICULAÇÃO DE ALGUNS DOS TEMAS ENUNCIADOS:

Apresentação das duas obras atribuídas a Empédocles: *Acerca da Natureza; Purificações*. Discussão: as duas obras são contraditórias? São incompatíveis? São contraditórias e incompatíveis? Ou são contraditórias, mas não incompatíveis? Destaque para a posição de F. M. Cornford: as duas obras não são contraditórias nem incompatíveis.

Leitura, análise e interpretação de uma compilação de fragmentos da obra *Acerca da Natureza*; pensar e interpretar Empédocles na base da sombra de Parménides; as raízes do ser ou a terra, o fogo, o ar e a água como meio de introdução e restabelecimento da pluralidade e da mudança; o Amor e a Discórdia ou os motores como meio de introdução e restabelecimento do movimento e da mudança; o ciclo cósmico; as fases do ciclo cósmico; identificação do nosso mundo no conjunto das quatro fases; a cosmogonia, a cosmologia e o nosso mundo na segunda fase do ciclo cósmico.

Leitura, análise e interpretação dos fragmentos relativos à evolução dos seres vivos; caracterização de cada uma das quatro fases; há coincidência entre as fases do ciclo cósmico e as fases da evolução dos seres vivos? Apresentação e discussão de uma hipótese de coincidência entre as duas fases.

Leitura, análise e interpretação dos fragmentos relativos à obra *Purificações*. Identificação de cada uma das fases vida alma; caracterização das

quatro fases da vida da alma; colocação da hipótese de relação entre as fases da alma, nas *Purificações*, e as fases do ciclo cósmico, em *Acerca da Natureza*: discussão. Conclusão: reafirmação da complementaridade existente nas duas obras de Empédocles; reconhecimento da unidade e coerência do seu pensamento.

IX. LEUCIPO de Mileto e DEMÓCRITO de Abdera.

1. Leucipo e Demócrito: o local, as datas, as obras: a incerteza relativa à correcta atribuição das diferentes obras a cada um dos filósofos.

2. Os atomistas perante Parménides: a subversão do Ser parmenídeo

3. A teoria dos átomos:

a) As características essenciais dos átomos

b) A forma, a posição e a disposição

c) Os átomos e o movimento

d) Os átomos e a formação dos corpos

e) Os átomos e as diferenças qualitativas entre os corpos

f) Os átomos e a alma

4. Cosmogonia e Cosmologia:

a) Os átomos e a formação do mundo

b) A origem e a natureza dos corpos celestes

c) A teoria dos mundos inumeráveis

5. Princípios de uma teoria do conhecimento:

a) O ser e a aparência

6. Teologia:

- a) Os deuses e as origens da crença
- b) O conhecimento e o futuro da humanidade

NOTA PRÉVIA: Com os atomistas há como que a assunção de um materialismo puro e duro. Puro, na medida em que os átomos são invioláveis, sem vazio; duro, uma vez que os átomos são compactos, pesados, contínuos, indivisíveis. Enfim, puro e duro, porque a realidade é matéria, nada mais do que matéria, constituída exclusivamente por átomos mais vazio, vazio entendido como corredores de passagem e movimento de átomos.

A questão do movimento é meramente académica, tal como a questão da unidade ou da pluralidade. O movimento é eterno porque eterna é a existência dos átomos ao acaso no vazio. A pluralidade está aí, é dada pelos átomos em número infinito: compactos, indivisíveis, sem vazio, contínuos, contíguos, imperecíveis, incriados.

E agora? Será que a *pesada herança* de Parménides fica definitivamente enterrada? Relativamente, mas não totalmente. De facto, há que reconhecer que o atomismo reduz a escombros o “inabalável” e “rotundo” *Ser* parmenídeo. Mas há que reconhecer, igualmente, que os atomistas não procedem à remoção desses escombros. Ou seja, em cada átomo do atomismo, mora o *Ser* de Parménides: indivisível, imutável, compacto, imperecível, incriado.

Por outro lado, há que registar a ausência de qualquer traço teleológico, ou seja, no atomismo o acaso domina sobre o princípio de finalidade. Este carácter ocasional, contingente do acontecer permite ao atomismo prescindir da garantia do sagrado, da presença discreta e tutelar da divindade, frequente nos pré-socráticos anteriores. Daqui resulta que, do ponto de vista cosmológico, se possa afirmar que eles foram os primeiros que defenderam de uma forma clara a existência de mundos inumeráveis coexistentes no tempo; que o nosso mundo é o resultado de uma fortuita aglomeração e arrumação de certa porção de átomos no vazio; que outros mundos existirão com características necessariamente diferentes do nosso.

Esta redução da realidade a átomos e vazio tem igualmente consequências a nível gnosiológico. Demócrito estabelece com muita nitidez a

distinção entre conhecimento de profundidade e conhecimento de superfície, entre essência e aparência. Todavia, permanece a dúvida se essa possibilidade de conhecimento não é coarctada pelos próprios limites do conhecimento. É que, se no fragmento 11, Demócrito dá a entender a possibilidade de um conhecimento autêntico em oposição a um conhecimento aparente, no fragmento 117, ao referir-se à verdade, afirma que esta se encontra nas profundezas, podendo querer sugerir que é inacessível ao homem.

SÍNTESE E ARTICULAÇÃO DE ALGUNS DOS TEMAS ENUNCIADOS:

Leitura, análise e interpretação das passagens (Aristóteles, Teofrasto, Diógenes Laércio, Simplicio...) relativas à teoria dos átomos.

A fragmentação do *Ser* de Parmênides e, simultaneamente, a manutenção das características essenciais do mesmo em cada uma das partículas atômicas.

O restabelecimento da pluralidade e do movimento através da introdução de um número infinito de átomos ao acaso no vazio.

A natureza do movimento.

A contextura, o peso, a forma, a posição e a disposição dos átomos.

A composição atômica dos corpos, o vazio e as suas diferenças específicas.

Os átomos, o fogo, a forma circular e a alma.

O processo de formação do nosso mundo: o isolamento ocasional de um conjunto de átomos no vazio e o movimento daí decorrente; os átomos leves e os átomos pesados; a formação da Terra e o aparecimento e formação dos corpos celestes. O nosso mundo e a pluralidade de mundos; a defesa e justificação dos mundos inumeráveis, diferentes e coexistentes no tempo.

A problemática gnosiológica: leitura, análise e interpretação das passagens (Aristóteles, Sexto...) e fragmentos (6, 7, 8, 9, 10...) relativos à teoria do conhecimento; a questão do valor e dos limites do conhecimento; a razão ou intelecto como fonte do conhecimento autêntico; a sensação como fonte do conhecimento sensível ou aparente; os dados dos sentidos como meio para atingir o conhecimento verdadeiro; a verdadeira essência das coisas (átomos e vazio) encontra-se para lá da percepção sensível; a questão que permanece: será a razão capaz de alcançar essa essência?

OS SOFISTAS

E

SÓCRATES

X. ATENAS, SÉCULO V: UMA ÉPOCA DE MUDANÇA

1. Os novos contextos:

- a) Político
- b) Social
- c) Económico
- d) Intelectual
- e) Cultural

NOTA PRÉVIA: É necessário trazer o mapa, novamente, e recordar a geografia da filosofia até agora percorrida: da orla costeira e insular da Ásia Menor, banhada pelo Egeu, passando pelo Mediterrâneo rumo ao Ocidente, até à Grande Grécia da Sicília e do mar Jónio, da religiosidade e dos latifúndios. E apontar o súbito aparecimento, no continente, de um novo pólo de atracção para onde parecem convergir todos os interesses, atenções e ideias: Atenas, finalmente.

Graças à posição de grande destaque conseguida nas Guerras Pérsicas, Atenas passa a gozar de uma importância e poder nunca antes conseguidos. O regime democrático implanta-se e consolida-se, e o tesouro de Delos financia o que era suposto não financiar. Mas, é graças a esse financiamento que Atenas segue decidida no aprofundamento dos sistemas político e jurídico e na intensificação das diferentes manifestações do espírito.

Atenas ainda não sabe que, sob este fervor inovador, vai-se fazendo um clamor surdo de revolta, anúncio de perdição. Tucídides explicou-o com precisão: há uma incompatibilidade que retalha, desde o início, a viabilidade de Atenas: uma Atenas plenamente democrática não *combina* com uma Atenas exorbitantemente imperialista. E os resultados não se fizeram esperar, Atenas perdeu tudo: a guerra, a alma, a autonomia, o amor-próprio e aquilo que Protágoras dizia que nenhuma cidade podia perder sob pena de desaparecer: o pudor (*aidos*) e a justiça (*dike*).

SÍNTESE E ARTICULAÇÃO DE ALGUNS DOS TEMAS ENUNCIADOS:

Identificar as características essenciais do regime democrático ateniense.

Determinar os aspectos essenciais do funcionamento da justiça no regime democrático ateniense.

Compreender as razões do florescimento económico ateniense.

Reconhecer as profundas transformações ocorridas no plano social.

Descobrir até que ponto estes diferentes factores se reflectiram no plano intelectual e cultural.

2. Tragédia, Medicina, Filosofia

a) Características essenciais da razão trágica: o caso “Antígona”:

- coro e consciência cívica
- protagonista e conflito entre passado e presente
- os duplos discursos

NOTA PRÉVIA: 2. a) Com base na *Antígona* de Sófocles, relevam-se os temas frequentemente presentes no pensamento dos poetas trágicos, com vista a estabelecer uma relação e influências mútuas entre tragédia e sofística.

Na tragédia, encontra-se uma problemática de conteúdo eminentemente filosófico que vai reflectir-se, seguramente, no pensamento dos sofistas e que constituirá um dos alvos preferenciais de Platão na sua crítica implacável à nova *paideia*, em geral, e à tragédia e sofística, em particular.

Da *Antígona* destacar-se-á, essencialmente, os conflitos ao nível da religião, das leis, do poder e das interpretações; o carácter polissémico das palavras, a ambiguidade dos discursos e o fechamento e consequente isolamento dos protagonistas no seu universo de discurso.

SÍNTESE E ARTICULAÇÃO DE ALGUNS DOS TEMAS ENUNCIADOS:

Caracterizar o sentido dos discursos enunciados pelos protagonistas.

Identificar os conflitos manifestos e latentes presentes nos discursos em confronto.

Interpretar o sentido e as oscilações do coro constatáveis ao longo da peça.

Reconhecer a estreita relação entre a dimensão religiosa, jurídica ética e política.

Descobrir o duplo sentido das palavras e dos discursos. Concluir pela presença de uma problemática de carácter eminentemente filosófico.

2. Tragédia, Medicina, Filosofia.

b) Características essenciais da razão médica: o caso Hipócrates:

- o significado do primeiro código deontológico
- a relação médico/paciente, médico/doença
- a relação entre sensibilidade e inteligência
- o conceito de *logos*
- o conceito de *techne* médica
- o conceito de natureza
- o conceito de natureza humana
- o conceito de *kairos* e o conceito de *tyche*

NOTA PRÉVIA: Tal como na rubrica anterior, pretende-se destacar traços eminentemente característicos do pensamento e procedimento médico, relacionando-os com traços semelhantes e eventualmente presentes no pensamento e procedimento dos sofistas.

O Juramento Hipocrático é um texto paradigmático, seja pelo seu carácter fundador, seja pela sua antiguidade ou pela sua actualidade. Todavia, sem pretender proceder a uma análise exaustiva do escrito, há que salientar alguns pontos de relevante importância, sobretudo se se tiver igualmente em conta outros Tratados como *Preceitos*, *Da Decência*, *Da Arte*, etc.

a) Ainda que o texto surja geralmente à cabeça da *Colecção Hipocrática*, deve considerar-se como o primeiro texto da *Colecção* ou, ao contrário, como

um texto posterior ou relativamente tardio, reflexo de uma longa meditação sobre a actividade médica?

b) É conferida à *peessoa*, na sua individualidade e diferença, uma radical centralidade.

c) Afirmação da defesa da vida em qualquer circunstância, princípio que não foi inspirado, certamente, pelo pensamento e pelas propostas dos filósofos em geral.

Outros aspectos ainda a considerar, tendo em conta o conjunto dos Tratados:

a) A importância atribuída aos dados dos sentidos (*aisthesis*) e à experiência sensível e a organização dessa informação através de um uso correcto da inteligência (*logismos*).

b) O médico como detentor de um saber (*tecnhe*), de um saber como fazer, quando fazer e por que fazer.

c) O médico como especialista do discurso (*logos*) persuasivo (*peitho*) e fundamentado.

d) Introdução do conceito restrito de natureza(s) humana(s) (*physies*) em contraste com o amplo conceito de natureza (*physis*).

e) Afirmação do homem como individualidade única, intransmissível, irrepitível.

f) A descoberta do carácter imprevisível e imponderável próprio da natureza humana.

g) O conceito de tempo como algo não uniforme, aleatório, ao longo do qual surgem ocasiões propícias, oportunas (*kairos*) à intervenção. A *tecnhe* médica não tem o domínio do tempo, mas estuda-o e, com o tempo, vai adquirindo a experiência do tempo de entrada, de saída ou de espera.

h) O conceito de *tyche* como acaso ou imprevisto, que o médico com a experiência adquirida através do exercício da arte, pode, em certas circunstâncias, reverter a favor da *tecnhe*.

SÍNTESE E ARTICULAÇÃO DE ALGUNS DOS TEMAS ENUNCIADOS:

Procurar as causas que levam à necessidade da criação de um código deontológico.

Estabelecer a relação entre sensibilidade (*aisthesis*) e inteligência (*logismos*) e, conseqüentemente, inferir o processo de conhecimento daí

decorrente.

Compreender a necessidade de um domínio científico e persuasivo do *logos*.

Distinguir *techné* de *epistémé*.

Descobrir por que razão o médico privilegia *techné* relativamente a *epistémé*.

Avaliar as consequências decorrentes da distinção entre natureza e natureza humana.

Relacionar o conceito de *kairos* com o conceito de *tyche*.

Estabelecer uma relação compreensiva entre *techné*, *kairos* e *tyche*.

Concluir pela especificidade do saber e da prática médica.

Procurar eventuais pontos de contacto com o pensamento trágico, anteriormente analisado.

2. Tragédia, Medicina, Filosofia

c) Características essenciais da razão sofística:

- o carácter filosófico do pensamento dos sofistas
- os temas fundamentais da reflexão sofística
- pensadores sem Escola
- um código deontológico?
- o sentido de uma sofística de primeira e segunda geração
- a influência da tradição platónico-aristotélica na transmissão do pensamento dos sofistas

NOTA PRÉVIA: A questão coloca-se logo no primeiro ponto: ‘o carácter filosófico do pensamento dos sofistas’. De facto, não é possível proceder à abordagem deste assunto sem abrir a discussão ao tipo de estatuto dos sofistas, na História da Filosofia, ou à pura e simples recusa de qualquer estatuto ou presença, na História da Filosofia. De um certo ponto de vista, se se tiver em conta a série de estudos relativamente recentes sobre este assunto, a questão parece anacrónica, uma vez que, actualmente, é quase consensual a aceitação dessa presença.

Porém, todos os anos, sempre que se atinge este ponto do programa, o

docente vê-se confrontado com uma posição peremptória e aparentemente segura dos alunos relativamente aos sofistas: os sofistas são sofistas, os filósofos são filósofos, isto é, a sofística é uma erva daninha sempre pronta a contaminar a filosofia. Por outras palavras, os alunos trazem do secundário uma série de lugares comuns que cumpre ao docente desmontar e esclarecer. Na sequência da abordagem desta questão, chamar-se-á a atenção para o papel demolidor que a *máquina* platónico-aristotélica teve na criação deste estado de descrédito absoluto.

Para além de um enquadramento histórico-cultural, de uma análise das problemáticas tratadas e dos métodos utilizados, colocar-se-á a hipótese de ter surgido algo de semelhante a um código deontológico ou conjunto de normas de conduta a observar, no exercício da actividade sofística. Chamar-se-ão para discussão os testemunhos de Protágoras, de Górgias e do Anónimo de Jâmblico. A questão que se coloca é, em síntese, a seguinte: se o médico hipocrático depressa se viu na necessidade de criar um código de comportamento, não haverá textos dos sofistas que sugerem que este, como médico das almas, deve observar igualmente um conjunto de normas de conduta no exercício da sua actividade?

SÍNTESE E ARTICULAÇÃO DE ALGUNS DOS TEMAS ENUNCIADOS:

Através da leitura, análise e interpretação de alguns fragmentos dos sofistas e de fontes antigas e recentes, discute-se o carácter filosófico do seu pensamento. Para a discussão serão chamadas as questões centrais da reflexão sofística de modo a contribuírem para uma compreensão global do seu pensamento e a apoiarem uma conclusão relativamente à questão inicialmente colocada: ontologia, cosmologia, gnosiologia, filosofia da linguagem, hermenêutica, filosofia da cultura, filosofia social e política e ética. É igualmente importante referir alguns aspectos, à primeira vista laterais, tais como: ausência de Escola; estatuto remuneratório; estatuto de estrangeiros; docentes itinerantes; áreas cobertas pelo ensino ministrado.

Como anteriormente se disse, dever-se-á conjecturar sobre a eventual presença, entretanto desaparecida, de um código deontológico ou de conduta. Por último, é indispensável proceder à análise e avaliação do testemunho platónico-aristotélico, determinando o peso e o carácter da sua influência ao longo da História da Filosofia.

d) Quatro sofistas: Protágoras, Górgias, Trasímaco e Antifonte

NOTA PRÉVIA: Esta escolha, de um painel onde figuram outros sofistas igualmente ilustres não foi feita ao acaso. Por um lado, Protágoras e Górgias são presenças e referências constantes e obrigatórias pelo seu passado, pela atenção que mereceram de Platão (e de Aristóteles), pelo muito que se disse e escreveu sobre ambos e por aquilo que (diz-se) escreveram e disseram.

Trasímaco porque, seguindo uma determinada linha de interpretação, é um caso evidente de *maus tratos*. Concretamente, se juntarmos o Trasímaco do Livro I de *A República* de Platão, qual *fera formando um salto pronta a dilacerar* Sócrates e os seus indefesos interlocutores (336b), ao Trasímaco dos raros fragmentos que restam, verificamos que estamos perante notícias não só contraditórias como incompatíveis. Uma análise cuidada desse material, de parceria com uma correcta compreensão do contexto intelectual, social e político em que surgem, poderão fornecer um bom exemplo da forma como o pensamento dos sofistas foi tantas vezes deturpado e atraído.

De facto, o testemunho de Platão, o elo tradicionalmente mais forte, pode não resistir ao confronto com outros testemunhos e fragmentos do sofista que podem ajudar a compreender até que ponto é forjada a figura e a prestação de Trasímaco no Livro I de *A República*.

Relativamente a Antifonte, trata-se de um sofista (?) que tem merecido especial atenção nas últimas décadas. Antifonte vai-se revelando, efectivamente, um pensador completíssimo e de uma rara originalidade. As áreas sobre as quais incide a sua reflexão, virão a constituir, no fundo, o conjunto das disciplinas filosóficas nucleares sempre presentes ao longo da História da Filosofia.

Protágoras:

- Local, datas e obra
- Análise das *Antilogias*

- Análise da *Verdade*
- Análise do mito de Protágoras no *Protágoras* de Platão
- Protágoras no *Teeteto*: análise da interpretação de Platão da máxima de Protágoras
- A teoria dos discursos *forte* e *fraco*: análise da notícia de Aristóteles na *Retórica*
- Conclusão

NOTA PRÉVIA: Relativamente a Protágoras, interessa tentar estabelecer a cronologia da obra, para, a partir daí, refazer o percurso do pensamento. De igual importância é proceder a uma análise do testemunho de Platão, concretamente, no *Protágoras* e no *Teeteto*, e de Aristóteles, designadamente, na *Retórica* e na *Metafísica*. A partir da recolha e tratamento da informação nas diferentes fontes, poderá ser possível determinar as perspectivas fundamentais de Protágoras relativamente a áreas que se relacionam com a ontologia, a gnosiologia, a ética ou a política.

SÍNTESE E ARTICULAÇÃO DE ALGUNS DOS TEMAS ENUNCIADOS:

Identificar as questões fundamentais levantadas nas *Antilogias*.

Interpretá-las como o resultado da constatação do carácter bipolar, antilógico, da realidade visível e invisível.

Determinar os temas nucleares de *A Verdade*.

Interpretá-los como alternativa construtiva à problemática anteriormente exposta nas *Antilogias*.

Concluir pela existência de uma solução de continuidade entre as *Antilogias* e *A Verdade*, como momentos de um processo dialéctico que representam duas fases distintas de um processo coerente de pensamento.

Leitura, análise e interpretação do fragmento *Sobre os deuses*.

Leitura, análise e interpretação do fragmento sobre o *homem-medida*.

Estabelecimento de uma relação coerente e de continuidade entre ambos.

Problematização do conceito de *homem* no fragmento sobre o *homem-medida*.

Determinação do alcance atribuído por Platão, na frase em análise, ao

conceito de *homem*, no diálogo *Teeteto*.

Estabelecimento de uma ligação entre: a) a tese defendida no *homem-medida*; b) a tese do discurso forte (*kreiton logos*) e do discurso fraco (*hetton logos*); c) a tese defendida pelo sofista, através do mito de Prometeu, no diálogo *Protágoras* de Platão.

Análise do testemunho de Aristóteles, na *Retórica*, sobre a tese do discurso forte (*kreiton logos*) e do discurso fraco (*hetton logos*): crítica do mesmo.

Concluir pelo carácter eminentemente filosófico do pensamento de Protágoras.

Górgias:

- Local, datas e obras
- Análise do Tratado *Acerca da Natureza ou do Não Ser* : defesa do carácter filosófico da obra
- Análise do *Elogio de Helena*: defesa do carácter filosófico da obra
- Relação entre as duas obras
- Retórica e Filosofia
- Conclusão

NOTA PRÉVIA: Tal como anteriormente com Protágoras, igualmente com Górgias há que proceder a um realinhamento da obra em ordem a traçar uma linha credível de pensamento. A atenção incidirá, essencialmente, em duas obras: o Tratado *Acerca da Natureza ou Do Não Ser* e o *Elogio de Helena*. De Platão convocar-se-á o diálogo *Górgias*, uma vez que coloca em destaque a oposição entre sofística e filosofia, na base da oposição entre discurso retórico e discurso dialéctico, com o objectivo de descredibilizar as teses do sofista. No mesmo passo, chamar-se-á a atenção para o significado da operação levada a cabo por Platão a determinada altura do diálogo: no momento em que colocando em cena essa estranha e sinistra personagem, o ignoto Calicles, faz recuar Górgias para os bastidores do diálogo.

Com a análise e interpretação do Tratado *Acerca da Natureza ou Do Não*

Ser e do Elogio de Helena pretende-se demonstrar a existência de uma clara solução de continuidade entre as duas obras e, sobretudo, que essa solução de continuidade significa uma nítida orientação de carácter filosófico, resultante de uma prévia problematização de questões que constituem uma área de constante reflexão filosófica. Em síntese, concluir-se-á que, quer o *Tratado Acerca da Natureza ou Do Não Ser* quer o *Elogio de Helena*, não se reduzem a meros exercícios de retórica de vácuca erudição, mas, ao contrário, são o resultado de uma reflexão séria que toca áreas como a ontologia, a gnosiologia, a ética ou a filosofia da linguagem.

Por último, do *Elogio de Helena* poder-se-á ainda conjecturar e discutir se não se encontrará aí subjacente um esboço, um ensaio de uma teoria da conduta, de uma ética do procedimento, em síntese, de um código deontológico. Recorde-se, a propósito, que o *Elogio de Helena* estabelece um paralelismo entre o médico e o sofista como médico das almas, para salientar a pesada responsabilidade que impende sobre o exercício de ambas as actividades.

SÍNTESE E ARTICULAÇÃO DE ALGUNS DOS TEMAS ENUNCIADOS:

Leitura do *Tratado Acerca da Natureza ou Do Não Ser*: análise e interpretação da primeira tese (*nada existe*); análise e interpretação da segunda tese (*se algo existe é incognoscível*); análise e interpretação da terceira tese (*ainda que cognoscível é incomunicável a outrem*).

Apresentação e discussão das teses pró e contra o carácter filosófico do *Tratado*. Identificação dos eventuais visados no *Tratado*.

Descobrir a presença da herança parmenídea através das teses (*nada existe, se algo existe é incognoscível, ainda que cognoscível é incomunicável a outrem*) anteriormente analisadas.

Concluir pela redução ao absurdo da identidade parmenídea entre *Ser, Palavra e Verdade*.

Constatar que a recusa da ontologia não determina a inevitabilidade de qualquer niilismo radical.

Inferir o papel central que está reservado ao *discurso* na construção da realidade que importa e da verdade possível.

Concluir pelo carácter eminentemente filosófico do *Tratado*.

Leitura do *Elogio de Helena*.

Análise e interpretação da obra: apresentação e discussão das teses pró

e contra o carácter filosófico da obra; reconhecer a existência de uma rigorosa metodologia argumentativa de fundo eminentemente filosófico.

Estabelecer a relação entre o resultado da reflexão levada a cabo no Tratado *Do Não Ser* e o papel e o poder atribuído ao discurso no *Elogio de Helena*.

Reconhecer a relação e a importância dos conceitos de *pharmakon* e de *peitho*, respectivamente na medicina e na sofística.

Estabelecer a relação entre médico do corpo e médico da alma.

Colocar a hipótese de, à luz do exemplo hipocrático, se insinuar a consciência da necessidade de um código de conduta a que o sofista se deve vincular, no exercício da sua actividade

Relacionar os conceitos de *logos* e de *peitho* com o conceito de *psicagogia*; explicar a justeza do conceito de *apate dikaia*.

Precisar o sentido do conceito de *kairos* no pensamento de Górgias.

Concluir, em função das temáticas e problemáticas abordadas, pela presença e um pensamento de carácter eminentemente filosófico, fortemente relacionado com a visão aporética do mundo presente nos grandes poetas trágicos.

Trasímaco

- Local, datas e obra
- Análise do testemunho de Platão no Livro I de *A República*
- Análise do fragmento *Sobre a Constituição Antigos*
- Análise do fragmento *Sobre os Deuses*
- Conclusão: para além da antilogia; pela Concórdia

NOTA PRÉVIA: Como se disse anteriormente, Trasímaco parece ser um caso evidente de *maus tratos*. Expliquemo-nos: durante séculos o que contou foi o Trasímaco do Livro I de *A República*. Ora, este Trasímaco é o testemunho vivo do estado de degradação e perversão a que a sofística, no espaço de duas gerações, pôde chegar. O que resulta, por conseguinte, de uma leitura directa da

prestação do sofista é o que Platão queria que resultasse: uma repulsa terminante das ideias defendidas pelo sofista e do ensino por si ministrado.

Porém, se continuarmos à procura de outras fontes para o conhecimento do pensamento do sofista, vamos encontrar outros escritos onde nos deparamos com posições que põem claramente em causa o testemunho de *A República*. Parece, então, que não nos resta outra alternativa senão optar por uma das fontes em confronto, considerando a outra espúria. Mas, talvez haja uma solução intermédia que acabe por contemplar os testemunhos aparentemente incompatíveis. A solução consiste então nos seguintes passos: enquadrar Trasímaco num contexto de crise geral e aguda das instituições, das tradições e dos valores; considerar que o comportamento e as posições por si defendidas, em *A República*, dificilmente seriam toleradas por qualquer auditório ateniense; considerar que as notícias recolhidas além de *A República* são absolutamente credíveis e aceitáveis (*Sobre a Constituição dos Antigos; Sobre os deuses*); considerar que Platão, de facto, não põe na boca de Trasímaco aquilo que ele não disse; considerar que, todavia, introduz um pequeno-nada, uma leve torção no discurso do sofista, a qual, efectivamente, irá adulterar todo o sentido da alocução. Ou seja, enquanto Trasímaco estaria a reportar a constatação de uma situação de facto, a qual teria conduzido Atenas ao estado de crise profunda em que se encontra, Platão parece fazer de conta que não se deu conta disso, e relata a alocução do sofista como se se tratasse da defesa de um estado de direito.

SÍNTESE E ARTICULAÇÃO DE ALGUNS DOS TEMAS ENUNCIADOS:

Leitura, análise e interpretação da intervenção de Trasímaco no Livro I de *A República* de Platão:

Caracterizar o contexto político-cultural em que a mesma ocorre.

Questionar se a forma e o conteúdo das teses defendidas pelo sofista seriam tolerados, na altura, por qualquer auditório ateniense.

Equacionar a hipótese de o discurso de Trasímaco ter sido objecto de distorção por parte de Platão.

Introduzir, para confronto, outros fragmentos e testemunhos: *Sobre os deuses; Sobre a Constituição dos Antigos*.

Reconhecer a presença de uma perspectiva claramente construtiva e, nesse sentido, diametralmente oposta à transmitida por Platão.

Colocar a hipótese de Platão confundir deliberadamente uma constatação de facto com uma defesa de direito.

Concluir pela presença de um pensamento de carácter eminentemente filosófico e original, afastando-se, inclusive, das orientações erísticas e antilógicas de Protágoras e de Górgias.

Antifonte

- Local, datas e obras
- A identidade: a questão antifônica
- A ontologia e cosmologia antifônica a partir da análise do testemunho de Aristóteles na *Física: *rhythmos/arrhythmiston**
- O pensamento político: análise da *Verdade*. Natureza e Convenção
- Ética e Antropologia: análise da *Concórdia*. Natureza e Convenção. Natureza e Condição Humana
- Conclusão

NOTA PRÉVIA: Um mistério e uma dificuldade. O mistério relaciona-se com o facto de Antifonte ter escapado ao crivo da crítica platónica. A dificuldade tem a ver com a identidade de Antifonte, ou seja, remete-nos directamente para a chamada “questão antifônica”, a qual consiste no seguinte: o Antifonte retórico e o Antifonte sofista são uma e a mesma pessoa ou, ao contrário, são duas pessoas diferentes? Quais os argumentos invocados em defesa de um Antifonte retórico *versus* um Antifonte sofista? Qual a validade dos mesmos? Quais os argumentos invocados em favor de um Antifonte simultaneamente retórico e sofista? Qual a validade dos mesmos?

Lançar-se-á, entretanto, para a mesa das possibilidades, a hipótese Antifonte sofista *versus* retórico, fazendo-se notar que se trata de uma solução provisória que só com o decorrer da análise do pensamento de ambos poderá revelar-se definitiva. Ora, a análise da obra levar-nos-á a concluir que estamos perante dois homens com orientações político-filosóficas diametralmente opostas. A atenção incidirá, então, sobre as duas obras atribuídas ao sofista,

Verdade e Concórdia. O resultado do estudo dessas obras revelará um pensamento claramente filosófico marcado por uma rara originalidade.

De facto, a reflexão levada a cabo por Antifonte leva-o a tocar em diferentes disciplinas de carácter eminentemente filosófico: ontologia, cosmologia, gnosilogia, hermenêutica, ética e filosofia social e política. Constatase, igualmente, a existência de uma terminologia de raiz antifônica, mesmo que alguns desses termos já façam parte da terminologia filosófica corrente. Ou seja, frequentemente, na expectativa da criação de uma linguagem tão próxima quanto possível da *ideia*, Antifonte procede a um trabalho de ruptura ou de reatribuição de sentido.

Por outro lado, a coerência do seu *sistema* é absolutamente notável: há como que um sistema de vasos, de ideias, de conceitos comunicantes entre as diferentes disciplinas abordadas. A problemática cosmológica remete para a problemática ontológica, a qual se liga à antropológica que remete para a ética e para a política. A terminologia varia em função da área abordada, mas é uma mudança essencialmente ao nível do significante e não tanto ao nível do significado. Por essa razão, é possível *circular* no interior da obra e do pensamento de Antifonte, conseguindo-se uma compreensão do sentido e coerência do seu pensamento, sem oscilações nem alterações bruscas nas zonas de passagem.

SÍNTESE E ARTICULAÇÃO DE ALGUNS DOS TEMAS ENUNCIADOS:

Estabelecer contacto com algumas passagens das *Tetralogias* de Antifonte o retórico.

Traçar, a partir daí, um perfil do homem e do político.

Estabelecer um primeiro contacto com passagens previamente seleccionadas das obras *Verdade e Concórdia* de Antifonte o sofista.

Proceder, com base nos dados analisados, a uma breve abordagem da “questão antifônica”.

Analisar os argumentos pró e contra de cada alternativa.

Identificar as dificuldades resultantes da defesa da tese de um Antifonte retórico e sofista.

Colocar a hipótese de um Antifonte *outro* que não o retórico.

Analisar a viabilidade dessa hipótese através da leitura, análise e interpretação das obras *Verdade e Concórdia*.

Reconhecer a existência de uma terminologia propriamente antifônica.

Análise e interpretação da mesma com base, entre outros, nos conceitos de *rhythmos/larrythmiston*, *apeiros*, *diathesis*, *dike*, *ananke*, *physis*, *doxa* e *homonoia*.

Descobrir a estreita relação entre a cosmologia e a ontologia antifônica.

Identificar a relação existente entre a *Verdade* e a *Concórdia* e, a partir daí, assinalar a ligação entre as vertentes ética, política, antropológica e as vertentes cosmológica e ontológica. Assinalar a existência de problemáticas até aí não abordadas.

Reconhecer a actualidade das mesmas.

Concluir pela existência de um pensamento de carácter eminentemente filosófico de rara originalidade.

e) Sócrates:

- Local, datas

- Fontes para o conhecimento de Sócrates: Aristófanes, Platão, Xenofonte, Aristóteles e escolas socráticas menores

- Análise e crítica das fontes

- Análise das fases da evolução do pensamento de Sócrates: naturalista, sofista, socrática

- A condenação de Sócrates:

as peças da condenação

análise e crítica das mesmas

as razões da condenação

- Temas e orientações filosóficas fundamentais

NOTA PRÉVIA: Era suposto que, de Sócrates, de quem se diz que nada disse porque (de) nada sabia, de nada se soubesse. Ora, Sócrates é uma presença permanente, uma referência constante ao longo da História da Filosofia. Mas, a peculiaridade da questão está no facto de Sócrates ser esta presença constante

precisamente por, recusando-se a fazer doutrina, nada ter escrito, isto é, exactamente o contrário que leva todos os outros filósofos a figurarem na História da Filosofia. O que sabemos de Sócrates chega-nos através daqueles que dizem ter ouvido dele ou, nessa impossibilidade, terem sabido dele através de outros.

Assim, a primeira questão a ser colocada, relaciona-se com a análise e discussão das fontes para o conhecimento de Sócrates. Ora, o testemunho das fontes não é coincidente. Assim, torna-se necessário proceder a uma avaliação muito rigorosa do peso e da credibilidade desses testemunhos.

Em *As Nuvens*, de Aristófanes, Sócrates surge como a personagem principal sobre quem se concentram críticas que, mais tarde, se virão a revelar de uma eficácia letal. Sócrates é o representante das novas correntes de ideias que vêm assolando Atenas: as filosofias da natureza e a sofística. A eficácia destas críticas confirma-se quando se verifica que, pese embora a comédia surgir em 423 a. C., em 399 a. C., quando Sócrates é levado a tribunal, as acusações com que se deparar são exactamente aquelas que, anos antes, surgiam em *As Nuvens*.

O testemunho de Platão, tal como o de Xenofonte, impõe a análise e discussão das posições pró e contra defendidas pelos eruditos, relativamente à validade dessas fontes, e poderá levar à conclusão de que se Platão peca por excesso, Xenofonte peca por defeito.

Aristóteles, como defende Magalhães Vilhena, autor de um estudo ainda hoje de consulta obrigatória, é uma fonte sem acesso directo a Sócrates e que se socorre, essencialmente, do testemunho de Platão. Nesse sentido, defende o Autor, pouco acrescenta.

A referência às escolas socráticas menores tem um duplo interesse: no momento em que se toma contacto com as orientações filosóficas de cínicos, cirenaicos e megáricos, verifica-se uma apropriação e exploração de eventuais perspectivas filosóficas de Sócrates num sentido que não corresponderia à sua formulação original.

A hipótese de fases na evolução do pensamento de Sócrates visa traçar um percurso intelectual razoavelmente credível. Uma fase naturalista, uma fase sofística e uma fase propriamente socrática, eis, em síntese, três momentos que poderão ter representado outras tantas orientações de carácter filosófico na vida de Sócrates. A abordagem deste assunto remete para a leitura e análise de alguns diálogos de Platão, entre os quais, *Apologia*, *Fédon*, *Hípias Maior* e *Hípias Menor*.

A questão da condenação de Sócrates tem de ser estudada com base nas informações recolhidas junto de Aristófanes, Platão e Xenofonte e na crítica das mesmas. Paralelamente, proceder-se-á à análise do contexto político, social e cultural, no qual ocorre a condenação.

Por último, propor-se-á uma aproximação a uma eventual temática de carácter ético-político que constituiria o centro de toda a reflexão socrática.

SÍNTESE E ARTICULAÇÃO DE ALGUNS DOS TEMAS ENUNCIADOS:

Identificar as fontes para o conhecimento de Sócrates.

Descrever as diferentes imagens de Sócrates através de cada uma das fontes.

Analisar os argumentos pró e contra a validade de cada uma das fontes.

Concluir pelo carácter precário e conjectural da construção de uma imagem do Sócrates histórico na base dos testemunhos existentes.

Identificar as eventuais fases da evolução do pensamento de Sócrates.

Caracterizar cada uma delas na base dos testemunhos disponíveis.

Relacionar a última fase com os diálogos de juventude de Platão.

Caracterizar a ironia socrática.

Caracterizar a maiêutica socrática

Analisar o teor das acusações que determinam a condenação de Sócrates.

Relacionar com a comédia *As Nuvens* de Aristófanes.

Reconhecer nas posições de carácter ético-político defendidas por Sócrates um factor determinante da sua condenação.

Ensaïar o estabelecimento das ideias centrais de uma eventual doutrina propriamente socrática, de matriz eminentemente ético-política, através dos testemunhos de Platão e de Xenofonte.

PLATÃO

E

ARISTÓTELES

XI. PLATÃO

1. Local, datas

2. Acontecimentos capitais

3. A obra:

a) Cronologia e critérios de autenticação:

- a componente literária

- a componente filosófica

- a componente linguística e estilística

- provas internas e referências recíprocas nos diálogos

b) A transmissão da obra

NOTA PRÉVIA: Como se referia na Introdução, ao chegar a este ponto do programa, o docente, em nome do rigor científico e da eficácia e transparência pedagógica, depara-se com uma série de dificuldades que não deve ignorar e que por isso mesmo exigem escolhas claras e inequívocas.

O conhecimento que os alunos trazem do pensamento de Platão é claramente insuficiente, na maior parte das vezes nulo, ou seja, os alunos “não fazem ideia nenhuma” do pensamento de Platão. Ora, o objectivo do docente é que os alunos, tendo em conta os vários condicionamentos existentes – limite temporal, extensão do programa - fiquem a “fazer (uma) ideia de Platão”. Melhor, adquiram um conjunto de conhecimentos chave (“bases”) que lhes permitam, a partir daí, circular pela obra do filósofo com um mínimo de destreza e de segurança. Ou seja, não se pretende, porque é objectivamente inexecutável, dar “a obra de Platão”, mas deseja-se que o aluno adquira os conhecimentos e as competências necessárias que lhe permitam identificar os grandes temas do pensamento platónico e saber situar e eleger, sempre que disso necessite, a obra ou obras onde poderá entrar em contacto directo com determinada problemática.

Certo de que os alunos colherão vantagens e proveitos desta metodologia, o docente não deve recear avançar para uma programação que, a olhos pretensamente mais exigentes, mas certamente menos experientes, poderá parecer enfermar de uma excessiva inclinação secundária ou liceal, desaconselhável a alunos do “superior”. Ora, já se disse, esse risco não se

corre, uma vez que os alunos não têm qualquer base anterior ou secundária, e não é científica nem pedagogicamente aceitável que em nome de uma pura abstracção se julgue poder queimar ou ignorar etapas incontornáveis neste difícil processo de aprendizagem.

Começar por assinalar e conhecer alguns dos momentos da vida de Platão vai muito além de um mero procedimento metodológico que, noutras circunstâncias, visaria preencher tão-somente um primeiro ponto de abertura ao estudo do pensamento e da obra de um filósofo. O encontro com Sócrates e o convívio mantido, até à sua morte; as circunstâncias que envolveram a condenação e a morte de Sócrates; a vivência de uma forma extremamente intensa de uma época de crise profunda; o fracasso dos regimes democráticos e a ausência de alternativas; a fundação da Academia; a odisseia siciliana, resultado certamente de ilusões repetidamente desfeitas, são alguns dos momentos chave da vida de Platão e que estão na origem de opções e orientações decisivas que os seus escritos vêm testemunhar.

Uma referência, ainda que breve, a algumas dificuldades levantadas pela obra de Platão, parece-nos igualmente necessária, ao mesmo tempo que funciona como uma advertência para um requisito a ter em conta sempre que se pretenda empreender uma investigação especializada e em profundidade do pensamento e da obra do filósofo. Refiram-se, a propósito, algumas dessas dificuldades:

1. Estabelecimento de uma cronologia das obras, perante a inexistência de um consenso sobre a questão; a tentativa de, pese embora a divisão de opiniões junto dos eruditos, se estabelecer uma cronologia aproximada dos diálogos a partir da admissão de dois, três grandes períodos na evolução do pensamento de Platão, concretamente, período de juventude ou socrático, de maturidade ou propriamente platónico e de velhice.

2. Estabelecimento de um critério seguro de autenticação dos diálogos e cartas. Excepto a VII, a autenticidade de todas as outras cartas é colocada em causa. Se bem que haja um relativo consenso a respeito dos diálogos considerados autênticos, surgem, entretanto, outros que são considerados suspeitos (v.g., *Segundo Alcibíades*, *Hiparco*) ou mesmo apócrifos (v.g., *Sísifo*, *Definições*). Ora, os critérios de autenticação são de uma enorme fragilidade e, por essa razão, objecto de discussão e de reservas. Tanto os critérios externos (atribuição de determinada obra a Platão por Aristóteles ou Cícero; referência a uma obra no interior de outra obra de Platão), como os critérios internos (processo estilométrico; estabelecimento de uma “matriz” filosófica fixa em

Platão), são de uma extrema debilidade, dificultando a existência de um consenso tendente a um seguro critério de autenticação.

3. A estas dificuldades acresce ainda a notícia de Aristóteles (*Física* IV, 209b) da existência de “obras não escritas”, resultado de um ensino de carácter esotérico, ministrado no interior da Academia, e que incidiria sobre o tema das “ideias-números”.

4. Por último, a questão da transmissão das obras. Referência aos diferentes manuscritos de que há conhecimento, à edição de Henri Estienne de 1578, que serve de primeira edição para todas as referências, e breve notícia sobre as edições actualmente existentes e disponíveis para aquisição e consulta directa, v.g., *Oeuvres Complètes de Platon*, bilingue, Guillaume Budé, Les Belles Lettres, 1921-1964; *Plato in twelve volumes*, W. Heinemann, s/d; *Plato, the dialogues*, Loeb Classical Library, s/d.

SÍNTESE E ARTICULAÇÃO DE ALGUNS DOS TEMAS ENUNCIADOS:

Assinalar momentos capitais na vida de Platão.

Justificar a importância do encontro e da posterior relação com Sócrates.

Descobrir a influência de Sócrates na vida e na obra de Platão.

Relacionar a condenação e morte de Sócrates com orientações específicas na vida e no pensamento de Platão.

Relacionar as frequentes viagens à Sicília com o crescente desencanto relativamente ao futuro político de Atenas e com a expectativa da concretização da “utopia”.

Concluir que a Sicília seria esse “lugar que não existe”.

Enumerar as dificuldades que se colocam ao conhecimento da obra de Platão.

Ensaier uma cronologia aproximada com base nas cronologias propostas pelos eruditos.

Descrever os diferentes critérios de autenticação das obras, actualmente existentes.

Avaliar a consistência dos mesmos.

Colocar a hipótese da existência de um ensino estritamente oral, no interior da Academia.

Reconhecer a dificuldade em conjecturar algo sobre os conteúdos ministrados.

Conhecer as fontes para o conhecimento da obra de Platão. Tomar contacto directo com traduções de referência.

4. O Diálogo:

a) Formas de desenvolvimento do diálogo:

- diálogo aberto [*Teeteto*]
- diálogo fechado [*Górgias* (Cálicles)]
- diálogo conclusivo [*Timeu*]

b) O desfecho do diálogo:

- desfecho socrático
- desfecho platónico
- o significado do diálogo inconclusivo

c) A componente cénica do diálogo:

- a relação do diálogo com o público/leitor/ouvinte
- palco, cidade e filosofia
- a evolução da relação de Platão com Sócrates através dos Diálogos

NOTA PRÉVIA: Trata-se de salientar essa forma original e eficaz de expressão do pensamento filosófico. Procurar aquilo a que poderíamos chamar de causas externas e internas da opção pelo modelo dialógico. Imaginar Atenas como uma série de palcos concêntricos onde se dá a palavra, usa-se da palavra, toma-se a palavra, na certeza de que palavras não as leva o vento, uma vez que, como diz Koyré, pressupõem a existência de um destinatário preciso, concreto, presente, enfim, um público mais ou menos atento, mais ou menos esclarecido. Em última análise, nós, e ainda aqueles que, depois de nós, hão-de vir a ... ler Platão.

Os diálogos são *um grande teatro*? E qual é o espanto? A vida em Atenas não é uma representação constante? A Assembleia, o Tribunal, o Teatro, enfim, a Cidade não são um palco constantemente aberto?

Comparativamente com muitas dessas encenações, os diálogos de Platão são representações de raro apuro cénico de um tempo e de um lugar de

figurantes reais com temperamentos diferentes, orientações políticas contrárias, perspectivas filosóficas incompatíveis.

Com Platão, *vemos* o acontecimento que é a chegada de Protágoras a Atenas. Apercebemo-nos de que, por muito profundas que sejam as divergências com o sofista, é necessário dirimi-las com arte e prudência, uma vez que, para todos os efeitos, Protágoras não é um sofista qualquer; o público sabe-o: Protágoras é Protágoras.

Através de Platão, *experimentamos* um certo sobressalto, um desagradável calafrio com a chegada abrupta de Cálicles ao meio do diálogo, e compreendemos, no mesmo instante, que Górgias não podia estar mais ali, porque, para todos os efeitos, Górgias não é um sofista qualquer; o público sabe-o: Górgias é Górgias.

E o mesmo mal-estar volta a ser *sentido*, no Livro I de *A República*, perante a feroz investida de Trasímaco, esse lídimo representante de uma sofística levada às últimas consequências.

Mas, também, *compartilhamos* com Platão essa simpatia espontânea, essa compreensão condescendente, essa vontade *de ajudar* um Teeteto de *boa-fé* a ir por bom caminho.

E depois, ainda temos aquele que é a alma do diálogo: Sócrates, que nunca está a mais, que é sempre uma *scholé*, isto é, uma escola, entenda-se, um prazer; um prazer ouvir contar, ouvir interrogar, ouvir discorrer, enfim, ouvir bater à porta da alma de cada um de nós. É essa uma das mensagens e um dos objectivos do diálogo: não há livro nem aula, por mais profundos ou expositivos que sejam, que abram as portas do conhecimento. O conhecimento que verdadeiramente interessa já está *lá*. Sócrates é aquele que mostra como, simultaneamente, é central e secundário o papel do mestre, daquele que *sabe*. De facto, que outro papel pode caber a um “parteiro de almas”?

Mas, a análise do diálogo obriga a ir mais além. De facto, a sua estrutura e o seu desenvolvimento não se mantêm constantes ao longo do tempo. É nesse sentido que se fará referência aos diálogos de matriz *genuinamente* socrática, aos diálogos de transição e aos diálogos *genuinamente* platónicos. Ou seja, chamar-se-á a atenção para um progressivo afastamento de Platão relativamente ao Sócrates original e, a partir daí, à progressiva substituição do diálogo inconclusivo ou aberto pelo diálogo assertivo ou conclusivo. A este propósito, far-se-á uma breve referência à relação de Platão com Sócrates e ao difícil afastamento, senão mesmo separação, que este sente ter de empreender, em determinada altura, relativamente ao mestre.

SÍNTESE E ARTICULAÇÃO DE ALGUNS DOS TEMAS ENUNCIADOS:

Identificar formas de desenvolvimento do diálogo.

Caracterizar o diálogo *aberto*.

Caracterizar o diálogo *fechado*.

Caracterizar o diálogo *conclusivo*.

Relacionar desfecho socrático com diálogo *aberto* e diálogo *fechado*.

Justificar a razão dessa relação.

Explicar o processo de desenvolvimento do diálogo do período socrático.

Assinalar a presença de uma terceira personagem ausente: o público-leitor-ouvinte.

Descobrir o papel atribuído a essa terceira personagem.

Explicar o significado da conclusão inconclusiva constante dos primeiros diálogos.

Relacionar desfecho platônico com diálogo *conclusivo*.

Justificar a razão dessa relação.

Caracterizar a componente cênica dos diálogos.

Relacionar com o contexto político-cultural de Atenas.

Identificar Sócrates como a personagem principal dos diálogos de Platão.

Assinalar as exceções a esta regra.

Procurar as causas de tal ocorrência.

Seguir a evolução da relação filosófica de Platão com Sócrates através da evolução do papel de Sócrates ao longo dos diferentes diálogos.

Justificar a razão dessa oscilação.

5. A relação de Platão com a *filosofia antiga*:

- a) a influência pitagórica
- b) ir além de Heraclito
- c) resolver a aporia parmenídea
- d) combater a ameaça atomista
- e) calar os sofistas

NOTA PRÉVIA: Este ponto mostra que a História da Filosofia já está a funcionar. Há um passado pré-socrático que Platão não pode ignorar. E não ignora, ainda que o olhando ora com um misto de apreensão e reserva, ora com uma certa distanciação e altivez.

A influência pitagórica é inquestionável. A relação próxima de Platão com Arquitas de Tarento, as suas frequentes surtidas *italianas*, a par do testemunho de Aristóteles, na *Metafísica*, comprovam-no. Mas não só. Uma rápida incursão pelo pensamento e pela obra de Platão mostram claramente a enorme influência pitagórica nas vertentes científica e místico-religiosa. A convocação do *Fédon*, do Livro X de *A República* (mito de Er) ou do *Fedro* (mito do cocheiro e dos cavalos), justifica-se. O papel central atribuído às matemáticas tal como a complexa arquitectura do Universo, explicam igualmente uma nova incursão pelos diálogos *A República* e um primeiro contacto com o (pitagórico) *Timeu* (de Locros).

Platão não ignora Heraclito. Refere-se-lhe de uma forma mais ou menos directa em diferentes diálogos (v. g., *Crátilo*, *Teeteto*). A sua atenção incide essencialmente numa das componentes do seu pensamento: a teoria do fluir constante ou do eterno devir, isto é, aquela que se relaciona directamente com a ideia platónica do mundo sensível, instável, oscilante, em constante mutação. A prova da existência de um plano superior, anterior e exterior ao sujeito pensante, capaz de conter as ideias ou formas, paradigmas de que todas as outras coisas derivam, é fundamental e pode ter encontrado nesta leitura incompleta e restrita do pensamento de Heraclito uma poderosa motivação.

Mas, é em Parménides que reside o maior desafio. Platão tem de solucionar os bloqueamentos resultantes das aporias decorrentes das posições defendidas por Parménides, sob pena de a viabilidade do seu próprio projecto filosófico se ver definitivamente comprometida. Platão tem de “reler” e “reformular” o emprego do verbo “ser”; tem de reintroduzir ao lado de “é” a possibilidade de “não é”; tem de ampliar o horizonte de emprego e de compreensão das diferentes formas do verbo “ser”, tentando resguardar, todavia, e tanto quanto possível, a imagem de Parménides, filósofo, essa figura *venerável e terrível* (*Teeteto* 83e).

Assim, é possível libertar a possibilidade da “Teoria da Participação”, introduzir uma terceira categoria ontológica, a meio caminho entre “ser” e “não ser”, isto é, o “devir”, e ainda seguir no encalço do sofista, apanhando-o,

finalmente, em flagrante delito de opinião. Os diálogos *Parménides* e o *Sofista* são peças indispensáveis para a reconstituição do *plano* de Platão.

Entretanto, e num outro registo, o atomismo radicalmente materialista de Demócrito surgia como uma ameaça a combater. A negação de qualquer princípio de carácter teleológico, a defesa do princípio do acaso e de um mecanicismo simultaneamente espontâneo e derivado das únicas realidades realmente existentes, os átomos, partículas físicas sólidas, compactas, em número infinito ao acaso no vazio infinito, só inteligíveis pela razão, escapando, por consequência, à imprecisão dos dados dos sentidos, constituíam propostas que, a diferentes títulos, havia que neutralizar.

Por último, os sofistas. Neste ponto do programa, os alunos já se encontram suficientemente familiarizados com o diferendo que opõe Platão aos sofistas. Já entraram em contacto com o *Protágoras* e com o *Teeteto*, a respeito de Protágoras; com o *Górgias*, a respeito de Górgias; com o Livro I de *A República*, a respeito de Trasímaco.

Neste momento, convocar-se-á a presença de *Hípias Menor*, *Hípias Maior* e de *O Sofista* para, em conjunto com os diálogos anteriormente referidos e analisados, concluir e estabelecer, em definitivo, os termos desta tensão constante que atravessa toda a obra de Platão. De facto, *calar os sofistas* parece ser a expressão adequada. Mas, talvez mais: calar os sofistas e erradicar os sofistas de um espaço que não lhes pertence e que ilegitimamente insistem em ocupar.

SÍNTESE E ARTICULAÇÃO DE ALGUNS DOS TEMAS ENUNCIADOS:

Descobrir a estreita relação existente entre Platão e o pitagorismo.

Enumerar as doutrinas pitagóricas que mais influenciaram importantes orientações do pensamento de Platão.

Assinalar os diálogos onde essas influências se encontram patentes.

Analisar e interpretar essas ocorrências.

Concluir pela presença de um fundo eminentemente pitagórico que se mantém presente ao longo de toda a obra de Platão.

Descobrir a influência de Heraclito e do heraclitismo no pensamento de Platão.

Explicar a dificuldade decorrente da tese do eterno devir.

Assinalar os termos em que Platão contorna essa dificuldade.

Analisar e interpretar, nos respectivos diálogos, as passagens que esclarecem a estratégia de Platão perante Heraclito e os seus mais directos seguidores.

Compreender a importância central de Parménides no pensamento de Platão.

Assinalar as aporias legadas pelo pensamento de Parménides.

Explicar de que modo Platão resolve e supera essas dificuldades.

Identificar os diálogos onde é levado a cabo esse trabalho.

Analisar e interpretar as respectivas passagens dos mesmos.

Explicar por que razão o atomismo de Demócrito não pode ser aceite e tem de ser rebatido por Platão.

Procurar as raras passagens, nos diálogos, onde esta questão se encontra latente.

Retomar o diferendo que opõe Platão aos sofistas.

Associar *novos* diálogos aos anteriormente analisados, em ordem a estabelecer um quadro mais consistente da oposição de Platão aos sofistas.

Concluir pela permanência da herança sofista ao longo da obra de Platão, como presença sempre a erradicar, se bem que ... sempre presente.

6. Áreas ou disciplinas nucleares:

- a) teoria do conhecimento e teoria das ideias**
- b) a questão da participação e separação das ideias**
- c) alma: origem, preexistência e imortalidade**
- d) teoria da reminiscência: alma e conhecimento**
- e) ética e teoria do conhecimento**
- f) ética e teoria política**
- g) o Mundo e o Mundo das Ideias: teoria das origens**
- h) cidade e cultura**

NOTA PRÉVIA: Neste ponto do programa, apresentavam-se duas estratégias possíveis: tratar dos grandes temas do pensamento platónico através de uma análise detalhada dos respectivos diálogos, seguindo e sublinhando as oscilações e a evolução que essas temáticas foram conhecendo ao longo da obra, ou, em alternativa, introduzir de imediato essas diversas disciplinas, fazendo, sempre que necessário e possível, uma regressão na ordem dos acontecimentos, no sentido de restabelecer um trajecto de pensamento. Optámos por esta segunda via pelas razões anteriormente expostas, na *Introdução*. Ou seja, perante a extensão do programa, a par dos constrangimentos de ordem temporal, havia que proceder a escolhas claras de modo a fazer deste programa uma proposta de aprendizagem séria e exequível.

Por outro lado, os alunos, neste momento, já se encontram razoavelmente identificados não só com as principais tendências do pensamento platónico, mas também com uma terminologia que as suporta e justifica. Acresce ainda que nos parece necessário levar os alunos a chegarem o mais cedo possível à conclusão de que, pese embora a diversidade de problemáticas abordadas por Platão, há um vínculo, um traço de continuidade, uma coerência interna patente, que permite uma nítida articulação entre as diferentes temáticas e, assim, a rápida compreensão da presença de um pensamento marcado por uma evidente inteligibilidade, mesmo tendo em conta a existência de algumas dificuldades ainda não totalmente solucionadas.

Esta metodologia permite que, como foi sugerido, na base da abordagem de determinada temática, e sempre mediante a convocação de outros diálogos, se parta no enalço da sua *genealogia* e se avance no sentido do seu destino.

Assim, e a título exemplificativo, verifica-se que a *teoria do conhecimento* de Platão só *funciona* na base de dois pilares em torno dos quais se estabelece e resolve a complexa relação entre dimensão sensível e dimensão inteligível. Ou seja, a *teoria do conhecimento* é essencialmente, mas não exclusivamente, *Teoria das Ideias*. Procurar a ideia de ideia em Platão, assim como o estatuto a conferir ao *Mundo das Ideias*, será o próximo passo. Esta abordagem, em breve, lançar-nos-á na complexa questão da *teoria da participação e da separação das ideias*. A convocação de o *Parménides* e de *O Sofista* é inevitável. Através deles, veremos como Platão acerta contas com Parménides e como, no mesmo lance, introduz a comunicação dos *géneros* sem os quais a *teoria do conhecimento*, a *Teoria das Ideias*, a participação do sensível no inteligível e a clara distinção entre verdade e engano corriam o risco de perder eficácia e credibilidade.

Mas, entretanto, é necessário descortinar que grau de realidade é

atribuído ao mundo sensível e que papel lhe é destinado no processo do conhecimento. Porém, falar assim de “conhecimento” é demasiado genérico e curto, é dizer nada ou muito pouco. Há diferentes níveis de conhecimento; é necessário descobri-los, explicá-los; compreender de que maneira se alcançam; é preciso, igualmente, identificar as ciências que correspondem a cada um desses níveis e a importância do seu papel propedêutico na obtenção de um nível superior de conhecimento. O *Ménon*, *A República* e o *Teeteto* são os próximos diálogos a serem convocados.

Esta temática está directamente relacionada com uma outra: alma e *teoria da reminiscência*. Ou seja, a *Teoria das Ideias* só encontra sentido e exequibilidade na base de que as *Ideias* são anteriores e exteriores ao sujeito, mas também que, pese embora essa anterioridade e exterioridade, não são definitivamente inacessíveis ao conhecimento. Concretamente, é necessário provar por que razão conhecer é essencialmente reconhecer e, nesse sentido, por que razão o conhecimento conhece não o desconhecido, mas o esquecido.

Este processo mostra ainda por que razão vale a pena *tratar* da alma, despertá-la do adormecimento em que se encontra envolvida: de facto, sem isso, nunca saberemos nada. Mas há mais vantagens neste trabalho de estimulação e purificação só possível, aliás, através do militar no filosofar: efectivamente, a alma não interessa só aqui e agora. A sua imortalidade prova que vale a pena começar a preparar, desde já, um futuro, que só na medida em que nos prepararmos para ele, nos pertence. Não foi Sócrates que disse que *filosofar é aprender a morrer*? Para este processo, entretanto, foram chamados a depor, entre outros, o *Ménon*, o *Fédon*, *A República* e o *Timeu*.

Será ainda necessário estabelecer e explicar a estreita relação entre *ética e teoria do conhecimento*, *ética e teoria da alma*, *ética e teoria política* e mesmo entre *ética e teoria das origens*, uma vez que essa relação se encontra bem patente no *Timeu*. Toda a obra de Platão é atravessada por este traço ético que se encontra sempre presente ao longo das diferentes problemáticas abordadas. Todavia, será igualmente necessário concluir que, em última análise, se trata de uma distinção com uma carácter eminentemente forçado e artificial em termos de pensamento platónico e mesmo de pensamento grego.

Por outro lado, se há diálogos que incidem preferencialmente sobre a *teoria política*, não deixa de ser igualmente evidente que essa temática se encontra de uma forma, mais ou menos patente, ao longo de toda a obra de Platão, sugerindo a presença de uma preocupação constante, assim como de uma esperança e convicção, umas vezes mais acentuada, outras vezes mais

desencantada, nas virtualidades e viabilidade das propostas avançadas. Obviamente que, tendo em conta as razões agora aduzidas, uma incursão pela *República* e pelas *Leis* se apresenta como absolutamente necessária.

E, para terminar, uma vez que nos encontramos em *A República*, na pista da Constituição ideal para a cidade ideal, será de chamar a atenção para o lugar reservado por Platão às diferentes realizações culturais, melhor dizendo, o que teria sido do futuro da Cultura Clássica caso *A República* tivesse passado do papiro à prática.

SÍNTESE E ARTICULAÇÃO DE ALGUNS DOS TEMAS ENUNCIADOS:

Estabelecer a distinção entre sensível e inteligível.

Definir o estatuto atribuído ao sensível.

Definir o estatuto atribuído ao inteligível.

Traçar o percurso da Ideia ao longo dos diálogos de Platão.

Descrever o processo gnosiológico presente no *Ménon*

Descobrir o que, no *Ménon*, do ponto de vista gnosiológico, não se mostra mas se anuncia.

Analisar o *Teeteto* na base da relação/oposição entre conhecimento sensível e conhecimento inteligível.

Descobrir o que, no *Teeteto*, do ponto de vista gnosiológico, não se mostra, mas se anuncia.

Analisar e interpretar as alegorias presentes em *A República* (alegoria do Sol, da *Linha Dividida* e da *Caverna*) numa perspectiva gnosiológica, ética e antropológica.

Assinalar, na sequência dessa análise, o papel atribuído às Matemáticas e à Dialéctica na formação do filósofo.

Explicar as razões da superioridade da Dialéctica relativamente às Matemáticas.

Situar, no contexto da Teoria das Ideias, a questão da relação/separação das Ideias.

Analisar a questão da participação das Ideias, na base da teoria da alma, e a partir do diálogo *Fédon*.

Analisar a questão da participação das Ideias, na base da teoria das origens/cosmologia, e a partir do diálogo *Timeu*.

Analisar a questão da participação/separação das Ideias, na base da

teoria do Ser, e a partir dos diálogos *Parménides* e o *Sofista*.

Assinalar as dificuldades equacionadas, no *Parménides*, resultantes da teoria da participação das Ideias.

Explicar a resposta e a solução dadas a essas questões, no diálogo *O Sofista*.

Descobrir o papel central da alma, nos diálogos de Platão, do ponto de vista gnosiológico, ontológico, antropológico, ético e escatológico.

Explicar a teoria da reminiscência com base nos mitos presentes em o *Ménon* (81a-e), *Górgias* (523a-524a), *Fédon* (113d-114c), *A República* (614b- 621d) e o *Fedro* (246a-249a; 249c- 250c).

Estabelecer a relação entre alma e conhecimento com base na análise e interpretação dos diálogos, v.g., *Ménon* e *Fédon*.

Concluir pela presença de uma forte influência de raiz pitagórica.

Sublinhar o carácter simultaneamente nuclear e transversal da componente ética ao longo dos diálogos de Platão.

Identificar a ideia de justiça em *A República*.

Associar a ideia de justiça à realização da virtude

Descobrir o principal objectivo de *As Leis*

Explicar a relação de *As Leis* com *A República*

6. Diálogos. Leitura, análise e interpretação:

- a) *Hípias Menor*
- b) *Hípias Maior*
- c) *Apologia de Sócrates*
- d) *Críton*
- e) *Górgias*
- f) *Ménon*
- g) *Crátilo*
- h) *Fédon*
- i) *República*
- j) *Parménides*
- k) *Sofista*
- l) *Timeu*
- m) *Leis*

NOTA PRÉVIA: Do elenco de diálogos acima indicados, é muito variável, de ano para ano, o número daqueles que são analisados. Em qualquer circunstância, o objectivo mínimo que se pretende atingir visa sempre a análise de um conjunto de diálogos que se situem em diferentes fases da evolução do pensamento de Platão. Como já se disse anteriormente, há aqui muita incerteza, seja porque a cronologia da obra de Platão não é um dado consensual, seja porque traçar uma linha de uma (hipotética) “evolução” do pensamento de Platão tem muito de conjectural.

Pesem embora as dificuldades existentes, abordar-se-á, pelo menos, um diálogo de *juventude*, um diálogo de *transição*, um diálogo de *maturidade* e um diálogo de *velhice*, concretamente, a *Apologia de Sócrates*, o *Górgias*, o *Fédon* e o *Sofista*.

As indicações que a seguir se registam não são mais do que tópicos, pistas, linhas de uma estratégia de aproximação, de um ensaio de análise e de interpretação do pensamento do filósofo, através dos seus textos e na base de um conhecimento que veio sendo progressivamente ampliado e consolidado, conforme os pontos do programa anteriormente indicados.

Nesta fase, a experiência diz-nos que os alunos se encontram razoavelmente aptos a empreender essa análise e interpretação dos diálogos, uma vez que rapidamente se dão conta de uma familiaridade e de um certo domínio dos assuntos aí abordados.

6. Diálogos. Leitura, análise e interpretação:

c) Apologia de Sócrates

TÓPICOS DO MODELO DE ANÁLISE E DE INTERPRETAÇÃO SEGUIDO:

Situar a *Apologia* no conjunto da obra de Platão.

Equacionar a questão da historicidade/veracidade do testemunho presente na *Apologia*; analisar o conteúdo das posições pró e contra.

Distinguir a posição de Sócrates da posição do orador, do poeta e do político.

Descrever a relação estabelecida por Sócrates entre filósofo, alma e

conhecimento.

Descobrir as razões que levam à condenação de Sócrates.

d) Críton

TÓPICOS DO MODELO DE ANÁLISE E DE INTERPRETAÇÃO SEGUIDO:

Situar a *Apologia* no conjunto da obra de Platão.

Descobrir a complementaridade existente entre o *Críton* e a *Apologia*.

Equacionar a questão da historicidade/veracidade do testemunho presente no *Críton*; analisar a consistência dos argumentos que atestam essa historicidade.

Descrever a relação estabelecida por Sócrates entre cidade, cidadão e lei.

Descobrir, a partir daí, as razões que impedem Sócrates de optar pela fuga.

Constatar a relação estabelecida novamente por Sócrates entre filósofo, alma e conhecimento.

Descobrir que a questão subjacente é a distinção entre o bem e o mal e a determinação da natureza de cada um deles.

e) Górgias

TÓPICOS DO MODELO DE ANÁLISE E DE INTERPRETAÇÃO SEGUIDO:

Situar o *Górgias* no conjunto da obra de Platão.

Enquadrar o *Górgias* no clima de profunda crise social e política vivida em Atenas.

Analisar cada uma das partes do diálogo a partir da intervenção dos interlocutores de Sócrates:

1. Górgias e a questão da natureza do justo e do injusto; a retórica em análise.
2. Pólo e a escolha entre cometer ou sofrer a injustiça; a retórica em análise.

3. Cálculos e a superioridade da natureza sobre a convenção; consequências decorrentes dessa posição. O significado do mito introduzido por Sócrates: a influência pitagórica. Caracterização da argumentação dialéctica de Sócrates. A estreita relação entre ética, retórica e política. A relação entre retórica e dialéctica. A superioridade da dialéctica relativamente à retórica: filósofo e sofista. O bem, o prazer e a felicidade: filósofo versus sofista.

f) *Ménon*

TÓPICOS DO MODELO DE ANÁLISE E DE INTERPRETAÇÃO SEGUIDO:

O *Ménon* no conjunto da obra de Platão.

Da conclusão negativa à emergência de uma doutrina construtiva: Platão mais além de Sócrates.

A defesa da Teoria da Reminiscência.

A sua relação com a Teoria das Formas.

A prova do escravo.

A distinção entre conhecimento e crença verdadeira.

O *Ménon* anuncia *A República*.

h) *Fédon*

TÓPICOS DO MODELO DE ANÁLISE E DE INTERPRETAÇÃO SEGUIDO:

O *Fédon* no conjunto da obra de Platão.

Apresentação e análise das diversas questões relativas à alma.

A associação dos argumentos religioso de fundo pitagórico, *físico-racional* de raiz heraclítica e filosófico-racional de matriz socrático-platónica.

A relação entre a Alma e as Ideias.

“A Alma é a Forma da vida” (106c).

Interpretação do mito de carácter escatológico.
O elogio do filósofo e do filosofar.

i) *República*

TÓPICOS DO MODELO DE ANÁLISE E DE INTERPRETAÇÃO SEGUIDO:

Descrever a alegoria do *Sol* no livro VI.

Descobrir as associações aí estabelecidas.

Explicar as relações daí decorrentes entre sensível e inteligível, ética e conhecimento.

Descrever a alegoria da *Linha Dividida* no livro VI.

Explicar, através dos segmentos da Linha, os diferentes níveis de conhecimento.

Identificar o ponto de ruptura entre sensível e inteligível.

Estabelecer a distinção entre *dianoia* e *noesis*.

Enumerar as ciências (matemáticas, astronomia, harmonia) nucleares para a formação do filósofo.

Explicar a importância das ciências matemáticas na formação do filósofo.

Descrever a alegoria da *Caverna* no livro VII.

Relacionar com a alegoria da *Linha Dividida*.

Identificar na alegoria da *Caverna* uma relação estreita entre ética, conhecimento, filósofo e filosofar.

Descrever o mito de *Er* no livro X.

Identificar influências de carácter pitagórico.

Descobrir o objectivo que presidiu à introdução do mito de *Er* no último livro de *A República*.

Situar a procura da definição de Justiça entre os livros I e IV.

Descrever e interpretar a actuação de Trasímaco no livro I.

Descobrir que entre os livros II e IV se conclui que Justiça resulta da concretização de um conjunto de virtudes.

Descrever e interpretar a utopia do Estado Justo no livro V.

Avaliar a análise empreendida nos livros VIII e IX das principais formas de injustiça tanto na Cidade quanto na alma.

k) *Sofista*

TÓPICOS DO MODELO DE ANÁLISE E DE INTERPRETAÇÃO SEGUIDO:

Situar o diálogo no conjunto da obra de Platão.

Explicar por que razão é plausível colocar o diálogo no seguimento do *Teeteto*.

Identificar e analisar os problemas centrais com que Platão se debate neste diálogo:

- A impossibilidade de provar que o sofista produz discursos falsos, falando do que *não é*.
- A necessidade de romper com Parménides: o *não ser*, sob certas condições, é possível.
- A possibilidade e o estatuto do *não ser*.
- Os géneros. Cinco géneros essenciais: o ser, o movimento, o repouso, o outro, o mesmo.
- A comunidade e a comunicação dos géneros.
- A possibilidade do discurso. A possibilidade do discurso falso.
- A teoria das *Ideias* e a teoria da *Participação*.

m) *Leis*

TÓPICOS DO MODELO DE ANÁLISE E DE INTERPRETAÇÃO SEGUIDO:

Compreender *As Leis* como uma revisão à escala humana do paradigma da perfeição.

Assinalar nos livros II e VII o projecto de educação obrigatória para todos os cidadãos.

Registar a evolução relativamente às propostas de *A República*.

Salientar, no livro III, o aparecimento da primeira explicação do aparecimento do Estado, através do desenvolvimento das instituições políticas desde as origens, no livro.

Assinalar, no livro VI, a importância conferida às leis constitucionais através da apresentação de dois casos opostos: o despotismo e a

democracia.

Descobrir, no livro IV, que *As Leis* se apresentam como um substituto possível do governo dos filósofos.

XII. ARISTÓTELES

1. Datas, vida e obra.

- a) Um estrangeiro em Atenas
- b) Discípulo de Platão
- c) Espêusipo, e não Aristóteles, sucessor de Platão na direcção da Academia
- d) A experiência macedónica
- e) A ruptura com Platão
- f) A fundação do Liceu
- g) A acusação de impiedade e a saída de Atenas
- h) Uma obra extensa e multidisciplinar
- i) Um estilo rigoroso e austero
- j) A transmissão da obra
- l) As traduções de referência
- m) Os estudos de referência

NOTA PRÉVIA: Se com Platão se verificava uma ausência quase total de uma informação minimamente credível e consistente que viabilizasse uma abordagem do pensamento do filósofo, a partir de um conjunto de conhecimentos anteriormente adquiridos, com Aristóteles essa situação é ainda mais grave, uma vez que é ainda maior o desconhecimento do seu pensamento. Assim, na ausência de “bases”, não há qualquer alternativa senão começar pelo “princípio”.

Aristóteles não é só o filósofo-que-sucede-a-Platão, no sentido de que, como seu discípulo, “segue” Platão. Pelo contrário, será necessário sublinhar que Aristóteles segue-se a Platão, mas não “segue” Platão. Ou seja, deve referir-

se o que une Aristóteles a Platão, mesmo que, por vezes, Aristóteles pareça não se dar conta disso, mas, sobretudo, há que relevar o que os separa. E, numa primeira análise, extemporânea e menos reflectida, dir-se-ia que tudo ou quase tudo os separa. Mas, de facto, e em última análise, surpreender-se-á um vínculo de fundo, algo que nos diz que, ainda que por caminhos diferentes, perseguem um objectivo comum.

Este assunto funciona, inclusivamente, como uma “deixa” para recordar que este é o “material” de que é feita a História da Filosofia. Se os filósofos fossem uns meros repetidores dos seus antecessores, nunca lá figurariam. Mas, por outro lado, nunca poderão afirmar, à maneira de Descartes, uma absoluta independência ou não querer saber da História da Filosofia anterior, uma vez que acabam inevitavelmente por ser traídos numa esquina qualquer dessa História. Ou seja, é o momento oportuno para lembrar aos alunos que, sob os escombros dos sistemas, emergem sempre os problemas, isto é, um núcleo problemático residente e resistente, uma insistente mesmidade que é a alma que eternamente anima o filosofar. Enfim, é também por aqui que se confirma, mais uma vez, que a Filosofia Antiga é “antiga”... relativamente.

Das diversas alíneas contempladas neste ponto, refira-se, entre outros, o estatuto social de Aristóteles em Atenas. É, para todos os efeitos, um estrangeiro, e vai senti-lo, porque lhe farão sentir que, de facto, é um estrangeiro.

A sua ligação com Platão, tal como já antes sucedera com a ligação de Platão a Sócrates, é um momento crucial na sua vida. É aí que Aristóteles *aprende filosofia* e se torna platónico. Mas é também a partir daí que Aristóteles se torna aristotélico e empreende a ruptura com Platão. A forma como ele trata esta questão está bem longe do procedimento de Platão perante Sócrates. Ao contrário de Platão, que relativamente a Sócrates, afastou-se não se afastando, Aristóteles afasta-se afastando-se, isto é, não se esconde, não simula que continua por este caminho tendo já partido para outro. Aristóteles é directo, frontal no ataque ao núcleo duro da teoria platónica. E, a partir daí, parte para uma crítica demolidora, sem contemplações, pela ... “verdade”. Recorde-se que, “amigo de Platão, mas ...”

Igualmente, ao contrário de Platão, que rumou várias vezes à Sicília na esperança de fazer do tirano o governante que Atenas já não *dava*, Aristóteles limitou-se a ir à Macedónia ensinar o filho de Filipe, Alexandre, a apreciar e a admirar as coisas raras e boas que eles tinham. Mas estas *explicações* vir-lhe-iam a sair caras. Primeiro, porque Alexandre terá tomado a parte pelo todo e terá

pensado que uma Grécia *toda junta* era melhor do que uma Grécia *em partes*, coisa que Aristóteles passou a vida a dizer não ser melhor nem praticável; depois, porque, pese embora os apoiantes do partido anti-macedónico saberem que essa não era a política de Aristóteles, não se importaram de o envolver nas aventuras hegemónicas de Alexandre.

Ora, Aristóteles era ateniense, mas só de *coração*, porque, *para os devidos efeitos*, era estrangeiro. Com os anos de Atenas que tinha, ele sabia qual era o procedimento frequente perante uma *persona non grata*. Sai e vai morrer longe, em Calcis, na ilha de Eubeia, em 322 a. C., deixando uma obra imensa. Imensa em extensão, imensa em temas e problemas (existe, inclusive, uma compilação intitulada *Problemata*) que abrangem os mais variados domínios do saber. De facto, Aristóteles parecia interessar-se por *tudo*, porque *tudo* parecia despertar-lhe a curiosidade: botânica, zoologia, cosmologia, física, antropologia, ética, política, literatura, poesia....

Enfim, Aristóteles é, por um lado, o herdeiro directo dessa insaciável curiosidade e querer saber que marcou essa longa geração que se havis iniciado com os *outsiders* de Mileto, e, por outro, o génio que antecipa o sábio renascentista.

Nesta sua permanente tendência para se *distrair com tudo*, reside uma das dificuldades maiores que se colocam à elaboração de um “programa sobre o pensamento de Aristóteles”.

SÍNTESE E ARTICULAÇÃO DE ALGUNS DOS TEMAS ENUNCIADOS:

Caracterizar o estatuto social de Aristóteles em Atenas.

Analisar a sua relação com Platão.

Explicar as causas e o processo de ruptura com Platão

Indicar o essencial da sua experiência na Macedónia.

Avaliar o significado e a importância da fundação do Liceu.

Assinalar as causas do auto-exílio de Aristóteles.

Reconhecer a existência de uma obra marcada por uma imensa abertura, curiosidade e querer saber sobre os mais variados domínios da ciência e da filosofia.

Assinalar, por oposição a Platão, a presença de um estilo conciso, rigoroso e austero, enfim, de “um homem de ciência”.

Descrever o processo de transmissão da obra.
Indicar as traduções de referência.

2. Aristóteles e Platão

- a) Aristóteles perante Platão: caminhos diferentes perante projectos diferentes
- b) Aristóteles perante Platão: caminhos idênticos perante projectos análogos

NOTA PRÉVIA: Ainda que à primeira vista contraditórias, senão mesmo incompatíveis, estas alíneas visam, por um lado, levar os alunos a concluir que há matéria suficiente para elaborar um elenco de razões que separam Aristóteles de Platão, mas, ao mesmo tempo, sem pôr em causa a razão dessas razões, concluir que é igualmente forte aquilo que os une.

Um dos principais pontos de ruptura prende-se com a teoria das Ideias de Platão. Aristóteles não aceita essa ficção, essa redundância que é a duplicação do mundo num mundo sensível e num mundo inteligível. Ao contrário de Platão, para quem a ténue sustentabilidade do sensível deriva de uma dádiva de sentido do inteligível, para Aristóteles a razão sem experiência é vazia, *tábua rasa*. Assim, poder-se-ia estabelecer a seguinte relação: enquanto para Platão não há nada no mundo sensível que não tenha existido anteriormente no mundo inteligível, para Aristóteles nada existe na razão que não tenha passado anteriormente pelos sentidos. Ou seja, a razão privada dessa outra dimensão não tem *matéria* para trabalhar, horizonte para *olhar*. Enquanto para Platão as Ideias já “lá” estavam na sua eternidade, imaterialidade e inextensão, surgindo o segundo mundo como um escolho incontornável que o primeiro, na sua imensa bondade, teria que trabalhar, moldar, contornar, para Aristóteles esse “lá” é um delírio, pura fantasia, simples perífrase ou duplicação de palavra.

Provavelmente, um dos factores que mais contribuíram para esta dissenção encontra-se na resposta a uma questão que Platão formula e a que Aristóteles não responde porque nem sequer a coloca: a questão das origens. Platão pergunta pelo processo que conduziu ao Mundo tal como ele é actualmente, ou seja pela fonte inteligível, anterior e exterior, que lhe conferiu sentido. Ora, Aristóteles não faz isso, uma vez que o Mundo é eterno, sempre existiu assim, na sua imutabilidade, bastando-se a si próprio. Em última análise, o Mundo, na sua totalidade, é potência aspirando eternamente a acto.

Mas, é óbvio, que, apesar das discordâncias, permanece um fundo comum de convergências. Um mesmo ideal de sabedoria; a possibilidade de um conhecimento verdadeiro, universalmente válido, em contraste com um conhecimento de carácter estritamente sensível, condenado à incerta opinião, flutuante, contraditória. Em última análise, a chave dessa possibilidade de um conhecimento verdadeiro chama-se *eidos*, *ideia* para Platão, *forma* para Aristóteles.

SÍNTESE E ARTICULAÇÃO DE ALGUNS DOS TEMAS ENUNCIADOS:

Identificar as questões que levam à ruptura de Aristóteles com Platão.

Explicar as razões invocadas por Aristóteles.

Avaliar a consistência das razões de Aristóteles.

Descobrir que Aristóteles, ao contrário de Platão, não coloca a questão da origem e actual ordem do Mundo.

Inferir que responder ou não responder a essa questão implica percursos diferentes com resultados diferentes.

Concluir que se encontra aqui uma das razões da oposição de Aristóteles à teoria das Ideias de Platão.

Explicar o diferente entendimento de Platão e de Aristóteles, relativamente às relações entre sensibilidade e razão.

Antecipar algumas das consequências daí resultantes.

Identificar os pontos de concordância entre Platão e Aristóteles

Concluir que, por detrás de importantes divergências, permanece um núcleo essencial de concordâncias.

3. Áreas de referência e disciplinas nucleares

a) Introdução à terminologia aristotélica:

- Essência e Acidente
- Acto e Potência
- Forma e Matéria
- Substância (*ousia*) / Substâncias (*ousiai*)
- Ser (*to on he on*) / Seres (*onta*)

b) O processo do conhecimento e as funções da alma:

- A experiência:
 - a sensação e a experiências das coisas externas
 - a consciência e a experiência das coisas internas
 - a matéria e a dimensão do individual
 - a ciência e a dimensão do geral
- Categorias e descrição
- Teoria das causas e explicação
- A Alma como primeira *entelecheia* de um corpo
- As funções da alma
- O intelecto paciente ou passivo como receptáculo
- O intelecto agente ou activo como actualidade
- O papel da indução e da intuição: intuição indutiva/intuição intelectual
- A Forma e a função da abstracção
- Nota: o intelecto activo como actualidade, impassibilidade e não mistura é a parte separável e imortal da razão?

c) A teoria do Ser

- O Ser das Matemáticas
- O Ser da Física
- O Ser da Filosofia
- O Ser como universal analógico ou *ser-dos-seres*
- O Ser como a substância eterna, imóvel, inextensa e indivisível
- Os dois sentidos de Ser são opostos e inconciliáveis ou relacionam-se e conciliam-se?

- As teses de Jaeger e de Aubenque
- Maneiras de *Ser* e maneiras de *dizer*: o *Ser* e o *logos*. O Filósofo e o sofista

d) A teoria do Mundo

O Mundo supralunar:

- incorruptível
- incriado
- imutável
- movimento circular, perfeito e eterno
- seres eternos
- o elemento éter
- os astros, as esferas e os motores imóveis.

O Mundo sublunar:

- a natureza, a mudança, o lugar, o vazio e o tempo
- os quatro elementos: terra, fogo, ar e água
- corrupção
- mutabilidade
- indeterminação
- movimento rectilíneo: o alto e o baixo; o leve e o pesado
- seres sujeitos ao nascer e perecer

e) O Primeiro Motor, a Divindade e o Motor Imóvel

- O Motor Imóvel no último livro da *Física* (VIII):
 - o Primeiro Motor e a origem do movimento
 - o movimento: o não movido origem do movido
 - o movimento e a teoria das causas

- a *causa incausada*
- características do Primeiro Motor: eterno, inextenso, indivisível, sem grandeza
- o tempo e a eternidade
- O Motor Imóvel no livro XI da *Metafísica*:
 - o Primeiro Motor e a origem do movimento
 - a metáfora do *amor*
 - o Motor Imóvel e Deus:
 - acto puro
 - não criador
 - pensamento autopensante
 - imóvel
 - transcendente
 - causa final do movimento eterno
- O Mundo perante Deus:
 - potência e acto
 - movimento eterno
 - aspiração eterna
 - causa final

f) Teoria Política

- Natureza e finalidade do Estado
- Crítica à doutrina política platónica
- Ética e Política
- Os regimes políticos
- O Bem supremo para a Cidade e para o indivíduo

g) Aspectos da ética aristotélica

- Ética e Política. *Phronesis* e *Politike*
- As virtudes do intelecto: sabedoria teórica e sabedoria prática
- Crítica à Teoria das Ideias ou das Formas de Platão
- Os desígnios do filósofo e da filosofia: saber e felicidade
- Elogio do *Justo Meio*

NOTA PRÉVIA: Este extenso ponto 3, desdobrado numa série de alíneas, é o resultado de um *trabalho de casa* do professor, no sentido de criar uma estrutura explicativa dos aspectos fundamentais do pensamento de Aristóteles, que conduza os alunos a descobrirem e compreenderem a existência de uma articulação e coerência interna no pensamento do filósofo.

a) A experiência diz-nos que uma referência, ainda que preambular, a alguns conceitos chave da terminologia aristotélica, é um modo eficaz de promover um primeiro contacto com o pensamento do filósofo, através de um primeiro domínio de alguns conceitos operativos.

Elegendo, a título de exemplo, o caso da análise da relação entre *essência* e *acidente*, verifica-se que a mesma suscita uma série de pistas que podem, desde logo, ser exploradas. Justifica uma primeira incursão na *Metafísica* e a convocação dos conceitos de *substância* e *ousia*. A essência como núcleo substantivo, como aquilo que faz com que uma coisa seja o que é e não possa ser outra coisa qualquer, constitui-se como essência necessária, como o verdadeiro objecto da ciência, do saber. Esta essência é *forma* imanente e imaterial.

Numa primeira análise, o *acidente*, em contraste com a *essência*, anteriormente entendida como núcleo substantivo, poderia ser entendido como mera periferia *adjectiva*. Mas Aristóteles chama a atenção para a necessidade de distinguir entre *acidentes casuais* e *acidentes causais*. E assim, mais uma vez, através de uma incursão na *Metafísica*, somos informados de que há *acidentes* que ainda que não caiam no núcleo específico da *essência*, não constando, conseqüentemente, da definição científica, se encontram, apesar disso, vinculados à *essência*, causalmente, ou seja, por *causa* daquilo que ela é essencialmente.

Acto e *potência* são igualmente conceitos correntes rapidamente descodificáveis pelos alunos. Chamar-se-á a atenção, no entanto, para o contexto, o significado e o objectivo preciso do seu emprego por Aristóteles. *Potência* como princípio de movimento e de mudança, mas mudança controlada, isto é, entre os termos de um género comum. *Potência*, igualmente, como *possessão* e *privação* e, simultaneamente, como *possessão* de uma *privação*. *Acto* no sentido de termo final para que tende o movimento, *entelecheia* ou estado de realização e completude.

Por outro lado, *matéria* como receptáculo, *privação*, como algo que “deseja” *forma*; e ainda a distinção entre *matéria* e *matéria prima*.

SÍNTESE E ARTICULAÇÃO DE ALGUNS DOS TEMAS ENUNCIADOS:

Estabelecer a distinção entre *essência* e *acidente*.

Definir e exemplificar *essência*.

Identificar *essência* com objecto da definição científica.

Relacionar *essência* com *forma*.

Definir e exemplificar *acidente*.

Distinguir *acidente casual* de *acidente causal*

Definir *acidente causal*.

Estabelecer a distinção entre *potência* de *acto*.

Identificar *potência* com *privação*, *possessão*, *possessão de privação*, princípio de movimento e ponto intermédio entre ser e não ser.

Definir e exemplificar *acto*.

Identificar *acto* com *entelecheia*.

Estabelecer a diferença entre *acto* e *Acto Puro*

(Nota: o mesmo procedimento relativamente a *matéria/forma*).

b) Referência à importância conferida por Aristóteles à experiência e aos dados sentidos como factores impulsionadores do processo do conhecimento, sem prejuízo do estabelecimento de uma clara distinção entre o conhecimento do individual e o conhecimento do universal, entendido este como o verdadeiro objecto do conhecimento. Com base na *Metafísica*, referência às categorias como processo de descrição de algo sob dez pontos de vista diferentes; sublinha-se, a propósito, que se trata ainda de um estágio insuficiente de

conhecimento, pelo que, além da descrição, se exige a explicação desse algo, ou seja, o conhecimento das causas: causa material, formal, eficiente e final; passa-se à caracterização das mesmas, seja relativamente a objectos animados ou inanimados. Com base no Tratado *Da Alma*, caracterização desta como *forma* de um corpo; alusão às críticas dirigidas ao platonismo; a partir da análise das funções vegetativa, sensitiva e intelectual da alma, introdução dos conceitos de intelecto activo ou agente e de intelecto passivo ou paciente, como factores fundamentais no processo do conhecimento; análise da função do intelecto passivo como acto de apreensão, como *matéria* sobre a qual irá agir o intelecto activo; análise da função do intelecto activo como “impressor” de *formas* ou como a capacidade de isolar, pela abstracção, as *formas* da *matéria*.

SÍNTESE E ARTICULAÇÃO DE ALGUNS DOS TEMAS ENUNCIADOS:

Salientar o lugar de destaque atribuído à sensação e à experiência no processo do conhecimento.

Reconhecer que, pesem embora as diferenças e as críticas dirigidas por Aristóteles a Platão, ambos partilham o mesmo ideal de conhecimento.

Enumerar as categorias.

Explicar a sua função.

Enunciar as quatro causas.

Explicar a sua função.

Interpretar o sentido da expressão, segundo a qual, *a alma é primeira entelecheia de um corpo*.

Enumerar as funções da alma.

Explicar cada uma das funções da alma.

Distinguir, com base na sua função intelectual, intelecto paciente e intelecto agente.

Descrever a função do intelecto paciente.

Descrever as operações empreendidas pelo intelecto agente.

Concluir que o conhecimento da *forma* resulta de relação entre intuição indutiva, intuição intelectual e abstracção.

Colocar a questão da separabilidade e imortalidade do intelecto agente.

Contactar com a opinião dos eruditos.

Propor uma conclusão provisória.

c) Através de uma incursão pela *Metafísica*, referência aos dois sentidos do conceito de *Ser*: como *Ser* dos seres e como *Ser* que nenhum outro ser é e, mais uma vez, convocação do conceito de *Ousia*. Concretamente, 1. O *Ser* como podendo ser tomado em diversas acepções, mas sempre relativamente a um termo único, ou seja, o *Ser* como um universal analógico, no sentido em que todos os seres contém *Ser*, em função da existência de um *Ser* dos seres. 2. O *Ser* entendido como substância eterna, indivisível, inextensa e imóvel e, conseqüentemente, independente, separada dos seres sensíveis. Nesse sentido, trata-se de acto puro, perfeição absoluta, actua indirectamente sobre todas as coisas pela atracção que exerce sobre as mesmas.

Werner Jarger defende que as duas perspectivas apresentadas por Aristóteles representavam duas fases da evolução do seu pensamento: uma fase marcada ainda pela forte influência de Platão, e uma segunda fase já propriamente aristotélica.

Próxima desta posição, segue a perspectiva de Étienne Gilson que defende que Aristóteles reflecte, por um lado, a herança platónica, ao colocar o *Ser* na estabilidade e mesmidade de uma dimensão afastada dos entes individuais, e, por outro lado, a tendência para afirmar uma posição propriamente aristotélica que o leva a situar o real no individual concreto.

SÍNTESE E ARTICULAÇÃO DE ALGUNS DOS TEMAS ENUNCIADOS:

Identificar o *Ser* das Matemáticas, da Física e da Filosofia.

Caracterizar o *Ser* da Filosofia.

Assinalar os dois sentidos de *Ser*.

Analisar e interpretar o significado dos mesmos.

Verificar se os dois sentidos são incompatíveis ou complementares.

Analisar as posições de alguns eruditos sobre esta matéria.

Descobrir a relação entre *Ser* e *logos*.

Assinalar, a partir daí, a distinção empreendida entre *logos* filosófico e *logos* sofístico.

Concluir que é o *logos* filosófico que enuncia o *Ser*.

d) - e) Neste ponto, chamar-se-á, desde já, a atenção dos alunos para o facto de Aristóteles, o crítico intransigente do Platão dos dois mundos, cavar um fosso

tão fundo entre um mundo supralunar e um mundo sublunar: um mundo incriado, incorruptível, imutável, de movimento eterno, circular e perfeito, versus um mundo corruptível, mutável, sujeito à indeterminação, ao nascer e ao perecer. Relevar-se-á, igualmente, o facto de Aristóteles falar em esferas a que os astros se encontram ligados, encontrando-se cada uma delas dotada de um motor imóvel. Ou seja, a questão que se coloca é a seguinte: além de um primeiro Motor Imóvel há outros motores imóveis? Qual a sua natureza? Qual a sua relação com o Primeiro Motor? Motores subordinados, de segunda importância?

Este ponto permite-nos partir para a abordagem da tese de Aristóteles da existência de um Primeiro Motor Imóvel. Será necessário chamar a atenção para o facto de o mesmo não ser entendido nem tratado de igual modo na *Física* e na *Metafísica*. De facto, poder-se-á inclusive adiantar que a questão do Motor Imóvel funciona como que uma ponte entre a *Física* e a *Metafísica*. Na *Física*, o Motor Imóvel é tratado de uma forma tão “física” quanto possível. É essencialmente causa do movimento; movimento eterno, tal como o Primeiro Motor, e o tempo que, como medida, eterno é: erradica-se assim qualquer ideia de criação ou génese. Na procura da origem do movimento, e através da sucessão de causas, uma vez que estas não se podem prolongar infinitamente, chegar-se-á a um Primeiro Motor, chame-se-lhe *causa incausada*. Ora, o que distingue este Primeiro Motor é o seu carácter eterno, imóvel e movente. Ou seja, não há nada que lhe seja anterior que o mova, mas ele, na sua eterna imobilidade, transmite movimento através de algo semelhante a um contacto dinâmico. Em síntese, e como se disse, move sem ser movido.

Na *Metafísica*, o Motor Imóvel identifica-se clara e directamente com Deus. Separado, absolutamente transcendente, é Acto Puro, *forma sem matéria*, perfeição absoluta que, como tal, só se pode pensar a si próprio: é pensamento auto-pensante. Assim, ignora o mundo e tudo o que não seja ele próprio. Não é um Deus fabricante, um demiurgo, à imagem do Deus do *Timeu* de Platão. A relação de Deus com o Mundo parte agora e cinge-se exclusivamente a uma relação do Mundo com Deus. É o Mundo que pela sua inultrapassável imperfeição se dirige eternamente, como que impulsionado pela atracção ou amor da perfeição, para Deus eternamente inalcançável. Deus é assim a causa do movimento eterno pela atracção que exerce sobre todas as coisas que aspiram à concretização desta divina beleza. De notar, para concluir, que esta transcendência de Deus como Acto Puro é mais radical e inacessível que a própria Ideia de Bem em Platão.

SÍNTESE E ARTICULAÇÃO DE ALGUNS DOS TEMAS ENUNCIADOS:

Identificar a existência de um mundo supralunar e de um mundo sublunar.

Descrever as características do mundo supralunar.

Explicar a natureza de alguns dos seus elementos constitutivos.

Assinalar a existência de uma pluralidade de motores imóveis.

Relacionar esse facto com a existência de um Primeiro Motor Imóvel.

Propor uma solução.

Estabelecer o contraste entre supralunar e sublunar através da descrição de algumas características do mundo sublunar.

Sublinhar a crítica de Aristóteles a Platão e as características do mundo supralunar aristotélico.

Analisar o estatuto do Primeiro Motor na *Física*:

Explicar a origem do movimento.

Relacionar o movido com o não movido.

Explicar o imóvel através da sucessão de movimentos ou causas.

Descobrir de que forma o Motor Imóvel transmite o movimento.

Enumerar as características do Motor Imóvel.

Analisar o estatuto do Motor Imóvel na *Metafísica*:

Relacionar o Motor Imóvel com Primeiro Motor e Deus.

Explicar a origem do movimento.

Relacionar o movido com o não movido.

Descrever a relação do Mundo com Deus.

Enumerar e explicar as características da divindade.

Extrair as consequências dessa revelação

Relacionar o Deus de Aristóteles com o Deus de Platão.

Extrair daí as necessárias consequências.

f) Dever-se-á chamar a atenção dos alunos para o facto de, no domínio do pensamento político, Aristóteles, comparativamente com o que anteriormente se verificara em *A República* e mesmo nas *Leis*, não representar a ruptura, o corte radical protagonizado por Platão. Nesse sentido, é evidente que o pensamento político de Platão é, como se viu, um manancial de novas ideias, de propostas inéditas, tocando, inclusive, a utopia. Pelo contrário, o pensamento político de Aristóteles surge-nos como extremamente *razoável, pacífico, exequível*,

precisamente porque ele se encontra, por aí, muito mais próximo de nós.

Procurar-se-á esclarecer a convicção de Aristóteles de que *o homem é um animal político*, associando-a à “crença” de que a *polis* é o lugar mais-que-perfeito para o acontecimento *político*.

Igualmente, será de realçar a relação estreita e permanente entre ética e política (v. g., a procura do Bem para a cidade e para o indivíduo), sublinhando, a propósito, que a justificação da escravatura dada por Aristóteles exige um enquadramento e contextualização a que, de seguida, se procederá.

SÍNTESE E ARTICULAÇÃO DE ALGUNS DOS TEMAS ENUNCIADOS:

Reconhecer e explicar as claras diferenças existentes entre o pensamento político de Aristóteles e o pensamento político de Platão.

Descrever, neste domínio, as críticas de Aristóteles à filosofia política de Platão.

Explicar o sentido da asserção, segundo a qual, *o homem é um animal político*.

Explicar a importância da polis como espaço político.

Classificar e caracterizar as principais formas de regime político.

Concluir pela estreita relação entre ética e política.

f) Mais uma vez, sublinhar-se-á o papel nuclear da componente ética no pensamento filosófico grego e, no caso vertente, em Aristóteles. Concretamente, através da estreita relação estabelecida entre ética e política e, por essa via, entre *phronesis* e *politike*. Proceder-se-á a uma análise detalhada do conceito de *phronesis* no pensamento do Estagirita.

Ainda, e mais uma vez, referência à crítica desferida contra a teoria das Ideias ou dos paradigmas de Bem, Beleza, e outros, de Platão, o que, de alguma forma, continua a aproximar Aristóteles de nós.

Determinação do papel que incumbe ao filósofo, concretamente, compete ao filósofo procurar o saber e a verdade, mas, igualmente, melhorar os homens tornando-os mais felizes. No mesmo sentido, será de prestar especial atenção à ideia de *justo meio* e à defesa que Aristóteles faz do mesmo, relacionando-o com a ideia de justiça. A estreita relação entre bem-estar individual e bem-estar geral, isto é, entre indivíduo e Estado é, igualmente, uma ideia recorrente em

Aristóteles.

Em conclusão, e após a análise dos temas fundamentais da Ética, dever-se-á salientar a presença de um pensamento caracterizado pela tolerância, por um profundo humanismo e por uma especial finura na análise psicológica.

SÍNTESE E ARTICULAÇÃO DE ALGUNS DOS TEMAS ENUNCIADOS:

Reconhecer o lugar central da vertente ética no pensamento de Aristóteles.

Estabelecer a distinção entre *phronesis* e *politike*.

Descrever a crítica à teoria das Ideias de Platão do lado da componente ética.

Identificar o papel reservado ao filósofo no campo do saber e dos valores.

Explicar a ideia de *justo meio*.

Analisar o conceito de justiça.

Relacionar justiça com amizade.

Concluir pela presença de um espírito tolerante, humanista e sagaz.

4) Os Trabalhos de Aristóteles: leitura, análise e interpretação.

a) *Física*

b) *Metafísica*

c) *Ética Nicomachea*

d) *Política*

c) *Ética Nicomachea*

TÓPICOS DO MODELO DE ANÁLISE E DE INTERPRETAÇÃO SEGUIDO:

Identificar a natureza da ética.

Assinalar os métodos de estudo da ética.

Identificar e assinalar as duas virtudes do intelecto: *sophia* e *phronesis*.

Distinguir virtudes do intelecto de virtudes de carácter.

Analisar virtude moral.

Explicar o conceito de *justo meio*.
 Analisar a relação entre responsabilidade e livre-arbítrio.
 Descrever o *homem de sabedoria*.
 Avaliar o papel do legislador e do educador.
 Analisar o conceito de justiça.
 Analisar o conceito de amizade.
 Relacionar o conceito de justiça com o conceito de amizade.
 Explicar por que razão a amizade vai mais longe do que a justiça.
 Reconhecer a íntima relação entre Ética e Política, *phronesis* e *politike*.

d) *Política*

TÓPICOS DO MODELO DE ANÁLISE E DE INTERPRETAÇÃO SEGUIDO:

Com base no Livro I:

Descrever a natureza e a finalidade do Estado.
 Assinalar os argumentos invocados para a legitimação da escravatura.
 Explicar o sentido da expressão *o homem é um animal político*.
 Identificar a *polis* como o único lugar possível de toda a civilidade.

Com base no Livro II:

Descrever a crítica à filosofia política platónica defendida em *A República* e as *Leis*.

Com base no Livro III:

Justificar a estreita relação entre Ética e Política.
 Assinalar, mais uma vez, a invocação do espaço privilegiado da *polis*, como o lugar *político* por excelência.

Com base no Livro IV:

Descrever o papel da ciência política na procura da melhor forma de regime em absoluto.
 Assinalar a classificação e caracterização das principais formas de regime político.

Com base no Livro VII:

Identificar o Bem supremo para a cidade e para o indivíduo.
 Sublinhar o elogio da moderação e do justo meio.
 Concluir pela defesa do carácter e valor relativo dos diferentes regimes

políticos.

XIII. INTRODUÇÃO ÀS FILOSOFIAS HELENÍSTICAS

1. A época Helenística: nota introdutória

a) O fim da *polis* como Cidade-estado.

b) O esvaziamento do papel do cidadão.

c) Da *polis* à *cosmopolis*.

d) Da liberdade à liberdade interior.

e) A Biblioteca de Alexandria.

f) A aventura do *livro*: do papiro ao pergaminho; do códice ao livro.

NOTA PRÉVIA: Ainda que se trate de uma introdução, as filosofias helenísticas não podem ser competentemente entendidas sem um prévio enquadramento de carácter histórico, político, social e cultural.

O mero(?) desaparecimento da *polis* como Cidade-Estado, o único formato, aliás, que os gregos conheceram e com o qual sempre se identificaram, tem consequências devastadoras tanto ao nível da sua integridade física como psíquica, uma vez que, um grego é um cidadão da *polis*, um *polites*, e, como tal, constituía-se como uma unidade. Unidade entre o filósofo e o político, o homem e o cidadão, a teoria e a prática. O que para nós é estranho e até paradoxal, mas que para o grego é absolutamente letal, é que a “desfragmentação” do mundo grego, sob a égide do Império, resulta, como se disse, na imediata e irreparável fragmentação do cidadão grego, ou seja, é como se lhe entrassem pela cidade, pela casa, pela alma adentro.

É claro que as filosofias helenísticas – e o pensamento grego é, a este propósito, um caso paradigmático - como resultado interior de algo de “fora”, acabam por reflectir este estado de coisas, que as levam, por um lado, a vir para “dentro”, isto é, a um fechamento, a um recolhimento, e, por outro, a conceberem uma cidadania sem pátria, onde cada um e todos são cidadãos de um mundo sem limites nem fronteiras. As filosofias helenísticas vão, em síntese, reflectir esta tensão, este dilaceramento, apressando-se a apresentar *sistemas*

altamente blindados, à prova da dor e do sofrimento, da ignorância e da *akosmia*, do acaso e da contingência, enfim, à prova de uma existência ao *deus-dará*.

SÍNTESE E ARTICULAÇÃO DE ALGUNS DOS TEMAS ENUNCIADOS:

Identificar as causas que conduzem ao período helenístico.

Avaliar a importância do fim da *polis* como Cidade-Estado.

Explicar os reflexos desse acontecimento no *polites*.

Esclarecer o significado do aparecimento do cosmopolitismo como uma nova maneira de estar no mundo.

Reconhecer a inevitabilidade de novas orientações filosóficas.

Avaliar a importância da criação da Biblioteca de Alexandria.

Procurar saber o que aí se estudava, descobria, discutia, copiava, reproduzia, compilava e armazenava.

Traçar a história do *livro* através dos seus materiais.

2. Introdução às Filosofias Helenísticas

a) O Estoicismo.

- Os períodos, os representantes e as tendências.

- Temas centrais da Filosofia Estóica:

- A função da Filosofia.

- As partes da Filosofia.

- Filosofia e sistema.

- Lógica e Teoria do Conhecimento.

- Física: o Mundo, Deus, Providência e Destino. O Homem e a Liberdade.

- Moral: a Virtude, as Paixões, o Valor e o Dever.

NOTA PRÉVIA: O Estoicismo apresenta-se claramente como um *sistema*, uma totalidade, e, como totalidade, é *completo*, no sentido em que os estóicos consideravam que o seu *sistema* devia ser entendido como que um circuito fechado e que a eventual divisão em partes só se justificava em termos de ensino. Ou seja, do ponto de vista do estoicismo, o *sistema* limita-se a reflectir a concordância, a *simpatia* entre as diferentes partes do *todo*.

A sua forte presença manteve-se desde o século III a. C. até ao século II d. C., mas a sua enorme influência atravessa, pode dizer-se, toda a História da Filosofia. Nesse sentido, antecipam conceitos e problemáticas que virão a estar, mais tarde, no centro dos interesses e especulações de diferentes disciplinas filosóficas.

A questão que colocam no domínio da linguagem, segundo a qual esta não incide directamente sobre as coisas que pretende significar, remete para a questão do exprimível ou significado e insinua o aparecimento dos conceitos de *significante* e de *referente*. A problemática do conhecimento é central, porque é na base da solidez do mesmo que o *sistema* pode crescer e consolidar-se, concretamente, pode viabilizar uma harmonia racional entre o Homem e o Mundo. Alguns destes conceitos, conceitos de representação e compreensão, clareza e distinção, evidência e assentimento, irão fazer-se ouvir, mais tarde, nos momentos decisivos do caminho (*methodos*) de Descartes.

Um mundo caracterizado pelo determinismo e necessidade, sem lugar para o acaso ou contingência, onde tudo acontece segundo uma ordem determinada e na base de uma razão única, necessita, urgentemente, da presença a tempo, a mundo inteiro, de um Deus. Este panteísmo objectiva-se na figura de Deus como *Logos Spermatikos*, razão, razão seminal que permeia e embebe o Mundo de um sentido absoluto, dando-lhe uma ordem, uma razão de ser única.

O sábio, o homem verdadeiramente sábio, é aquele que sabe que o passado, o presente e o futuro são o resultado de um encadeamento de causas racionais e necessárias que asseguram a ordem e a harmonia universal. É por isso que o sábio estóico manterá a imperturbabilidade (*ataraxia*), mesmo se torturado no azeite ardente do touro de Faláris, uma vez que o sábio submete-se sabiamente ao Destino. Ou seja, o sábio estóico é livre através de uma submissão esclarecida à ordem necessária e racional dos acontecimentos. Enfim, ele sabe aquilo que os outros ainda não sabem e a que, mais tarde, Leibniz vai chamar de *Harmonia pré-estabelecida*, no *melhor dos mundos possíveis...*

SÍNTESE E ARTICULAÇÃO DE ALGUNS DOS TEMAS ENUNCIADOS:

Enumerar e caracterizar os três períodos da filosofia estoíca.

Caracterizar o conceito de Filosofia no estoicismo.

Explicar o conceito de Sistema.

Identificar os temas e conceitos fundamentais da lógica e da teoria do conhecimento:

- Linguagem e comunicação: significado, significante e referente.
- O critério de verdade: representação, compreensão, evidência, assentimento.

Relacionar o conceito de Natureza com os conceitos de Ordem, Necessidade, Razão e Deus.

Concluir pela necessidade de divinizar a Natureza e naturalizar Deus.

Inferir, do anteriormente exposto, um triplo alcance: físico, metafísico e ético.

Relacionar o conceito de Divindade com Razão Seminal, Providência, Destino, Necessidade e Mundo

Inferir, do anteriormente exposto, um triplo alcance: Natural, Teológico e Ético.

Associar o conceito de Liberdade aos conceitos de Destino, Necessidade e imperturbabilidade.

Assinalar a presença de uma ética do dever que resulta da ordem racional estabelecida.

Explicar o conceito de Valor.

Relacionar Valor, Conhecimento e Dever.

Explicar as razões que podem legitimar o suicídio.

b) O Epicurismo.

- As datas, os representantes, as ideias.

- O Epicurismo perante o Estoicismo.

- Temas centrais da Filosofia Epicurista:

- Canónica: relação entre sensação e razão; a

- sensação e o critério de verdade.
- Física: os átomos, o vazio e os deuses.
- Ética: teoria do desejo e do prazer.
- Teologia, teoria da alma e escatologia.

NOTA PRÉVIA: a) O Epicurismo visa os mesmos objectivos perseguidos pelo Estoicismo, só que por vias radicalmente diferentes, sendo certamente, por aí, que encontrará resistências e mal-entendidos que o Estoicismo nunca conheceu.

Os dois termos foram naturalmente assimilados pela linguagem corrente e sabe-se como são diferentes as conotações que se estabelecem quase que de imediato. Espírito estóico, sinónimo de rigor, austeridade, emulação, contenção, dever, capacidade de sofrimento; epicurista, hedonista, busca do prazer como centro de todos os interesses, vida fácil, caracterizada por uma grande liberalidade, senão mesmo libertinagem (recorde-se que Diógenes Laércio relata as difamações de que Epicuro teria sido alvo, enquanto o estóico Diótimo terá forjado cinco cartas, de carácter indecoroso, que atribuiu a Epicuro).

Ora, invariavelmente, todos os anos, sempre que partimos para a abordagem desta temática, lançamos à turma esta questão de uma forma aberta e simples: «sempre que ouvem os termos epicurismo e epicurista, o que é que lhes ocorre de imediato?». Invariavelmente, também, as respostas, quando as há..., não andam longe desse quadro condenatório. Encontramo-nos, curiosamente, perante uma situação de distorção da informação, muito semelhante àquela anteriormente experimentada com os Sofistas. Assim, mais uma vez, torna-se necessário proceder a um reenquadramento desta doutrina, no contexto da História da Filosofia.

b) O epicurismo é uma corrente filosófica tão séria e consistente quanto o estoicismo, e a sua influência ao longo da História da Filosofia vai muito além do período entre o seu aparecimento (século II a. C.) e o advento do cristianismo. Essa influência vai continuar a fazer-se sentir, muito mais tarde, em filósofos como Gassendi, Locke, Hume, Bentham ou Stuart Mill.

A gnosiologia, construída na base da preeminência da sensação sobre qualquer outra fonte de conhecimento, tal como a relação estabelecida entre sensação e razão, vai estar, inevitavelmente, na origem de todos os empirismos e “contra-cartesianismos”. A tese de que a sensação é como que algo de

irracional, no sentido em que é anterior à razão, ou seja, é o dado imediatamente dado e, como tal, credor de uma maior razoabilidade do que outro dado qualquer do conhecimento, resultando ainda daqui que é a razão que aguarda *parecer* da sensação, representa uma completa inversão dos dados da questão. Ou seja, estabelece-se, em definitivo, a sensação como o único critério de verdade efectivamente válido.

É na base da coerência desta teoria do conhecimento, que é possível partir para uma visão radicalmente materialista do Mundo, onde tudo se joga e se justifica pelo acaso, através do movimento dos átomos infinitos, no vazio infinito, não havendo lugar para qualquer princípio de ordem Transcendente ou Providente. Contudo, não decorre daqui uma terminante negação dos deuses. O epicurismo reserva-lhes uma zona *olímpica* ou área protegida, condomínio fechado, imune e desconhecedor das dores e padecimentos dos homens. Os deuses funcionam, essencialmente, como um paradigma de uma existência feliz, leve, frugal e imperturbável, precisamente aquela forma de vida perseguida pelo sábio e pela comunidade epicurista. Este estado de imperturbabilidade atinge-se pelo cumprimento de dois imperativos para uma existência feliz. Referimo-nos, concretamente, à erradicação dos medos, temores e receios que atormentam a vida dos homens - seja pelo carácter misterioso e sobrenatural de que sempre aparecem feridos os fenómenos naturais, seja pela angústia perante a inevitabilidade da morte ou pelo temor relativamente ao destino da alma -, e à criteriosa gestão dos desejos, da qual depende a fruição de um duradouro estado de prazer.

SÍNTESE E ARTICULAÇÃO DE ALGUNS DOS TEMAS ENUNCIADOS:

Identificar o que aproxima e o que separa o Epicurismo do Estoicismo.

Enumerar as grandes áreas do saber sobre as quais incide a reflexão dos filósofos epicuristas.

Identificar os diferentes planos do conhecimento:

- a sensação
- a antecipação
- a afecção
- a razão

Explicar a relação entre sensação e razão.

Justificar a razão da preeminência da sensação sobre a razão.

Relacionar sensação com critério de verdade.

Descrever a ideia de natureza através das características dos diferentes elementos constitutivos do Mundo:

- os átomos e a *declinação*
- o vazio
- o espaço
- os corpos
- o tempo

Identificar o prazer com o Bem.

Explicar as razões que fundamentam esta associação.

Descrever prazeres do corpo e prazeres da alma.

Explicar o significado do conceito de hedonismo.

Organizar uma hierarquia dos desejos.

Distinguir entre desejos naturais e necessários, desejos naturais não necessários e desejos nem naturais nem necessários.

Descrever as características dos deuses.

Explicar a relação dos deuses com o Mundo e os homens.

Caracterizar o estatuto da alma.

Explicar a postura do filósofo epicurista perante a morte.

Concluir pela manipulação e distorção do pensamento dos filósofos epicuristas ao longo dos séculos.

c) O Cepticismo.

- As fases, os representantes e as tendências.
- O Cepticismo perante o Estoicismo e o Epicurismo.
- Características distintivas do Cepticismo, segundo Sexto Empírico.
- O valor e os limites do conhecimento em questão. O critério de verdade.
- O Cepticismo através de alguns conceitos fundamentais:
apatia, metriopatia, afasia, epoche, tropo, dilema, ataraxia, fenómeno.
- As perspectivas fundamentais do pirronismo.
- O cepticismo da Nova Academia.
- Os Cépticos Posteriores ou Neopirrónicos. Sexto Empírico.

NOTA PRÉVIA: O cepticismo é a última das três grandes correntes filosóficas que atravessaram o período helenístico. A sua presença e influência far-se-á sentir por um longo período que vai do século IV-III a. C., ao século III d.C., ou seja, o período de vida do cepticismo coincide com igual período dos outros dois grandes sistemas filosóficos: o estoicismo e o epicurismo.

Entretanto, não é pelo facto de uma das consequências quase imediatas e inevitáveis da reflexão dos filósofos cépticos, se saldar por uma crítica tenaz e constante às perspectivas fundamentais dos dois outros grandes sistemas, nem ainda pelo facto de o cepticismo não se constituir propriamente numa Escola, mas representar essencialmente orientações seguidas por escolas diferentes, que deixa de fazer sentido inclui-lo no conjunto das três grandes orientações filosóficas desse período.

Aliás, pesem embora as profundas divergências, os objectivos centrais perseguidos são os mesmos: felicidade, tranquilidade, imperturbabilidade. Só que, enquanto o estoicismo e o epicurismo fazem depender a concretização desse objectivo da adopção de uma doutrina, o cepticismo defende a posição contrária: a *ataraxia*, a imperturbabilidade atinge-se pela recusa de envolvimento com qualquer doutrina.

O cepticismo critica, essencialmente, o totalitarismo dogmático, sobretudo dos estóicos, que resulta numa asfixiante tirania da opinião. Opinião que, como mostram os cépticos, vale-o-que-vale, isto é, muito pouco, nada ou quase nada, uma vez que, na ausência de um critério de verdade efectivamente válido, não há *compreensão*, *evidência* ou *assentimento* que lhe valha. O mesmo para os epicuristas: andam bem, ao apresentarem a razão como um fundo cheio de nada; menos bem, ao quererem crer nas capacidades *terapêuticas* e cognitivamente assertivas da sensação. É que o conhecimento está confinado, inevitavelmente, aos estreitos limites do fenoménico, ou seja, o conhecimento que temos das coisas não é o conhecimento da realidade objectiva, *em si*.

Os cépticos já podem falar na base de alguma história da filosofia, de algum passado filosófico. E é nessa base que para eles as coisas são-como-são: o passado filosófico é uma soma de esperanças arruinadas, de sistemas desfeitos, de razões atraioçadas. Os cépticos opõem a este frenesim da doutrina, a esta prisão do sistema, a este crer acreditar numa verdade, contenção verbal (*afasia*), reserva opinativa (*epoche*), distanciação controlada (*metriopatia*).

Enfim, e para concluir, parafraseando Ortega y Gasset, « (...) Hoje, um grego não conseguiria compreender este emprego do vocábulo porque o que ele

chamou de “cépticos” (*sképticoi*) eram uns homens terríveis. (...) O nome revela que os gregos viam o céptico como a figura mais oposta a esse homem indolente que se entrega ao não querer saber. Chamavam-lhe “o investigador”. Se o filósofo era um homem de extraordinária actividade mental e moral, o céptico era ainda mais, porque, enquanto aquele se esforçava por chegar à verdade, este não se contentava com isso, uma vez que continuava, continuava pensando, analisando essa verdade até provar que ela era vã. A dúvida céptica não é “um estado de espírito”, mas uma aquisição, um resultado a que se chega em virtude de uma construção tão rigorosa quanto a da mais compacta filosofia dogmática». [*Origen y epílogo de la filosofía* (p. 22-23)],

SÍNTESE E ARTICULAÇÃO DE ALGUNS DOS TEMAS ENUNCIADOS:

Identificar e caracterizar os três grandes períodos do Cepticismo.

Estabelecer a distinção entre o Cepticismo e as duas outras grandes orientações do pensamento helenístico.

Assinalar e interpretar as características próprias do Cepticismo, através de uma passagem de Sexto Empírico.

Explicar a posição do Cepticismo relativamente à questão do valor e limites do conhecimento.

Caracterizar a posição do Cepticismo perante o problema do critério de verdade.

Estabelecer contacto com o pensamento dos cépticos, através da análise e interpretação de alguns conceitos fundamentais, resultantes da sua reflexão filosófica.

Identificar e analisar as questões fundamentais colocadas por Pirro de Élis e pelo seu discípulo Tímon de Fliunte.

Identificar e analisar alguns dos temas abordados por Arcesilau e Carnéadas da Nova Academia:

- A importância da dialéctica.
- A crítica ao dogmatismo estóico.
- O critério de verdade.
- O critério do provável e do verosímil.

Identificar e analisar alguns dos temas abordados pelos Cépticos Posteriores ou Neopirrónicos:

- Crítica aos Neo-académicos.

- Teoria dos modos ou *tropos*, segundo Enesidemo.
- Sexto Empírico:
 - O critério de verdade.
 - Crítica à ideia de causa, ao silogismo e à demonstração.
 - Suspensão do juízo.
 - O empirismo sistemático.

BIBLIOGRAFIA

INDICAÇÃO DE ALGUMAS OBRAS

INSTRUMENTAIS

ADORNO, F., A. CARLINI, F. DECLEVA CAIZZI, M. SERENA FUNGHI, D. MANETTI, D., M. MANFREDI, F. MONTANARI, - *Corpus dei papiri filosofici greci e latini. Testi e lessico nei papiri di cultura greca e latina. Parte I: Autori Noti. Vol.1*, Firenze, Leo S. Olschki Editore, MCMLXXXIX.

BAILLY, M.A. - *Dictionnaire Grec-Français*, Paris, Hachette, 1950.

BELLARDI, W. – *Filosofia, grammatica e retorica nel pensiero antico*, Roma, K. Libreria Editrice, 1975.

BENVENISTE, E. - *Problèmes de linguistique générale I, (La notion de rythme)*, Paris, Gallimard, 1966.

BROCK, N. - *Recherches sur le vocabulaire médical du grec ancien*, Paris, Klincksieck, 1961.

CLASSEN, CARL JOACHIM - "Bibliographie zur Sophistik", in *Elenchos*, Rivista di studi sul pensiero antico, fasc. 1, Anno IV, 1985.

COPENHAVER, BRIAN P. (editor) - *Hermetica: The Greek Corpus Hermeticum and the Latin Asclepius in a New English Translation, with Notes and Introduction*, Cambridge, Cambridge University Press, 1996.

Dictionnaire de la Langue Grecque. Histoire des Mots, Paris, Éditions Klincksieck, 1980.

COLLI, GIORGIO (ed.) – *La Sapienza Greca, I testi dei pensatori greci antichi in edizioni critica con traduzione, introduzione e commento* 3 Vols., Milano, Adelphi Edizioni, 1981-1982.

DIELS, HERMAN UND WALTHER KRANZ ed. - *Die Fragmente der Vorsokratiker*, V. I, II, III, Berlin, Weidmann, 1972.

- DUMONT, JEAN-PAUL - *Les Présocratiques I, II*, Paris, Gallimard, 1988.
- EASTERLOING, P.E. - *The Cambridge Companion to Greek Tragedy* (Cambridge Companions to Literature), Cambridge, Cambridge University Press, 1997.
- FREEMAN, C. E. (ed.) - *A greek reader for schools, introductions, notes and vocabularies*, Wauconda Illinois, Bolchazy-Carducci Publishers, 1994.
- FOURIER, HENRI - *Les verbes dire en grec ancien*, Paris, Librairie C. Klincksiek, 1946.
- GEORGIADES, T. - *La langue comme rythme*, Paris, Ed. Minuit, 1986.
- HEIDEGGER, MARTIN - *Concepts fondamentaux de la philosophie antique* trad. Alain Boutot, Paris, Gallimard, 2003.
- KAHN, CHARLES - *The Verb "Be" and its synonyms. The Verb "Be" in Ancient Greek*, Dordrecht/Boston, D. Reidel Publishing Co., 1973.
- KNOX, B.M.W.; EASTERLING, P.E. - *The Cambridge History of Classical Literature: Part 3, Philosophy, History and Oratory*, Cambridge, Cambridge University Press, 1989.
- KNOX, B.M.W.; EASTERLING, P.E. - *The Cambridge History of Classical Literature: Part 2: Greek Drama*, Cambridge, Cambridge University Press, 1989.
- LAÈRCE, DIOGÈNE - *Vie, Doctrines et Sentences des Philosophes Illustres*, V. I, II, trad., notice et notes par Robert Grenaille, Paris, Garnier/Flammarion, 1965.
- LAFRANCE, YVON - *Méthode et exégèse en Histoire de la Philosophie*, Paris, Les Belles Lettres, 1982.
- LEVET, J.P. - *Le vrai et le faux dans la pensée grecque archaïque*, Paris, Les Belles-Lettres, 1976.
- LIDDELL, H. G. ; SCOTT, H. S. A. - *A Greek-English Lexicon*, Oxford, Clarendon Press, 1863.
- MALINGREY, ANNE-MARIE - *Philosophia. Étude d'un groupe de mots dans la littérature grecque, des Présocratiques au IV siècle après J.-C.*, Paris, Librairie Klincksiek, 1961.

MARKET, OSWALDO – *La formación del lenguaje filosófico en Grecia*, in *Cadernos de Filosofia IX-X*, Lisboa, Ed. Colibri, 2001.

MOMIGLIANO, ARNOLD D. - *The Development of Greek Biography*, Cambridge, MA, Harvard University Press, 1993.

MONDOLFO, RODOLFO – *Problemas e Métodos de Investigação na História da Filosofia* trad., L. Reale Ferrari, S. Paulo, Ed. Mestre Jou, 1969.

PEREIRA, ISIDORO - *Dicionário grego-português e português-grego*, Livraria Apostolado da Imprensa, Porto, 1961.

PETERS, F. E. – *Greek philosophical terms. A historical lexicon*, New York, New York University Press, 1967.

PLUTARQUE - *Vies*, trad. R. Flacelière et Émile Chambry, Paris, Les Belles Lettres, 1969.

ROCHA PEREIRA, MARIA HELENA - *Hélade*, Coimbra, 1971.

SAUVANET, PIERRE - *Le Rythme Grec: d'Héraclite à Aristote*, Paris, P. U. F., 1999.

UNTERSTEINER, MARIO – *Problemi di filologia filosofica* (a cura di L. Sichirollo e Ventura Ferriolo), Milano, Cisalpino, 1979.

VOGEL, C. J. - *Greek Philosophy. A Collection of texts, selected and supplied with some notes and explanations*, V. I, II, III, Leiden, E. J. Brill, 1969.

WILLIAM, JORDAN - *Ancient concepts of philosophy*, London, Routledge, 1992.

WOODHOUSE, S.C. - *English-Greek Dictionary: A Vocabulary of the Attic Language*, London, Routledge, 1972.

AA. VV. – *Greek Vocabulary* (The Joint Association of Classical Teacher's Greek Course), Cambridge, Cambridge University Press, 1980.

ALGUNS ESTUDOS SOBRE HISTÓRIA E

CULTURA GREGA

BRANDÃO, J. DE SOUZA - *Teatro Grego. Tragédia e Comédia*, Petrópolis, Editora Vozes, 2001.

BOLLACK, JEAN - *L'Oedipe roi de Sophocle. Le texte et ses interprétations* (4 volumes), Lille, Presses Universitaires de Lille, 1990.

BOLLACK, JEAN - *La naissance d'Oedipe*, traduction, études et commentaires d'*Oedipe roi* de Sophocle, Paris, Gallimard, 1995.

BOLLACK, JEAN - *La Mort d'Antigone. La Tragédie de Créon*, Paris, PUF, 1999.

BONNARD, ANDRÉ - *La Tragédie et l'Homme. Études sur le drame antique*, Neuchatel, Les Éditions de la Baconnière, 1951.

BONNARD, ANDRÉ - *Civilização Grega* Vol. I-II-III, trad. José Saramago, Lisboa, Editorial Estudios Cor, s/d.

BOARDMAN, J. - *The Greek Art*, London, Thames and Hudson, 1985.

BOWRA, C.M. - *The Greek Experience*, London, Weidenfeld and Nicolson, 1957.

BOWRA, C.M. - *Landmarks in Greek Literature*, London, Weidenfeld and Nicolson, 1966.

BURN, A.R. - *The Lyric Age Of Greece*, London, Arnold, 1960.

CAPIZZI, ANTONIO - *Il tragico in filosofia*, Roma, Ed. dell'Ateneo, 1988.

CASERTANO, GIOVANNI (ed.) – *I Filosofi e il potere nella società e nella cultura antiche*, Napoli, Guida Editori, 1988.

CASTORIADIS, CORNELIUS - *Ce qui fait la Grèce d'Homère à Héraclite* (Séminaires 1982-83), Paris, Éditions du Seuil, 2004.

CHÂTELET, FRANÇOIS - *Périclès et son siècle*, Paris, Ed. Complexe, 1990.

CHIRPAZ, FRANÇOIS - *Le tragique*, Paris, P.U.F., 1998.

- COCHRANE, C.N. - *Christianity and Classical Culture*, Oxford, Oxford University Press, 1940.
- COHEN, DAVID - *Law, Sexuality and Society: The Enforcement of Morals in Classical Athens*, Cambridge, Cambridge University Press, 1994.
- CONCHE, MARCEL - "Devenir Grec", in *Revue Philosophique*, T. CLXXXVI, Paris, P. U. F., 1996, pp. 3-22.
- CHRISTOPHER, GRILL - *Personality in Greek Epic, Tragedy and Philosophy: The Self in Dialogue*, Oxford, Clarendon Press, 1996.
- CROISSET, MAURICE - *Histoire de la littérature grecque*, Paris, Fontemoing, 1910.
- CULIK, JANK - *Orpheus through the Ages*, London, Channel Four, 1985.
- DÉTIENNE, MARCEL - *Les Jardins d'Adonis*, Paris, Gallimard, 1972.
- DOVER, K. J. - *The Greek Homosexuality*, London, Duckworth, 1978.
- DUCHEMIN, JACQUELINE - *L'agon dans la tragédie grecque*, Paris, Les Belles Lettres, 1968.
- DUROUX, FRANÇOISE - "Antigone encore. Les femmes et la loi", in *Rue Descartes I*, Paris, Éditions Albin Michel, 1991, pp. 179-190.
- EASTERLING, P; B. KNOX - *The Cambridge History of Classical Literature: I Greek Literature*, Cambridge, CUP, 1985.
- EHRENBERG, VICTOR - *L'Átene di Aristofane*, Firenze, La Nuova Italia, 1957.
- FLACELIÈRE, R. - *Histoire littéraire de la Grèce*, Paris, Fayard, 1962.
- FRAISSE, J.-C. - *Philia. La notion d'amitié dans la philosophie antique*, Paris, J.Vrin, 1974.
- FUENTES, JOAQUÍN LOMBA - *Principios de Filosofía del Arte Griego*, Barcelona, Editorial Anthropos, 1987.
- GEORGIADES, T. - *La langue comme rythme*, Paris, Ed. Minuit, 1986.
- GLOTZ, G. - *La cité grecque*, Paris, Éd. Albin Michel, 1976.
- GOLGHILL, S. - *Reading Greek Tragedy*, Cambridge, CUP, 1986.
- GUAL, CARLOS GARCÍA - *Prometeo: mito y tragedia*, Madrid, Libros Hiperión,

1995.

FUENTES, JOAQUÍN LOMBA - *Principios de Filosofía del Arte Griego*, Barcelona, Editorial Anthropos, 1987.

HAVELOCK, ERIC - *The Liberal Temper in Greek Culture*, London, Camelot Press, 1957.

HUYGHE, RENÉ - *Sens et Destin de l'Art. De la préhistoire à l'art roman*, Paris, Flammarion, 1967.

IAN McAUSLAN & PETER WALCOT (Ed.) - *Greek Tragedy*, Oxford, Oxford University Press, 1993.

JABOUILLE, VICTOR – *Cronologia da Cultura Clássica. Cronologia da Antiguidade Grega e Romana*, Lisboa, Cadernos Universitários, 1996.

JABOUILLE, VICTOR - "Expressões da morte na mitologia grega", (Clássica. Boletim de Pedagogia e Cultura), Lisboa, Edições Colibri, 1999.

JAEGER, Werner - *Paideia*, Lisboa, Editorial Aster, s/d.

JOLIVET, R. - *Hellénisme et Christianisme*, Paris, J. Vrin, 1955.

KIRK, G.S. (org.) - *The Language and Background of Homer: Some Recent Studies and Controversies*, Cambridge, Heffers, 1964.

KITTO, H.D.F. *Greek Tragedy. A Literary Study*, London, Methuen, 1966.

MANIGLIER - *La Culture*, Paris, Ed. Ellipses, 2003.

MARROU, H-I - *Histoire de l'éducation dans l'Antiquité*, I. Le monde grec, Paris, Éd. du Seuil, 1948.

MEIER, CHRISTIAN - *The Political Art of Greek Tragedy*, (Andrew Webber, translator), Baltimore, Johns Hopkins University Press, 1993.

MIREAUX, ÉMILE - *Les poèmes homériques et l'histoire grecque* Vol. I-II, Paris, Albin Michel, 1948/1949.

MONDOLFO, RODOLFO – *En los orígenes de la filosofía de la cultura*, Buenos Aires, Librería Hachette, 1942.

MONDOLFO, RODOLFO – *Arte, religión y filosofía de los griegos*, Buenos Aires,

Editorial Columba, 1961.

MONDOLFO, RODOLFO - *O Homem na Cultura Antiga*, trad. Luís A. Caruso, S. Paulo, 1968.

MORENO, J.M.;Poblador, A.; Del Rio - *Historia de la Educacion*, Madrid, 1971.

MOSSÉ, CLAUDE - *La Grèce archaïque d'Homère à Eschyle*, Paris, Seuil, 1984.

MURRAY, GILBERT - *The Rise of the Greek Epic*, Oxford, Oxford University Press, 1934.

MURRAY, GILBERT - *A History of Ancient Literature*, Chicago, Chicago University Press, 1956.

MYRES, J.L. - *Herodotus, Father of History*, Oxford, Oxford University Press, 1953.

NAVARRÉ, O. - *Le Théâtre Grec*, Paris, Payot, 1925.

NOUHAUD, MICHEL - *Panorama du Siècle de Périclès*, Paris, Éditions Seghers, 1970.

NUSSBAUM, MARTHA C. - *La fragilidad del bien: fortuna y ética en la tragedia y la filosofía griega*, trad. A. Ballesteros, Madrid, La balsa de la Medusa, 1995.

ONIAN, RICHARD BROXTON - *The Origins of European Thought About the Body, the Mind, the Soul, the World, Time and Fate: New Interpretation of Greek, Roman and Kindred Evid*, Cambridge, Cambridge University Press, 1988.

PAGE, D.L. - *History and the Homeric Iliad*, Berkeley and Los Angeles, University of California Press, 1959.

PATTERSON, CYNTHIA - *The Family in Greek History*, Cambridge, MA, Harvard University Press, 1998.

POHLENZ, MAX - *Die griechische Tragödie*, Leipzig, Berlin, Teubner, 1930.

POLLITT, J.J. - *Art and Experience in Classical Greece*, Cambridge, CUP, 1972.

RACHET, G. - *La Tragédie Grecque*, Paris, Payot, 1973.

RAMNOUX, CLÉMENCE - *La Nuit et les Enfants de la Nuit*, Paris, Flammarion, 1986.

RIBEIRO FERREIRA, J. - *Polis*, Coimbra 1989.

RIBEIRO FERREIRA, J. - *Hélade e Helenos*, Coimbra, 1983.

- ROBERT, FERNAND - *La Littérature Grecque*, Paris, PUF, 1979.
- ROCHA PEREIRA, Maria Helena - *Hélade*, Coimbra, 1971.
- ROCHA PEREIRA, Maria Helena - *Concepções Helénicas de Felicidade no Além*, Coimbra, 1955.
- ROCHA PEREIRA, Maria Helena - *Estudos de História da Cultura Clássica*, Vol. I, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1988.
- ROMILLY, JACQUELINE DE - *La Tragédie Grecque*, Paris, P.U.F., 1970.
- ROMILLY, JACQUELINE DE - *Pourquoi la Grèce ?*, Paris, Editions de Fallois, 1992.
- ROMILLY, JACQUELINE DE - *Le Temps dans la Tragédie Grecque*, Paris, J. Vrin, 1999.
- ROUVERT, AGNÈS - *Histoire et imaginaire de la peinture ancienne (Vem. siècle av. J. C. -Ier siècle ap. J. C.)*, Paris, École Française de Rome, Palais Farnèse, 1989.
- SCHACHERMEYR, F. - *Die ältesten Kulturen Griechenlands*, Stuttgart, Kohlhammer, 1955.
- SILK, M.S.; STERN, J.P. - *Nietzsche on Tragedy*, Cambridge, CUP, 1981.
- SILK, M. S. (ed.) - *Tragedy and the Tragic: Greek Theatre and Beyond*, Oxford, Clarendon Press, 1996.
- SOLANA DUESO, J. - *Aspasia de Mileto, Testimonios y discursos*, Barcelona, Anthropos, 1994.
- STARR, CHESTER G. - *The Origins of Greek Civilization*, New York, Knopf, 1961.
- STARR, CHESTER G. - *The Aristocratic Temper of Greek Civilization*, Oxford, Oxford University Press, 1992.
- STEINER, GEORGE - *The Death of Tragedy*, London, Faber, 1961.
- TAPLIN, O. - *Greek Tragedy in Action*, London, Methuen, 1978.
- TOYNBEE, ARNOLD J. - *The Greeks Heritage*, Oxford, Oxford University Press, 1981.
- TRÉDÉ-BOULMER, MONIQUE; SAÏDE, SUZANNE - *La littérature grecque d'Homère à Aristote*, Paris, PUF, 2004.

VERNANT, JEAN-PIERRE - *L'individu, la mort, l'amour*, Paris, Éditions Gallimard, 1989.

VERNANT, JEAN-PIERRE; Naquet, VIDAL - *Mythe et tragédie en Grèce ancienne*, Paris, François Maspero, 1982.

VERNANT, JEAN-PIERRE (direcção de) - *O Homem Grego*, trad. M. J. Vilar de Figueiredo, Lisboa, Editorial Presença, 1993.

VIDAL-NAQUET, PIERRE - *Fragments sur l'art antique*, Paris, Agnès Vienot Éditions, 2002.

WEBSTER, T.B.L. - *From Mycenae to Homer*, London, Methuen, 1958.

ZIMMERMANN, B. (translated by Thomas Marier) – *Greek tragedy: an Introduction*, Baltimore and London, The Johns Hopkins University Press, 1991.

AA. VV. - "Des Grecs I, II" in *Revue Rue Descartes*, Paris, Albin Michel, 1991.

AA. VV. - *Eros e Philia na Cultura Grega*, (Actas Colóquio), Lisboa, Centro de Estudos Clássicos, 1996.

AA. VV. - *Estudos Sobre Antígona*, Lisboa, Editorial Inquérito/Universidade, 1999.

ALGUNS ESTUDOS SOBRE PENSAMENTO E

PRÁTICA POLÍTICA GREGA

ADKINS, ARTHUR W. H. - *The Greek Polis*, Chicago, University of Chicago Press, 1986.

AMATO, PIERANDREA – *Antigone e Platone. La «biopolitica» nel pensiero antico*, Milano, Mimesis, 2006.

ANDREWS, A. - *The Greek Tyrants*, London, Hutchinson, 1956.

BARKER, ERNEST - *Teoria Política Grega*, trad. S. F. Guarischi Bath, Editora Universidade de Brasília, Brasília, 1978.

BORDES, J. - *Politeia dans la pensée grecque jusqu'à Aristote*, Paris, Les Belles Lettres, 1982.

AUSTIN, MICHEL; VIDAL-NAQUET, PIERRE - *Économie et Société en Grèce Ancienne*, Paris, Librairie Armand Colin, 1972.

CARTLEDGE, PAUL; MILLET, PAUL; TODD, STEPHEN (editors) - *Essays in Athenian Law, Politics and Society*, Cambridge, Cambridge University Press, 1991.

CHÂTELET, FRANÇOIS (sous la direction de) - *Les Idéologies*, Paris, Librairie Hachette, 1978.

CHÂTELET, FRANÇOIS - *Périclès et son Siècle*, Paris, Editions complexe, 1990.

DAVIS, J.K. - *Democracy and Classical Greece*, Harvard, Harvard University Press, 1993.

DÖRING, KLAUS - "Die politische Theorie des Protagoras", in *The Sophists and their legacy*, Wiesbaden, Franz Steiner Verlag GMBH, 1981.

DOUGLAS, M. MACDOWELL - *The Law in Classical Athens (Aspects of Greek and Roman Life)*, Itaca, Cornell University Press, 1986.

FESTUGIÈRE, A.J. - *Liberté et civilisation chez les Grecs*, Paris, Gabalda 1947.

- FINLEY, M. I. - *Democracy Ancient and Modern*, London, Chatto and Windus, 1973.
- FINLEY, M. I. (ed.) - *The Legacy of Greece: A new appraisal*, Oxford, OUP, 1981.
- FINLEY, M.I. - *Politics in the Ancient World*, Cambridge, Cambridge University Press, 1983.
- FORREST, W. G. - *The Emergence of Greek Democracy*, London, Weidenfeld, 1966.
- FOXHALL, LIN; LEWIS, A.D.E. (ed.) - *Greek Law in Its Political Setting: Justifications Not Justice*, Oxford, Clarendon Press, 1996.
- GAGARIN, MICHAEL; WOODRUFF, PAUL (ed.) – *Early Greek Political Thought from Homer to the Sophists*, Cambridge, Cambridge University Press, 1995.
- GARNER, RICHARD - *Law and Society in Classical Athens*, London, Routledge Kegan & Paul, 1987.
- GERNET, L. - *Droit et Société dans la Grèce Ancienne*, Paris, Sirey, 1955.
- GERNET, L. - *Droit et Institution en Grèce Antique*, Paris, Flammarion, 1982.
- GLOTZ, GUSTAVE - *L'ordalie dans la Grèce primitive. Étude de droit*, Paris, Fontemoing, 1904.
- GLOTZ, GUSTAVE - *La solidarité de la famille dans le droit criminel en Grèce*, Paris, Fontemoing, 1904.
- GLOTZ, GUSTAVE - *La cité grecque*, Paris, Albin Michel, 1968.
- GLOTZ, G. - *História Económica da Grécia*, trad. Vitorino Magalhães Godinho, Lisboa, Edições Cosmos, 1946.
- GROTE, G. - *A History of Greece*, London, John Murray, 1869.
- GLOTZ, G. - *La cité grecque*, Paris, La Renaissance du Livre, 1928.
- GUAL, CARLOS GARCÍA - *Siete sábios y tres más*, Madrid, Alianza Editorial , 1989.
- HANSEN, M. H. - *The Athenian Assembly*, Oxford, Blackwell, 1987.
- HARRIS, EDWARD M. - *Aeschines and Athenian Democracy*, Oxford, Oxford University Press, 1995.

- HAVELOCK, ERIC - *The Liberal Temper in Greek Culture*, London, Camelot Press, 1957.
- JONES, A.H.M. - *Athenian Democracy*, Baltimore, John Hopkins Press, 1986.
- JONES, NICHOLAS F. - *The Association of Classical Athens: The Response to Democracy*, New York, Oxford University Press, 1999.
- KNAUSS, BERNHARD. - *La Polis: Individuo y Estado en la Grecia Antigua*, trad. Felipe Gonzalez Vicen, Madrid, Ediciones Aguilar, 1979.
- KREMER-MARIETTI, ANGÈLE - *Morale et Politique*, Paris, Éditions Kimé, 1995.
- LACKS, ANDRE; SCHOFIELD, MALCOLM (editor) - "Justice and Generosity: Studies in Hellenistic Social and Political Philosophy" in *Proceeding of the Sixth Symposium Hellenisticum*, Cambridge, Cambridge University Press, 1995.
- LAMI, GIAN FRANCO – *Socrate, Platone, Aristotele. Una filosofia della Polis da Politeia a Politika*, Soveria Mannelli, Rubbettino, 2005.
- LEGROS, ROBERT - *L'avènement de la démocratie*, Paris, Grasset et Fasquelle, 1999.
- LEWIS, SIAN - *News and Society in the Greek Polis*, Chapel Hill, University of Northe Carolina Press, 1996.
- LINFORTH, I.M. - *Solon the Athenian*, Berkeley, University of California, 1919.
- LORAU, PATRICE et NICOLE - "L'«Athenaion Politeia» avec et sans Athènes. Esquisse d'un débat", in *Rue Descartes I Paris*, Éditions Albin Michel, 1991, pp. 57-79.
- LUCA, MORI – *La giustizia e la forza. L'ombra di Platone e la storia della filosofia politica*, Pisa, ETS, 2005.
- LUCE, T. J. - *The Greek Historians*, London, Routledge, 1997.
- MACDOWELL, DOUGLAS M. - *The Law in Classical Athens (Aspects of Greek and Roman Life)*, Cornell University Press, 1986.
- MAGALHÃES-VILHENA, VASCO - *Antigos e Modernos: estudos de história social das ideias*, Lisboa, Livros Horizonte, 1984.

- MANVILLE, PHILIP BROOK - *The Origins of Citizenship in Ancient Athens*, Princeton, Princeton University Press, 1997.
- MOREL, PIERRE-MARIE - "Démocrite. Connaissance et apories" in *Revue Philosophique (Philosophie Grecque)*, Paris, P.U.F., 1998, pp. 145-163.
- MOSSÉ, CLAUDE - *As Instituições Gregas*, Lisboa, 1985.
- MOSSÉ, CLAUDE - *Histoire des doctrines politiques en Grèce*, Paris, PUF, 1969.
- MOSSÉ, CLAUDE - *La tyrannie dans la Grèce antique*, Paris, P. U. F., 1989.
- MOSSÉ, CLAUDE - *Histoire d'une démocratie: Athènes*, Paris, Éditions du Seuil, 1971.
- MOSSÉ, CLAUDE - *Politique et société en Grèce ancienne. Le modèle Athenien*, Paris, Aubier, 1995.
- MOSSÉ, CLAUDE - "Ordre et désordre dans la cité", in *La Grèce pour penser l'avenir*, Paris, L'Harmattan, 2000.
- OBER, JOSIAH - *Mass and Elite in Democratic Athens: Rhetoric, Ideology and Power People*, Princeton, Princeton University Press, 1991
- OSTWALD, MARTIN - *From popular sovereignty to the sovereignty of law : law, society and politics in fifth-century Athens*, Berkeley Los Angeles, California, University of California Press, 1990.
- PENEDOS, Álvaro - *O Pensamento Político de Platão*, Porto, 1977.
- POMEROY, SARAH - *Goddesses, Whores, Wives and Slaves*, London, Hale, 1975.
- RHODES, P. J. - *The Decrees of the Greek States*, Oxford, Clarendon Press, 1997.
- ROMEYER DHERBEY, GILBERT - "Le statut social d'Aristote à Athènes", *Revue de Métaphysique et de Morale*, 3, Paris, 1984, pp. 365-378.
- ROMILLY, JACQUELINE - *Problèmes de la Démocratie Grecque*, Paris, Hermann, 1975.
- ROMILLY, JACQUELINE DE - *La Grèce antique à la découverte de la liberté*, Paris, Editions Fallois, 1989.
- SANTOS, JOSÉ TRINDADE - "A natureza e a lei: reflexos de uma polémica em três

textos da Grécia Clássica", in *Estudos Sobre Antígona*, Lisboa, Editorial Inquérito/Universidade, 1999, pp. 77-111.

SAXONHOUSE, ARLENE W. - *Fear of Diversity: The birth of political science in ancient greek thought*, Chicago, University of Chicago Press, 1992.

SEALEY, RAPHAEL - *A History of Greek City States*, Berkeley, University of California Press, 1977.

SEALEY, RAPHAEL - *The Athenian Republic: Democracy or the Rule of Law*, Pennsylvania State University Press, 1987.

SEALEY, RAPHAEL - *Women and Law in Classical Greece*, Chapel Hill, University of North Carolina Press, 1990.

SEALEY, RAPHAEL - *The Justice of the Greeks*, University of Michigan Press, 1994.

SINCLAIR, R.K. - *Democracy and Participation in Athens*, Cambridge, Cambridge University Press, 1991.

STARR, CHESTER G. - *The Aristocratic Temper of Greek Civilization*, Oxford, Oxford University Press, 1992.

STOCKTON, DAVIS L. - *The Classical Athenian Democracy*, Oxford, Oxford University Press, 1990.

STRAUSS, BARRY S. - *Fathers and Sons in Athens: Ideology and Society in the Era of the Peloponnesian War*, Princeton, Princeton University Press, 1997.

THOMSON, GEORGE - *Studies in Ancient Greek Society*, London, Lawrence and Wishart, 1949.

TODD, S.C. - *The Shape of Athenian Law*, Oxford, Clarendon Press, 1993.

VIDAL-NAQUET, PIERRE - *A Democracia Grega*, Lisboa, 1993.

VIDAL-NAQUET, PIERRE - *Économie et Société en Grèce Ancienne*, Paris, Armand Colin, 1999.

VIDAL-NAQUET, PIERRE - *Travail et Esclavage en Grèce Ancienne*, Paris, Éditions Complexe, 1999.

VIDAL-NAQUET, PIERRE - *Les grecs, les historiens, la démocratie*, Paris, La

Découverte, 2000.

VIDAL-NAQUET, PIERRE - *La démocratie grecque vue d'ailleurs*, Paris, Flammarion, 2001.

WOODHOUSE, W.J. - *Solon the Liberator*, Oxford, Oxford University Press, 1938.

ALGUNS ESTUDOS SOBRE MITO E RELIGIÃO

GREGA

BABUT, DANIEL - *La Religion des Philosophes Grecs*, Paris, PUF, 1974.

BLOCH, RAYMOND – *La divination dans l'antiquité*, Paris , PUF, 1984.

BOLLACK, JEAN - *La Grèce de personne. Les mots sous le mythe*, Paris, Seuil, 1997.

BONNARD, ANDRÉ - *Les Dieux de la Grèce*, Paris, Mermod, 1945.

BREMMER, JAN, N. - *The Early Greek Concept of the Soul*, Princeton, Princeton University Press, 1993.

BRISSON, LUC - *Introduction à la Philosophie du Mythe*, T.I, Paris, J. Vrin, 1997.

BURKERT, WALTER; RAFFAN, JOHN - *Greek Religion*, Harvard, Harvard University Press, 1987.

BURKERT, WALTER - *Creation of the Sacred*, Harvard, Harvard University Press, 1996.

BUXTON, RICHARD (ed.) – *From myth to reason? Studies in the development of Greek thought*, Oxford, Oxford University Press, 1999.

CHRISTOPHER, GILL - *Personality in Greek Epic, Tragedy and Philosophy: The Self in Dialogue*, Oxford, Clarendon Press, 1996.

CORNFORD, FRANCIS, M. - *From Religion to Philosophy. A Study in the Origins of Western Speculation*, London, Arnold, 1912.

D'AGOSTINO, FRANCESCO - *Bia. Violenza e giustizia nella filosofia e nella letteratura della grecia antica*, Milano, Giuffrè Editore, 1983.

DECHARME, P. - *La critique des traditions religieuses chez les Grecs*, Paris, A. Picard et fils, 1904.

DECHARME, P. – *La mythologie de la Grèce antique*, Paris, Garnier Frères, s/d.

DÉTIENNE, MARCEL; VERNANT, JEAN-PIERRE - *Les Ruses de l'Intelligence: la métis des Grecs*, Paris, Flammarion, 1974.

DÉTIENNE, MARCEL - *Dionysos mis à la mort*, Paris, Gallimard, 1977.

DÉTIENNE, MARCEL – *L'invention de la mythologie*, Paris, Gallimard, 1992.

DÉTIENNE, MARCEL – *Dionysus à ciel ouvert*, Paris, Hachette, 1998.

DODDS, E.R. - *The Greeks and the Irrational*, Berkeley, University of California, 1952.

FESTUGIÈRE, A.J. - *Études de religion grecque et hellénistique*, Paris, J. Vrin, 1972.

FORSDYKE, J. - *Greece before Homer: Ancient Chronology and Mythology*, London, Parrish, 1956.

FRITZ, GRAF - *Griechische Mythologie*, Munique/Zurique, Artemis Verlag, 1985.

GERSON, L. P. - *Good and greek philosophy: studies in the early history of natural theology*, London, Routledge, 1994.

GRAVES, ROBERT – *The greek myths*, London, Penguin Books, 1960.

GRIMAL, PIERRE – *La mythologie grecque*, Paris, PUF, 1953.

GUTHRIE, W. K. C. – *The Greeks and their gods*, London, Methuen, 1950.

GUTHRIE, W. K. C. – *Orpheus and the Greek Religion: a study of the orphic movement*, Princeton, Princeton University Press, 1993.

HARRISON, J.E. - *Prolegomena to Greek Religion*, Cambridge, Cambridge University Press, 1922.

HARRISON, J.E. - *Themis: A Study of the Social Origins of Greek Religion*, Cambridge, Cambridge University Press, 1927.

JAEGER, WERNER - *La Teologia de los Primeros Filósofos Griegos*, trad. José

Gaos, Buenos Aires, Fondo de Cultura Económica, 1952.

JAEGER, WERNER - *Cristianismo Primitivo e Paideia Grega*, trad. Artur Morão, Lisboa, Edições 70, 1991.

JESI, FURIO – *Mito*, Milano, Istituto Editoriale Internazionale, 1973.

KIRK, G.S. - *The Nature of Greek Myth*, Harmondsworth, Penguin, 1974.

LINFORTH, I.M. - *The Arts of Orpheus*, Berkeley, University of California, 1941.

MONDOLFO, RODOLFO – *Arte, religión y filosofía de los griegos*, Buenos Aires, Editorial Columba, 1961.

NILSSON, MARTIN PERSSON - *Greek Popular Religion*, New York, Columbia University, 1947.

NILSSON, MARTIN PERSSON – *Greek Piety*, Oxford, Clarendon Press, 1948.

NILSSON, MARTIN PERSSON - *A History of Greek Religion*, Oxford, Oxford University Press, 1949.

OTTO, WALTER F. – *L'esprit de la religion grecque ancienne*, Paris, Berg International, 1995.

OTTO, WALTER F. – *Dionysus : le myth et le culte*, Paris, Gallimard, 1992.

PANIKER, SALVADOR - *Filosofía y mística: una lectura de los griegos*, Barcelona, Editorial Anagrama, 1992.

PARKE, H.W. - *A History of the Delphic Oracle*, Oxford, Oxford University Press, 1939.

PETTAZZONI, R. - *La religion dans la Grèce antique*, Paris, Payot, 1953.

UNTERSTEINER, MARIO - *La fisiologia del mito*, Milano, Fratelli Bocca, 1946.

VERNANT, JEAN-PIERRE - *Mythe et pensée chez les grecs*, Paris, François Maspero, 1969.

VERNANT, JEAN-PIERRE - *Entre Mythe et Politique*, Paris, Éditions du Seuil, 1996.

VEYNE, PAUL – *Les Grecs ont-ils cru à leur dieux ?*, Paris, Éditions du Seuil, 1983.

VIDAL-NAQUET, PIERRE; VERNANT, JEAN-PIERRE - *Mythe et Société en Grèce Ancienne*, Paris, Maspero, 1974.

VIDAL-NAQUET, PIERRE; VERNANT, JEAN-PIERRE - *Religion Grecque. Religions Antiques*, Paris, Maspero, 1976.

VIDAL-NAQUET, PIERRE ; VERNANT, JEAN-PIERRE - *Mythe et tragédie en Grèce ancienne*, Paris, François Maspero, 1982.

VIDAL-NAQUET, PIERRE; VERNANT, JEAN-PIERRE - *La Grèce ancienne: du mythe à la raison*, Paris, Le Seuil, 1991.

VIDAL-NAQUET, PIERRE; VERNANT, JEAN-PIERRE - *Le chasseur noir: formes de pensées et formes de société dans le monde grec*, Paris, La Découverte, 1991.

VIDAL-NAQUET, PIERRE; VERNANT, JEAN-PIERRE - *La Grèce ancienne: l'espace et le temps*, Paris, Le Seuil, 1991.

VIDAL-NAQUET, PIERRE; VERNANT, JEAN-PIERRE - *La Grèce ancienne: rites de passage et transgressions*, Paris, Le Seuil, 1992.

VIDAL-NAQUET, PIERRE; VERNANT, JEAN-PIERRE - *Oedipe et ses mythes*, Paris, Éditions Complexe, 2001.

YOUNG, D.C. - *The Olympic Myth of Greek Amateur Athletics*, Chicago, Ares, 1984.

ZEPPI, STELIO - *Il pensiero religioso nei presocratici. Alle radici dell'ateismo*, Studium, 2003.

AA. VV. – *Les dieux de la Grèce. La figure du divin au miroir de l'esprit grecque*, Paris, Payot-Rivages, 1993.

ALGUMAS HISTÓRIAS DA FILOSOFIA GREGA E

AFINS

ABBAGNANO, NICOLA – *Historia de la Filosofia*, 5 Vols., trad. de Juan Estelrich y Perez Ballestar, Barcelona, Hora, 1994-1996.

BACCOU, ROBERT – *Histoire de la science grecque de Thalès à Socrate*, Paris, Aubier, 1951.

BARNES, JONATHAN - *The Presocratics Philosophers*, London, Routledge and Kegan Paul, 1982.

BARNES, JONATHAN - *Early Greek Philosophy*, London, Penguin Books, 1987.

BIGNONE, ETTORE - *Studi sul Pensiero Antico*, Roma, L'Erma di Bretschneider,

BRÉHIER, E. – *Comment je comprends l'Histoire de la Philosophie*, Paris, PUF, s/d.

BRÉHIER, E. - *Histoire de la philosophie*, t. I, Paris, P.U.F., 1961.

BURNET, J. - *Early Greek Philosophy*, London, Adam and Charles Black, 1930.

BURNET, J. - *Greek Philosophy. Thales to Plato*, London, Macmillan and Company Ld., 1960.

CALLOT, E. – *Ambiguités et antinomies de l'Histoire et de sa Philosophie*, Paris, Éditions Marcel Rivière, 1962.

CHÂTELET, FRANÇOIS (dir.) – *Histoire de la Philosophie : idées, doctrines* 8 Vols., Paris, Hachette, 1972-1973

CHEVALLIER, J. - *Histoire de la pensée: I. La pensée antique*, Paris, Plon, 1955.

CLAGETT, MARSHALL – *Greek science in antiquity*, London, Abelard-Schuman, 1957.

COPLESTON, FREDERIK – *A History of Philosophy* 9 Vol., London, Search Press, 1949/1975.

CRESCENZO, LUCIANO DE - *Storia della Filosofia Greca. I Presocrati*, Milano,

Arnold Mondadori Editor, 1983.

DUMONT, JEAN-PAUL - *Les Présocratiques I, II*, Paris, Gallimard, 1988.

FARRINGTON, BENJAMIN – *Greek Science: its meaning for us*, Middlesex, Penguin Books, 1961.

FARRINGTON, BENJAMIN – *Greek Science*, Nottingham, Russel Press, 1980.

FONT, PERE LUÍS (introducción, adaptación y edición) - *Historia de la Filosofía y de la Ciencia. I: Antigüedad y Edad Media*, trad. Juana Bignozzi, Barcelona, Editorial Crítica, 1985.

FREEMAN, K. - *The Pre-Socratic Philosophers, A Companion to Diels, Fragmente der Vorsokratiker* by K. Freeman, Oxford, 1946.

FREEMAN, K. - *Ancilla to the Pre-Socratic Philosophers*, a complete translation of the Fragmente in Diels, Cambridge, Massachusetts, 1983.

GIGON, OLOF- *Las Origenes de la Filosofía Griega*, trad. M. Carrión Gútiéz, Madrid, Editorial Gredos, 1980.

GOMPERZ, THEODOR - *Greek Thinkers, a History of Ancient Philosophy*, translated by Laurie Magnus, M.A., London, John Murray, Albemarle Sreet, W., s/d.

GORRI, ANTONIO ALEGRE - *Historia de la Filosofía Antigua*, Barcelona, Editorial Anthropos, 1988.

GROTE, G. - *A History of Greece*, London, John Murray, 1869.

GUTHRIE, W.K.C. - *A History of Greek Philosophy 6 Vols.*, Cambridge, Cambridge University Press, 1962-1981.

HACKNEY, JOHN – *History of Greek and Roman Philosophy*, Philosophical Library, Incorporated, 1966.

KIRK, G.S.; Raven, J.E. - *The Presocratic Philosophers*, Cambridge University Press, Cambridge, 1966.

KIRK, G. S.; RAVEN, J. E.; SCHOFIELD, M. – *The Presocratic Philosophers*, Cambridge/London/New York, Cambridge University Press, 1985.

LLOYD, G. E. R. – *Magic, Reason and Experience. Studies in the origins and*

- development of Greek Science*, Cambridge, Cambridge University Press, 1987.
- LLOYD, G. E. R. – *The Revolutions of Wisdom. Studies in the claims and practice of Ancient Greek Science*, Cambridge, Cambridge University Press, 1987.
- MOMIGLIANO, ARNALDO - *Introduzione bibliografica alla storia greca fino a Socrate*, La Nuova Italia, 1975.
- MONDOLFO, RODOLFO - *O Pensamento Antigo* vol. I-II, trad, L. Gomes da Motta, S. Paulo, Editora Mestre Jou, 1967.
- PARAIN (BRICE) (sous la direction) - *Histoire de la Philosophie* Vol. I, Paris, Éditions Gallimard, 1969.
- PENEDOS, ÁLVARO DOS - *Ensaio. História da Filosofia*. Porto, Rés, 1987.
- REALE, GIOVANNI; ANTISERI, DARIO - *Il pensiero occidentale dalle origini ad oggi* vol. I, Brescia, Editrice La Scuola, 1985.
- REALE, GIOVANNI – *Storia della filosofia greca e romana* 10 vols., Bompiani, 2004.
- ROBIN, LÉON – *Sur la notion d'Histoire de la Philosophie*, Paris, Armand Colin, 1963.
- ROBIN, LÉON - *La Pensée Hellénique des origines a Épicure: questions de méthode, de critique et d'histoire*, Paris, PUF, 1967.
- SCOON, ROBERT – *Greek Philosophy before Plato*, Princeton, Princeton University Press, 1928.
- SOREL, REYNAL – *Les cosmogonies grécques*, Paris, PUF, 1996.
- TATON, R. (dir.) – *Histoire générale des sciences. Tome I: la science antique et médiévale*, Paris, PUF, 1966.
- TEJERA, V. – *Rewriting the History of Ancient Greek Philosophy*, Westport, Greenwood Press, 1997.
- VOGEL, C. J. – *Greek Philosophy. A collection of texts selected and supplied with some notes and explanations* 3 Vols., Leiden, E. J. Brill, 1963.
- ZELLER, EDUARD; MONDOLFO, RODOLFO – *La filosofia dei Greci nel suo sviluppo storico* 6 Vols., Firenze, La Nuova Italia, 1951-1961.

ZELLER, EDUARD – *Outlines of the History of Greek Philosophy*, Oxford, Taylor and Francis, 2000.

ZELLER, EDUARD – *Compendio di storia della filosofia greca con una guida bibliografica di Rodolfo Mondolfo*, Firenze, La Nuova Italia, 2002.

WERNER, CHARLES - *La Philosophie Grecque*, Paris, Payot, 1972.

ALGUNS ESTUDOS SOBRE FILOSOFIA GREGA

ADKINS, ARTHUR W. H. - *Merit and Responsibility: A Study in Greek Values*, Oxford, Clarendon Press, 1960.

ADORNO, FRANCESCO - *La filosofia antica*, (T. I) Milano, Feltrinelli, 1991.

ALFIERI, V. E.; UNTERSTEINER, M. (a cura di) - *Studi di filosofia greca in onore di Rodolfo Mondolfo*, Bari, 1951.

AUBENQUE, PIERRE - "Le phenomenal et sa tradition", in *Révue des Etudes Philosophiques*, Paris, P. U. F., 1998.

AUBENQUE, PIERRE - *Concepts et catégories dans la pensée antique*, Paris, J. Vrin, 2000.

BARNES, JONATHAN - *The Presocratics Philosophers*, London, Routledge and Kegan Paul, 1982.

BARNES, JONATHAN - *Early Greek Philosophy*, London, Penguin Books, 1987.

BEISTEGUI, MIGUEL and SPARKS, SIMON (edited by) - *Philosophy and Tragedy*, London, Routledge, 2000.

BIGNONE, ETTORE - *Studi sul Pensiero Antico*, Roma, L'Erma di Bretschneider, 1965.

BLANC, MAFALDA - "O itinerário da ontologia clássica", in *Estudos Filosóficos* Vol. 1, F.C.S.H. da U.N.L., Lisboa, 1982, pp. 139-168.

BOLLACK, JEAN - "L'homme entre son semblable et le monstre", in *L' animal dans*

l'antiquité, (sous la direction de G. Romeyer Dherbey), Paris, J.Vrin, 1997, pp. 377-395.

BOLLACK, JEAN - *La Grèce de personne*, Paris, Éditions du Seuil, 1977.

BRÉHIER, Émile - *Études de Philosophie Antique*, Paris, P.U.F. 1955.

BREMMER, JAN, N. - *The Early Greek Concept of the Soul*, Princeton, Princeton University Press, 1993.

BROCHARD, V. - *Études de Philosophie Ancienne et de Philosophie Moderne*, Paris, J. Vrin, 1974.

BRUNSCHVIG, L. - *Les âges de l'intelligence*, Paris, P.U.F., 1947.

BUXTON, RICHARD (ed.) – *From myth to reason? Studies in the development of Greek thought*, Oxford, Oxford University Press, 1999.

CAMPS, VICTORIA - *Ética, Retórica, Política*, Madrid, Alianza Editorial, 1990.

CAPIZZI, ANTONIO - *Il tragico in filosofia*, Roma, Ed. dell'Ateneo, 1988.

CASSIN, BARBARA (sous la direction de) - *Le plaisir de parler*, Paris, Les Éditions de Minuit, 1968.

CASSIN, BARBARA (édité par) - *Positions de la Sophistique*, Paris, J. Vrin, 1986.

CASSIN, BARBARA (sous la direction de) - *Philosophie*, Paris, Les Éditions de Minuit, n. 28, 1990.

CASSIN, BARBARA - *Nos Grecs et leurs modernes. Les stratégies contemporaines d'appropriation de l'Antiquité*, Paris, Éditions du Seuil, 1992.

CHÂTELET, FRANÇOIS - *Uma História da Razão*, trad. M. Serras Pereira, Lisboa 1993.

CHERWITZ, RICHARD A. (edited by) - *Rhetoric and Philosophy*, Hillsdale, Lawrence Erlbaum Associates, 1990.

COHEN, DAVID - *Law, Sexuality and Society: The Enforcement of Morals in Classical Athens*, Cambridge, Cambridge University Press, 1994.

CHRISTOPHER, GILL - *Personality in Greek Epic, Tragedy and Philosophy: The Self in Dialogue*, Oxford, Clarendon Press, 1996.

- COLLI, GIORGIO - *La nascita della filosofia*, Milano, Adelphi Edizioni, 1975
- COLLI, GIORGIO - *La Sapienza Greca* vols. I-II-III, Milano, Adelphi Edizioni, 1996.
- CONCHE, MARCEL - "Devenir Grec", in *Revue Philosophique*, T. CLXXXVI, Paris, P. U. F., 1996, pp. 3-22.
- CORNFORD, FRANCIS M. - *The Laws of Motion in Ancient Thought*, Cambridge, Cambridge University Press, 1931.
- CORNFORD, FRANCIS M. - *Before and After Socrates*, Cambridge, Cambridge University Press, 1932.
- CORNFORD, FRANCIS M. - *The Unwritten Philosophy and Other Essays*, Cambridge, Cambridge University Press, 1967.
- CORNFORD, FRANCIS M. - *Principium Sapientiae*, trad. M. M. Rocheta dos Santos, Lisboa, 1975.
- CORNFORD, FRANCIS M. - *From Religion to Philosophy: A Study in the Origins of Western Speculation*, London, Arnold, 1912.
- CHRISTOPHER, GRILL - *Personality in Greek Epic, Tragedy and Philosophy: The Self in Dialogue*, Oxford, Clarendon Press, 1996.
- DAHAN, GILBER; GOULET, RICHARD (dir.) - *Allégorie des Poètes, Allégorie des Philosophes*, Paris, J. Vrin, 2004.
- D'AGOSTINO, FRANCESCO - *Bia. Violenza e giustizia nella filosofia e nella letteratura della grecia antica*, Milano, Giuffrè Editore, 1983.
- DEMONT, PAUL (ed.) - *Problèmes de la Morale Antique*, Amiens, Université D'Amiens, Faculté des Lettres, 1993.
- DÉTIENNE, MARCEL - *Les Maîtres de vérité dans la Grèce archaïque*, Paris, Maspero, 1973.
- DIHLE, A. - "Die Verschiedenheit der Sitten als Argument ethischer Theorie", in *The Sophists and their legacy*, Wiesbaden, Franz Steiner Verlag GMBH, 1981, pp. 54-64.
- DIXSAUT, MONIQUE - "L'analogie intenable", in *Rue Descartes I*, Paris, Éditions Albin Michel, 1991, pp. 93-120.

- DODDS, E.R. - *Les Grecs et L'Irrationnel*, trad. M. Gibson, Paris, Flammarion, 1977.
- DODDS, E.R. - *The Ancient Concept of Progress and other Essays on Greek Literature and Belief*, Oxorf, Clarendon Press, 1973.
- EVERSON, STEPHEN (edited by) - *Ethics*, Companions to ancient thought 4, Cambridge, Cambridge University Press, 1998.
- FARRINGTON, BENJAMIN - *Greek Science. Thales to Aristotle V.I*, Harmondsworth, Middlesex, Penguin Books, 1944.
- FESTUGIÈRE, A.J. - *Liberté et civilisation chez les Grecs*, Paris, Gabalda 1947.
- FESTUGIÈRE, A.J. - *Études de Philosophie grecque*, Paris, J. Vrin, 1971.
- FRAISSE, J.-C. - *Philia. La notion d'amitié dans la philosophie antique*, Paris, J.Vrin, 1974.
- FREDE, M. - *Essays in Ancient Philosophy*, Oxford, Clarendon Press, 1987.
- FUENTES, JOAQUÍN LOMBA - *Principios de Filosofía del Arte Griego*, Barcelona, Editorial Anthropos, 1987.
- GADAMER, HANS-GEORG - *El inicio de la filosofía occidental*, trad. R. A. Díez, M. C. Blanco, Barcelona, Ediciones Paidos, 1995.
- GADAMER, HANS-GEORG - *Verdad y Metodo. Fundamentos de una hermenéutica filosófica*, trad. Ana A. Aparicio y Rafael de Agapito, Salamanca, Ediciones Sígueme, 1977.
- GADAMER, HANS-GEORG - *Le Problème de la Conscience Historique* (édition établie par Pierre Fruchon), Paris, Seuil, 1996.
- GADAMER, HANS-GEORG - *Herança e Futuro da Europa*, trad. A. Hall, Lisboa, Ed.70, 1998.
- GADAMER, HANS-GEORG - *El inicio de la sabiduría*, trad. A. Gómez Ramos, Barcelona, Ediciones Paidós Iberica S.A., 2001.
- GAGARIN, MICHAEL; WOODRUFF, PAUL - *Early Greek Political Thought from Homer to the Sophists*, Cambridge, Cambridge University Press, 1995.
- GERNET, L. - *Anthropologie de la Grèce Antique*, Paris, Flammarion, 1982.

- GERNET, L. - *Les grecs sans miracle*, Paris, Maspero, 1983.
- GERSON, L. P. - *Good and greek philosophy: studies in the early history of natural theology*, London, Routledge, 1994.
- GIGON, O. - *Les Grands Problèmes de la Philosophie Antique*, Paris, Payot, 1961.
- GILSON, E. - *L'être et l'essence*, Paris, J.Vrin, 1962.
- GUTHRIE W. K. C. – *Greek Philosophy: an inaugural lecture*, Cambridge, Cambridge University Press, 1953.
- HADOT, PIERRE - *Exercices spirituels et philosophie antique*, Paris, Etudes augustiniennes, 1987.
- HADOT, PIERRE - *Qu'est-ce que la philosophie antique?*, Paris, Gallimard, 1995.
- HADOT, PIERRE - "Remarques sur les notions de *phusis* et de *nature*" in *Études de Philosophie Ancienne*, Paris, Les Belles Lettres, 1998, pp. 77-92.
- HEGEL, G.W.F. - *Leçons sur l'Histoire de la Philosophie*, Paris, J. Vrin, 1971.
- HEIDEGGER, MARTIN - *Introducción a la Metafísica*, trad. Emilio Estiú, Buenos Aires, Editorial Nova, 1959.
- HEIDEGGER, MARTIN - *Concepts fondamentaux de la philosophie antique*, trad. Alain Boutot, Paris, Éditions Gallimard, 2003.
- ISNARDI PARENTE, MARGHERITA – *Téchne: momenti del pensiero greco da Platone a Epicuro*, Firenze, La Nuova Italia, 1966.
- KENNEDY, GEORGE - *The Art of Persuasion in Greece*, Princeton, Princeton University Press, 1963.
- KERFERD, G. B. – *The study of Greek thought: inaugural lecture of the Professor of Classics delivered at the College, Swansea, University of Wales*, 1956.
- KERFERD, G. B. – *Reason as a guide to conduct in Greek thought*, Manchester, J. Rylands Univ. Lib. of Manchester, 1981.
- KOYRÉ, A. - *From the closed world to the infinite universe*, Baltimore, John Hopkins University Press, 1975.
- KRELL, D. F. - *Heidegger and Language, (The wave's source: Rhytm in the*

- language of poetry and thought*), University of Watwick, Parousia Press, 1982.
- LENOBLE, ROBERT - *Esquisse d'une histoire de l'idée de Nature*, Paris, Albin Michel, 1969.
- LEVET, J. P. - *Le vrai et faux dans la pensée grecque archaïque*, Paris, Les Belles Lettres, 1976.
- LLOYD, G.E.R. - *Early Greek Science, Thales to Aristotle*, London, Chatto and Windus, 1973.
- LLOYD, G.E.R. - *Magic, Reason and Experience*, Cambridge, Cambridge University Press, 1979.
- MILHAUD, GASTON - *Les philosophes-géomètres de la Grèce*, Paris, Alcan, 1900.
- MOLDER, MARIA FILOMENA - "A propósito de «Mímesis», in *Estudos Filosóficos* Vol. 1, F.C.S.H. da U.N.L., Lisboa, 1982, pp. 67-85.
- MONDOLFO, RODOLFO - *El Genio Helénico*, Buenos Aires, Editorial Columba S.A.C.I., 1960.
- MONDOLFO, RODOLFO - *O Infinito no Pensamento da Antiguidade Clássica*, trad. Luíz Darós, S. Paulo, Editora Mestre Jou, 1968.
- MONDOLFO, RODOLFO - *O Homem na Cultura Antiga*, trad. Luíz A. Caruso, S. Paulo, Editora Mestre Jou, 1968.
- MOREAU, J. - *L'idée d'univers dans la pensée antique*, Turim, B. del Giornale di Metafisica, 1953.
- MOTTE, A.; RUTTEN, CHR. (Éd. par) - *Aporia dans la philosophie grecque des origines à Aristote*, Louvain-La-Neuve, Éditions Peeters, 2001.
- NARCY, MICHEL - *La Dialectique entre Platon et Aristote*, Aix-en-Provence, Cahiers du Centre d'études sur la pensée antique «kairos kai logos», 1997.
- NEUGEBAUER, O. - *The Exact Sciences in Antiquity*, Oxford, Oxford University Press, 1951.
- NICHOLAS, DENYER - *Language, thought and falsehood in ancient greek philosophy*, London, Routledge, 1993.

NIETZSCHE, FRIEDRICH - *La naissance de la philosophie à l'époque de la tragédie grecque*, trad. Geneviève Bianquis, Paris, Gallimard, 1985.

NIZAN, PAUL - *Les matérialistes de l'antiquité*, Paris, Maspero, 1968.

NUSSBAUM, MARTHA C. - *La fragilidad del bien: fortuna y ética en la tragedia y la filosofía griega*, trad. A. Ballesteros, Madrid, La balsa de la Medusa, 1995.

O'BRIEN, DENIS - "Comment écrire l'histoire de la philosophie? Héraclite et Empédocle sur l'un et le multiple", in *Rue Descartes*, Paris, Éditions Albin Michel, 1991, pp. 121-138.

ONIAN, RICHARD BROXTON - *The Origins of European Thought About the Body, the Mind, the Soul, the World, Time and Fate: New Interpretation of Greek, Roman and Kindred Evid*, Cambridge, Cambridge University Press, 1988.

ORTEGA Y GASSET, J. - *Origen y epílogo de la filosofía*, México, Fondo de Cultura Economica, 1960.

PANIKER, SALVADOR - *Filosofía y mística: una lectura de los griegos*, Barcelona, Editorial Anagrama, 1992.

PENEDOS, Álvaro - *Ensaio. História da Filosofia*, Porto, Rés, 1987.

REY, ABEL - *La Jeunesse de la Science Grecque*, Paris, La Renaissance du Livre, 1933.

RIVAUD, A. - *Le problème du devenir et la notion de matière dans la philosophie grecque, depuis les origines jusqu'à Théophraste*, Paris, 1906.

ROBIN, LÉON - "Sur La Notion D'Histoire De Philosophie", *Bulletin de la Société française de Philosophie*, n° 3, Paris, 1936.

ROBIN, LÉON - *La Pensée Hellénique. Des Origines à Epicure*, Paris, P.U.F., 1967.

ROBIN, LÉON - *La Morale Antique*, Paris, P. U. F., 1970.

ROBINSON, JOHN MANSLEY - *An Introduction to Early Greek Philosophy*, Boston, Houghton Mifflin, 1968.

ROBINSON, RICHARD - *Essays in Greek Philosophy*, Oxford, Oxford University Press, 1969.

- RODIER, GEORGES - *Études de Philosophie Grecque*, Paris, J. Vrin, 1969.
- ROMEYER DHERBEY, GILBERT - (sous la direction de), *L' animal dans l'antiquité*, Paris, J. Vrin, 1997.
- ROMEYER DHERBEY, GILBERT - *La Parole Archaïque*, Paris, P.U.F., 1999.
- ROMILLY, JACQUELINE DE - *La douceur dans la pensée grecque*, Paris, Les Belles Lettres, 1979.
- ROMILLY, JACQUELINE DE - "La naissance des sciences humaines au V.ème siècle avant J. C.", Paris, *Diogène*, 1988, pp. 3-17.
- ROMILLY, JACQUELINE DE - *La construction de la vérité chez Thucydide*, Paris, Julliard, 1990.
- ROUVERT, Agnès - *Histoire et imaginaire de la peinture ancienne (Vem. siècle av. J. C. -Ier. siècle ap. J. C.)*, Paris, École Française de Rome, Palais Farnèse, 1989.
- SAMUEL I JSSELING - Rhétorique et philosophie, Paris, Archives de Philosophie, 1976, pp. 193-210.
- SANDYWELL, BARRY - *Presocratic Reflexivity: The Construction of Philosophical Discourse c.600-450BC*, London, Routledge, 1996.
- SANTOS, JOSÉ TRINDADE - *Antes de Sócrates*, Lisboa, Gradiva, 1992.
- SAUVANET, PIERRE - *Le Rythme Grec: d'Heraclite à Aristote*, Paris, P. U. F., 1999.
- SCHOTTE, JEAN-CLAUDE - *La science des Philosophes. Une histoire critique de la théorie de la connaissance*, Bruxelles, De Boeck Université, 1998.
- SCHRODINGER, ERWIN; PENROSE, ROGER - *Nature and the Greeks: And Science and Humanism*, Cambridge, Cambridge University Press, 1996.
- SCHULL, PIERRE-MAXIME - *Machinisme et philosophie*, Paris, P.U.F., 1947.
- SCHUHL, P-M - *Essai sur la formation de la pensée grecque*, Paris, PUF, 1949.
- SICHIROLLO, L. - *Dialéctica*, Lisboa, 1980.
- SNELL, BRUNO - *The Discovery of Mind*, Oxford, Oxford University Press, 1953.
- STRIKER, GISELA - *Essays on Hellenistic Epistemology and Ethics*, Cambridge, Cambridge University Press, 1995.

- SZABÓ, ÁRPÁD - *L'aube des mathématiques grecques*, Paris, J. Vrin, 2000.
- SZABÓ, ÁRPÁD; ERKKA, MAULA - *Les débuts de l'astronomie, de la géographie et de la trigonométrie chez les Grecs*, Paris, J. Vrin, 1986.
- TAYLOR, CHARLES - *Philosophy and the Human Sciences. Philosophical Papers 2.*, New York, Cambridge University Press, 1985.
- TREDÉ, MONIQUE - *Kairos. L'à-propos et l'occasion*, Paris, Klincksieck, 2000.
- USHER, STEPHEN - *Greek Oratory: Tradition and Originality*, New York, Oxford University Press, 1999.
- VERNANT, JEAN-PIERRE - *Les origines de la pensée grecque*, PUF, 1981.
- VERNANT, JEAN-PIERRE - *Mythe et pensée chez les grecs*, Paris, François Maspero, 1969.
- VIANO, CRISTINA (dir.) - *L'alchimie et ses racines philosophiques*, Paris, J. Vrin, 2004.
- VIDAL-NAQUET, PIERRE; VERNANT, JEAN-PIERRE - *La Grèce ancienne: du mythe à la raison*, Paris, Le Seuil, 1991.
- VLASTOS, GREGORY - *Studies in Greek Philosophy: Socrates, Plato and their Tradition*, Princeton, Princeton University Press, 1995.
- VLASTOS, GREGORY - *Studies in Greek Philosophy: Presocratics*, Princeton, Princeton University Press, 1997.
- VOELKE, ANDRÉ-JEAN - *Les rapports avec autrui dans la philosophie grecque: d'Aristote à Panétius*, Paris, J. Vrin, 1961.
- VOGEL C.J. - *Greek Philosophy, a collection of texts with notes and explanations*, Leyde, E.J. Brill, 1953.
- VUILLEMIN, JULES - *Nécessité ou Contingence. L'aporie de Diodore et les systèmes philosophiques*, Paris, Les Éditions de Minuit, 1997.
- ZELLER, E.; MONDOLFO, R. - *La filosofia dei Greci nel suo sviluppo storico*, 6 Vol., Firenze, La Nuova Italia, 1951-1961.
- ZEPPI, STELIO - "L'essere e il pensare nella filosofia greca anteriore ai Sofisti e a

Socrate" in *Filosofia*, A. XXXVIII, Fasc. II, Firenze, 1987, pp. 83-97.

WHITE, NICHOLAS - *Individual and Conflict in Greek Ethics*, Oxford, Oxford University Press, 2004.

WILLIAM, JORDAN - *Ancient concepts of philosophy*, London, Routledge, 1992.

AA. VV. - "Des Grecs I - II" in *Revue Rue Descartes*, Paris, Albin Michel, 1991.

AA.VV. - *Gadamer et les Grecs*, Paris, J. Vrin, 2005.

OS PRÉ-SOCRÁTICOS

ALGUMAS EDIÇÕES DOS FRAGMENTOS DOS PRÉ-SOCRÁTICOS

DIELS, HERMAN – *Doxographi Graeci*, Berlin, 1879

DIELS, HERMAN UND WALTHER KRANZ ed. - *Die Fragmente der Vorsokratiker*, I, II, III, Berlin, Weidmann, 1972.

DUMONT, JEAN-PAUL – *Les Présocratiques* I, II, Paris, Gallimard, 1988.

FREEMAN, KATHLEEN - *The Pre-Socratic Philosophers. A Companion to Diels, Fragmente der Vorsokratiker*, Oxford, Basil Blackwell, 1946.

FREEMAN, KATHLEEN - *Ancilla to the Pre-Socratic Philosophers. A complete translation of the Fragments in Diels, Fragmente der Vorsokratiker*, Cambridge, Harvard University Press, 1983.

KIRK, G. S.; RAVEN, J. E.; SCHOFIELD, M. - *Os Filósofos Pré-Socráticos*, trad. C. A. Louro Fonseca, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1994.

MCKIRAHAN, RICHARD – *Presocratics Reader: Selected Fragments and Testemonia*, Hackett Publishing Company, Incorporated, 1996.

TIMPANARO, M. CARDINI – *I Presocratici. Testimonianze e Frammenti*, Bari, Editori Laterza, 1983.

TIMPANARO, M. CARDINI – *Pitagorici. Testimonianze e Frammenti*, 3 vols., Florenza, La Nuova Itália, 1958-1964.

ALGUNS ESTUDOS SOBRE OS PRÉ- SOCRÁTICOS

ALLEN, J. - *The Worlds of the early greek philosophers*, Buffalo, Prometheus Books, 1979.

AUBENQUE, PIERRE (ed.)- *Études sur Parménides* 2 Vols., Paris, J. Vrin, 1987.

AXELOS, KOSTAS - *Héraclite et la philosophie*, Paris, Éditions de Minuit, 1962.

BAILEY, C. - *The Greek Atomists and Epicurus*, Oxford, Oxford University Press, 1928.

BARNES, JONATHAN - *The Presocratics Philosophers*, London, Routledge and Kegan Paul, 1982.

BARNES, JONATHAN - *Early Greek Philosophy*, London, Penguin Books, 1987.

BATTISTINI, YVES - *Trois Présocratiques: Héraclite, Parménide, Empédocle*, Paris, Éditions Gallimard, 1968.

BOLLACK, JEAN - *Héraclite ou la séparation*, Paris, Editions Minuit, 1972.

BOLLACK, JEAN - *Empédocle* (3 volumes), Paris, Gallimard, 1992.

BRUN, JEAN - *Héraclite, ou le philosophe de l'éternel retour*, Paris, Éditions Seghers, 1965.

BRUN, JEAN - *Empédocle, ou le philosophe de l'amour et de la haine*, Paris, Éditions Seghers, 1966.

BRUN, JEAN - *Les Présocratiques*, Paris, PUF, 1982.

BURNET, J. - *Early Greek Philosophy*, London, Adam and Charles Black, 1930.

BUXTON, RICHARD (ed.) - *From myth to reason? Studies in the development of Greek thought*, Oxford, Oxford University Press, 1999.

- CAIPIZZI, ANTONIO – *La Repubblica cosmica. Appunti per una storia non peripatetica della nascita della filosofia en Grecia*, Roma, Ed. Dell'Ateneo, 1982.
- CASERTANO, GIOVANNI – *I piacere, l'amore e la morte nelle dottrine dei presocratici I*, Napoli, Loffredo, 1983.
- CASERTANO, GIOVANNI - "Eros divino. Eros umano. Da Omero a Parmenide", *Actas Colóquio Eros e Philia na Cultura Grega*, Lisboa, Centro de Estudos Clássicos, 1995, pp. 25-38.
- CASERTANO, GIOVANNI – *I Presocratici*, Milano, Carocci Editore, 2009.
- CASSIN, BARBARA - *Si Parménide*, P.U.L. - M.S.H., 1980.
- CASSIN, BARBARA (présenté, traduit et commenté) - *Parménide. Sur la nature ou sur l'étant*, Paris, Éditions du Seuil, 1998.
- CLEVE, F. M. – *The Giants of Pre-Sophistic Greek Philosophy. An attempt to reconstruct their thoughts*, Dordrecht, Martinus Nijhoff Publishers, 1973.
- COLLI, GIORGIO – *La nascita della filosofia*, Milano, Adelphi Edizioni, 1975.
- CONCHE, MARCEL – *Parmenide, le Poème – Fragments*, Paris, P.U.F., 1995.
- CORDERO, NESTOR-LUIS - *Les deux chemins de Parménides*, Édition critique, traduction, études et bibliographie, Paris, J.Vrin, 1997.
- CORNFORD, FRANCIS M. - *From Religion to Philosophy: A Study in the Origins of Western Speculation*, London, Arnold, 1912.
- COULOUBARITSIS, LAMBROS – *Myth et Philosophie chez Parménide*, Bruxelles, Éd. Ousia, 1986.
- CRESCENZO, LUCIANO DE - *Storia della Filosofia Greca. I Presocratici*, Milano, Arnold Mondadori Editor, 1983.
- COUPRIE, DIRK L.; HAHN, ROBERT; NADDAF, GERARD - *Anaximander in Context*, New York, State University of New York, 2001.
- COUPRIE, DIRK - *Anaximander in Context: new studies in the origins of Greek Philosophy*, New York, State University of New York, 2002.
- EGGERS LAN, CONRADO Y JULIÀ – *Los filósofos presocráticos 3 Vols.*, Madrid,

Gredos, 1978.

FURLEY, D. J. - *Two Studies in the greek Atomists*, Princeton, Princeton University Press, 1967.

FURLEY, D. J. – *The Greek Cosmologists*, Cambridge, Cambridge University Press, 1987.

GADAMER, HANS-GEORG - *Au Commencement de la Philosophie. Pour une lecture des Présocratiques*, trad. Pierre Fuchon, Paris, Éditions du Seuil, 2001.

GADAMER, HANS-GEORG - "Sobre la transmisión de Heráclito", in *El inicio de la sabiduría*, trad. A. Gómez Ramos, Barcelona, Ediciones Paidós Ibérica, 2001, pp. 17-30.

GADAMER, HANS-GEORG - "Estudios heraclíteos", in *El inicio de la sabiduría*, trad. A. Gómez Ramos, Barcelona, Ediciones Paidós Ibérica, 2001, pp. 31-84.

GADAMER, HANS-GEORG - "El atomismo antiguo", in *El inicio de la sabiduría*, trad. A. Gómez Ramos, Barcelona, Ediciones Paidós Ibérica, 2001, pp. 85- 106.

GOMES, PINHARANDA - *Filosofia Grega Pré-Socrática*, Lisboa, Guimarães Editores, 1980.

HADOT, PIERRE - "Remarques sur les notions de *phusis* et de *nature*" in *Études de Philosophie Ancienne*, Paris, Les Belles Lettres, 1998, pp. 77-92. *

HAHN, ROBERT - *Anaximander and the architects: the contributions of Egyptian and Greek architectural technologies to the origins of Greek Philosophy*, New York, State University of New York, 2001.

HUSSEY, EDWARD – *The Presocratics*, Hackett Publishing Company, 1995.

JAEGER, WERNER – *La teología de los primeros filósofos griegos* (trad. J. Gaos), Buenos Aires, Fondo de Cultura Económica, 1952.

JEAN-FRANÇOIS PRADEAU (traduction et présentation) - *Héraclite. Citations et Témoignages*, GF Flammarion, Paris, 2002.

JEANNIÈRE, ABEL (traduction et commentaire des fragments) - *Héraclite*, Paris, Éditions Aubier Montaigne, 1985.

- JEANNIÈRE, ABEL - *Les Présocratiques*, Paris, Éditions du Seuil, 1996.
- KAHAN, CHARLES H. (editor) - *The Art and Thought of Heraclitus. A new arrangement and translation of the fragments with literary and philosophical commentary*, Cambridge, Cambridge University Press, 1981.
- KAHAN, CHARLES H. – *Anaximander and the Origins of Greek Cosmology*, Hackett Publishing Company, 1994.
- KAHAN, CHARLES H. – *Pythagoras and the Pythagoreans: a brief history*, Hackett Publishing Company, 2001.
- KIRK, G. S. (ed.) – *Heraclitus: the cosmic fragments*, Cambridge, Cambridge University Press, 1975.
- LEVET, J. P. - *Le vrai et faux dans la pensée grecque archaïque*, Paris, Les Belles Lettres, 1976.
- MATTEI, JEAN-FRANÇOIS - *Pythagore et les Pythagoriciens*, Paris, P.U.F., 1996.
- MESQUITA, ANTÓNIO PEDRO - "Sentido e Função do conceito de *Philia* em Heraclito", *Actas Colóquio Eros e Philia na Cultura Grega*, Lisboa, Centro de Estudos Clássicos, 1995, pp. 57-70.
- MOTTÉ, ANDRÉ – “De l'idée de la nature dans la Grèce antique”, in *La Grèce pour penser l'avenir*, Paris, L'Harmattan, 2000.
- PALMER, JOHN – *Parmenides and Presocratic Philosophy*, USA, Oxford University Press, 2010.
- PARESCHE, ENRICO – *La giustizia nei presocratici*, Soveria Mannelli, Rubbettino, 1986.
- PENEDOS, ÁLVARO DOS – *Introdução aos Pré-Socráticos*, Porto, Res Editora, 2001..
- RAMNOUX, CLÉMENCE – *Héraclite ou l'homme entre les choses et les mots*, Paris, Les Belles Lettres, 1968.
- ROBB, K. (ed.) – *Language and Thought in Early Greek Philosophy*, Illinois, The Monist Library of Philosophy, 1983.

- ROBIN, LÉON - *La Pensée Hellénique. Des Origines à Epicure*, Paris, P.U.F., 1967.
- ROBINSON, JOHN MANSLEY - *An Introduction to Early Greek Philosophy*, Boston, Houghton Mifflin, 1968.
- ROCHOT, B. - *Les travaux de Gassendi sur Epicure et sur l'atomisme*, Paris, J. Vrin, 1944.
- SANDYWELL, BARRY - *Presocratic Reflexivity: The Construction of Philosophical Discourse c.600-450BC*, London, Routledge, 1996.
- SCHRODINGER, ERWIN; PENROSE, ROGER - *Nature and the Greeks: And Science and Humanism*, Cambridge, Cambridge University Press, 1996.
- SANTOS, J. TRINDADE - *Da Natureza. Parménides*, Lisboa, Alda Editores, 1997.
- SCOON, ROBERT - *Greek Philosophy before Plato*, Princeton, Princeton University Press, 1928.
- SOLOVINE, MAURICE (trad.) - *Démocrite. Doctrines philosophiques et réflexions morales*, Paris, Alcan, 1928.
- SWEENEY, L. - *Infinity in the Presocratics. A bibliographical and philosophical study*, Dordrecht, Martinus Nijhoff Publishers, 1972.
- THOMSON, GEORGE - *The First Philosophers*, London, Laurence and Wishart, 1955.
- TIMOCHENKO, V.E. - "Le Matérialisme de Démocrite", in *La Pensée*, Paris, n°62, 1955.
- VERNANT, J.-P. - *Les origines de la pensée grecque*, Paris, PUF, 1981.
- VLASTOS, GREGORY (edited by Daniel W. Graham) - *Studies in Greek Philosophy. The Presocratics*, Princeton, Princeton University Press, 1996.
- VOILQUIN, JEAN (traduction, introduction et notes) - *Les Penseurs Grecs Avant Socrate*, Paris, GF Flammarion, 1964.
- ZAFIROPULO, JEAN - *Parménide, Zenon, Melissos*, Paris, Les Belles Lettres, 1950.
- ZEPPI, STELIO - *Il pensiero religioso nei presocratici. Alle radici dell'ateismo*, Roma, Studium, 2003.

ZEPPI, STELIO - "L'essere e il pensare nella filosofia greca anteriore ai Sofisti e a Socrate" in *Filosofia*, A. XXXVIII, Fasc. II, Firenze, 1987.

WATERFIELD, ROBIN – *The first philosophers. The presocratics and the sophists*, Oxford, Oxford University Press, 2000.

A.A.VV. - *Lectures des Présocratiques I*, in *Revue de Philosophie Ancienne* nº1, Bruxelles, Éditions OUSIA, 2000.

A.A.VV. - *Lectures des Présocratiques II*, in *Revue de Philosophie Ancienne* nº2, Bruxelles, Éditions OUSIA, 2000.

AA. VV. - *Les Ecoles Présocratiques*, Paris, Gallimard, 1996.

MEDICINA. MEDICINA HIPOCRÁTICA

ALGUMAS EDIÇÕES DA COLEÇÃO

HIPOCRÁTICA

GUAL, CARLOS GARCÍA, M[□] D. LARA NAVA, J. A. LÓPEZ FÉREZ, B. CABELLOS, ÁLVAREZ (trad.) - *Tratados Hipocráticos*, 7 Volumes, Madrid, Editorial Gredos, 1990.

JONES, W. H. S. et al (transl.) – *Hippocrates. Works* (4 Vol.), Heinemann, 1923-1931.

LITTRÉ, E. (ed. et trad. de) - *Oeuvres complètes d'Hippocrate* (10 Vol.), Paris, J. B. Baillière, 1839-1861.

ALGUNS ESTUDOS SOBRE MEDICINA E

MEDICINA HIPOCRÁTICA

AMATO, CLOTILDE - *La Medicina*, Roma, Edizioni Quasar, 1993.

ARMOUR, RICHARD – *It all started with Hippocrates: a mercifully brief of history of Medecine*, Princeton, McGraw-Hill, 1972.

AYACHE, LAURENT - *Hippocrate*, Paris, P.U.F., 1992.

AYACHE, LAURENT - "Hippocrate laissait-il la nature agir?", in *Actas del VII Colloque International Hippocratique*, Madrid, 1993, pp. 19-35.

AYACHE, LAURENT - "Le problème de la mesure dans la médecine hippocratique", in *Études de Philosophie*, Aix-en-Provence, 1995.

AYACHE, LAURENT - "Platon et la Médecine", conferência proferida in *Centre d'études sur la pensée antique □ kairos kai logos□*, Aix-en-Provence, 1996.

AYACHE, LAURENT - "Le cas de Démocrate: du diagnostic médical à l'évaluation philosophique", in R. Wittern/P. Pellegrin (ed.), *Hippokratische Medizin und antike Philosophie. Verhandlungen des VIII. International Hippokrates-Kolloquiums in Kloster Banz / Staffelstein vom 23. bis 28. September 1993*, Zürich - New York, 1996.

AYACHE, LAURENT - "L'animal, les hommes et l'ancienne médecine", in *L'Animal dans L'Antiquité* (sous la direction de Gilbert Romeyer Dherbey), Paris, J. Vrin, 1997.

BAISSETTE, GASTON - *Hippocrate*, Paris, Gasset, 1931.

BALINT, MICHAEL – *The doctor, his patient and the illness*, London, Churchill Livingstone, 2000.

BERNARD, HOERNI - *Histoire de l'examen clinique d'Hippocrate à nos jours*, Paris, Maloine, 1997.

BOURGEY, LOUIS - *Observation et Expérience chez les Médecins de la Collection Hippocratique*, Paris, J. Vrin, 1953.

BUBER, MARTIN - *Je et Tu*, (trad. G. Bianquis), Paris, Aubier, 1992.

BYL, SIMON (dir.) – *Hippocrate et sa postérité*, in *Revue de Philosophie Ancienne* n°2, Bruxelles, Éditions OUSIA, 2001.

CANTÚ, HERNAN SALINAS - *Historia y Filosofía Medica*, México, McGraw-Hill Interamericana, 1998.

CARELLA, MICHAEL JEROME - *Matter, Morals and Medicine: The Ancient Greeks Origins of Science, Ethics and the Medical Profession*, American University Studies. Series V, Philosophy, Peter Lang Publishing, 1990.

CASTIGLIONI, A. - *Histoire de la Médecine*, trad. J. Bertrand et F. Gidon, Paris, Payot, 1931.

DESAUTELS, JACQUES – *L'image du monde selon Hippocrate*, Québec, Université Laval, 1982.

EDELSTEIN, J. E.; EDELSTEIN, L.; FERNGREN, G. - *Asclepius: Collection and Interpretation of the Testemonies*, V. I, II, Baltimore, Johns Hopkins University Press, 1998.

CANGUILLEM, GEORGES - *Le normal et le pathologique*, Paris, PUF, 1966.

FESTUGIÈRE, A.J. - *Hippocrate, l'Ancienne Médecine*, Paris, Klincksieck, 1948.

FOLSCHEID, D.; MINTIER, B.; MATTÉI, J.-F. - *Philosophie, éthique et droit de la médecine*, Paris, PUF, 1997.

GADAMER, HANS-GEORG - *O Mistério da Saúde: o cuidado da saúde e a arte da medicina*, trad. António Hall, Lisboa, Ed.70, 1997.

GALIEN - "Des sectes pour les débutants. Esquisse empirique de l'expérience médicale", (trad. P. Pellegrin; C. Dalimier; J. P. Levet), in *Traité philosophiques et logiques*, GF, 1998.

GOUREVITCH, DANIELLE (édition préparé par) - *Maladie et Maladies: histoire et conceptualisation*. Mélanges en L'Homme de Mirko Grmek, Genève, Librairie Droz

S.A., 1992.

GOUREVITCH, DANIELLE – *Le Triangle Hippocratique dans le Monde Gréco-Roman : le maladie, sa maladie et son médecin*, Paris-Rome, 1984.

GRMEK, MIRKO D. (édition préparée par) - *Hippocratica: Actes du Colloque hippocratique de Paris, (4-9 septembre 1978)*, Paris, Éditions du C.N.R.S, 1980.

GRMEK, MIRKO D.(sous la direction de) - *Histoire de la pensée médicale en Occident I, Antiquité et Moyen Âge*, trad. M. L. Bardinet Broso, Paris, Seuil, 1995.

GRMEK, MIRKO - *Les maladies à l'aube de la civilisation occidentale*, Paris, Payot, 1983.

HOERNI, BERNARD - *Histoire de l'examen clinique d'Hippocrate à nos jours*, Imother/Malone, Paris, 1996.

HOERNI, B. - *Éthique et déontologie médicale*, Paris, Masson, 2000.

KALOPHTAKES, M. D. – *An essay on Hippocrates*, Scholarly Publishing Office, University of Michigan, 2005.

KING, HELEN - *Greek and Roman medicine*, London, Bristol Classic Press, 2201.

KLIPPEL , MAURICE – *La médecine grecque dans ses rapports avec la philosophie*, Paris Éditions Hippocrate, 1937.

KUHSE, HELGA; SINGER, PETER - *A Companion to Bioethics*, Oxford, Blackwell, 1998.

JASPERS, KARL - *O Médico na Era da Técnica* - trad. João T. Proença, Lisboa, Edições 70, 1998.

JOLY, FRANÇOIS - *Hippocrate*, Paris, Gallimard, 1964.

JOLY, ROBERT - "Platon et la médecine", in *Bulletin de l'Association Guillaume Budé*, Lettres d'humanité, 20, Paris, 1961.

JOLY, ROBERT - *Hippocrate - médecine grecque*, Paris, Gallimard, 1964.

JOLY, ROBERT - *Le niveau de la science hippocratique. Contribution à la psychologie de l'Histoire des Sciences*, Paris, Les Belles Lettres, 1966.

JONAS, HANS - *Ética, medicina e técnica*, trad. F. A. Cascais, Lisboa, Vega, 1994.

JONES, W. H. S. - *The Medical Writings of Anonymus Londensis*, Cambridge, Cambridge University Press, 1947.

JOUANNA, JACQUES - *Hippocrate et L'École de Cnide*, Paris, Les Belles Lettres, 1974.

JOUANNA, JACQUES - "Hippocrate et la santé", in *Cahiers du séminaire de philosophie de Strasbourg III*, Strasbourg, 1988.

JOUANNA, JACQUES - *Hippocrate*, Paris, Librairie Arthème Fayard, 1992.

LASSERE, F. ; MUDRY, PH. (ed.) - *Formes de pensée dans la Collection Hippocratique*, Actes du Colloque Hippocratique de Lausanne (1981), Genève, 1983.

LE GOFF, JACQUES – *Les Maladies ont une Histoire*, Paris, Éditions du Seuil, 1985.

LICHTENTHAELER, CHARLES - *La Médecine hippocratique I*, Lausanne, Gonin

LONGRIGG, JAMES - *Greek Rational Medicine. Philosophy and medicine from Alcmaeon to the Alexandrians*, London, Routledge, 1993.

LONGRIGG, JAMES – *Greek Medecine: from the Heroic to the Hellenistic Age*, London, Dckworth, 1998.

MALHERBE, JEAN-FRANÇOIS - *Pour une éthique de la médecine*, Bruxelles, Ciaco, 1990.

MEYER, PHILIPPE; TRIADOU, PATRICK - *Leçons d'histoire de la pensée médicale*, Paris, Éditions Odile/Jacob, 1996.

MOON, ROBERT – *Hippocrates and his successors in relation to the philosophy of their time*, Ams Pr Publishing, 1940.

PINAULT, JODY RUBIN – *Hippocratic lives and legends: studies in ancient medicine*, Leiden, Brill, 1992.

PIO ABREU, JOSÉ LUÍS - *Comunicação e Medicina*, Coimbra, Editora Virtualidade, 1998.

POHLENZ, W. – *Hippokrates und die Begrund der Wissenschaftlicheen Medizini*, Berlin, 1938.

PORÉE, JERÔME - "Mal, souffrance, douleur" in *Dictionnaire d'éthique et de philosophie morale*, Paris, PUF, 1996.

PORÉE, JERÔME - *Le mal, homme coupable, homme souffrant*, Paris, Armand Colin, 2000.

RAMEIX, SUZANNE - *Fondements philosophiques de l'éthique médicale*, Paris, Ellipses, 1996.

SMITH, WESLEY – *The Hippocratic Tradition*, Ithaca/London, Cornell University Press, 1979.

□ SOARES, M. L. COUTO (org. e coord.)- *Hipócrates e a Arte da Medicina*, Lisboa, Colibri, 1999.

SOUSA, A. TAVARES - *Curso de história da medicina - das origens aos fins do século XVI*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1981.

SOUZA MELO, JOSÉ MARIA de (editor) - *A Medicina e a sua História*, Rio de Janeiro, Editora de Publicações Científicas Ltd., 1989.

TEMKIN, O.; TEMKIN, LILIAN – *Ancient Medecine, Selected Papers of Ludwig Edelstein*, Baltimore, The John Hopknis University Press, 1987.

TUBIANA, MAURICE - *Histoire de la pensée médicale. Les chemins d'Esculape*, Paris, Flammarion, 1995.

VAZ PINTO, MARIA JOSÉ - "A autodelimitação da medicina hipocrática no plano inaugural das ciências humanas" in *Revista da F.C.S.H - U.N.L.*, 11, Lisboa, Edições Colibri, 1998.

VAZ PINTO, MARIA JOSÉ - "A arte médica como cura da doença e recuperação da saúde" in *Hipócrates e a Arte da Medicina*, Lisboa, Colibri, 1999.

VITRAC, BERNARD - *Médecine et philosophie au temps d'Hippocrate*, Saint-Denis, Press Universitaires de Vincennes, 1989.

VOELKE, A. J. - *La philosophie comme thérapie de l'âme*, Paris, Éditions du Cerf, 1993.

AA. VV. - *Antiquité Classique: D'Hippocrate à Alcuin*, Limoges, Presses Universitaires de Limoges, 1985.

AA. VV. - *La médecine grecque*, Paris, Éd. Dacosta, s/d.

SOFISTAS

ALGUMAS EDIÇÕES DOS FRAGMENTOS DOS

SOFISTAS

ADORNO, F., A. CARLINI, F. DECLEVA CAIZZI, M. SERENA FUNGHI, D. MANETTI, D., M. MANFREDI, F. MONTANARI, - *Corpus dei papiri filosofici greci e latini. Testi e lessico nei papiri di cultura greca e latina*. Parte I: Autori Noti. Vol.1, Firenze, Leo S. Olschki Editore, MCMLXXXIX.

BELLIDO, ANTONIO MELLERO (ed.) - *Sofistas. Testimonios y Fragmentos*, introducción, traducción y notas, Madrid, Editorial Gredos, 1996.

CAPIZZI, ANTONIO - *Protagora. Le Testimonianze e i Frammenti. La Vita, le Opere, il Pensiero e la Fortuna*, Firenze, G. C. Sansoni Editore, 1955.

CARDINI, MARIA TIMPANARO – “Antica Sofistica”, in AA. VV., ed., *I Presocratici, Testimonianze e Frammenti*, Bari, Editori Laterza, 1983.

DUESO, J. SOLANA (ed.) - *PROTÁGORAS de Abdera. Dissoi Logoi. Textos relativistas*, Madrid, Akal/Clásica, 1996.

DUMONT, J. – P. - *Les Sophistes. Fragments et Témoignages*, Paris, P. U. F., 1969.

SPRAGUE, ROSAMOND KENT (ed.) - *The Older Sophists: A Complete Translation (by several hands of the Fragments in Die Fragmente der Vorsokratiken edited by*

Diels-Kranz, with a new edition of Antiphon and of Euthydemus), Columbia, University of South Carolina Press, 1990.

UNTERSTEINER, MARIO - *Sofisti. Testimonianze e frammenti*, Florenza, La Nuova Italia Editrice, 1961.

VAZ PINTO, MARIA JOSÉ – *Sofistas. Testemunhos e Fragmentos*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005.

ALGUNS ESTUDOS SOBRE OS SOFISTAS

BARRET, HAROLD - *The Sophists. Rhetoric, Democracy and Plato's Idea of Sophistry*, California, Chandler and Sharp, 1987.

BIGNONE, ETTORE - *Studi sul Pensiero Antico*, Roma, L'Erma di Bretschneider, 1965

BIZZELL, PATRICIA; HERZBEY, BRUCE - *The Rhetorical Tradition: from Classical Times to the Present*, Boston, Bedford Books, 1990.

BOLLACK, JEAN - *Les Sophistes dans Athènes au temps de Périclès*, Paris, Réalités, 1965.

CAMPS, VICTORIA - *Ética, Retórica, Política*, Madrid, Alianza Editorial, 1990.

CASERTANO, GIOVANNI - *Natura e Istituzioni Umane nelle Dottrine dei Sofisti*, Napoli-Firenze, Il Tripode, 1971.

CASERTANO, GIOVANNI - *Il Protagora di Platone: struttura e problematiche*, Napoli, Loffredo Editore, 2004.

CASSIN, BARBARA (sous la direction de) - *Le plaisir de parler*, Paris, Les Éditions de Minuit, 1968.

CASSIN, BARBARA (ed. par) - *Positions de la Sophistique*, Paris, J. Vrin, 1986.

CASSIN, BARBARA - *L'effet sophistique*, Paris, Gallimard, 1995.

CASSIN, BARBARA; NARCY, MICHEL - *La Décision du Sens. Le livre "Gamma" de la "Métaphysique" d'Aristote*. Introduction, texte, traduction et commentaire, Paris, J. Vrin, 1989.

CHERWITZ, RICHARD A. (ed. by) - *Rhetoric and Philosophy*, Hillsdale, Lawrence Erlbaum Associates, 1990.

CLASSEN, CARL JOACHIM - "Aristotle's picture of the Sophists", in *The Sophists and their legacy*, Wiesbaden, Franz Steiner Verlag GMBH, 1981.

CLASSEN, CARL JOACHIM - *Sophistik*, Darmstadt, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1976.

COBY, PATRICK - *Socrates and the Sophistic Enlightenment. A commentary on Plato's Protagoras*, London, Bucknell University Press, 1987.

DUPRÉEL, E. - *Les Sophistes*, Neuchatel, Editions du Griffon, 1948

ERICKSON, KEITH V. - *Plato: true and sophistic rhetoric*, Amsterdam, Ed. Rodopi, 1979.

GAGARIN, MICHAEL; WOODRUFF, PAUL - *Early Greek Political Thought from Homer to the Sophists*, Cambridge, Cambridge University Press, 1995.

GLEASON, MAUD W. - *Making Men: Sophists and Self-Presentation in Ancient Rome*, Princeton, Princeton University Press, 1995.

GOMPERZ, H. - *Sophistik und Rhetoric*, Leipzig/Berlin, 1912.

GUTHRIE, W. K. C. - *The Sophists*, Cambridge, Cambridge University Press, 1971.

GRAÇA, JOSÉ A. C. RIBEIRO - *Justiça e Concórdia em Protágoras e Platão* (prefácio de Gilbert Romeyer Dherbey), Porto, Porto Editora, 2004.

GRATRY, A. - *Les sophistes et la critique*, Paris, Douniol et Lecoffre, 1864.

INNES, DOREEN; HINE, HARRY - *Ethics and Rhetoric. Classical Essays for Donald Russel on his Seventy-Fifth Birthay*, Oxford, 1995.

ISNARDI-PARENTE, MARGHERITA - *Sofistica e democrazia*, Firenze, Sansoni, 1977.

JARRAT, SUSAN C. - *Rereading the Sophists. Classical Rhetoric Refigured*, Illinois,

Southern Illinois University Press, 1991.

JARRETT, JAMES L. - *The Educational Theories of the Sophists*, New York, Teachers College Press of Columbia University, 1969.

JESSELING, SAMUEL - "Rhétoric et Philosophie. Platon et les Sophistes, ou la tradition métaphysique et la tradition rhétorique", in *Archives de Philosophie*, T. 39, C. I, Paris, 1976.

KAHN, CHARLES H. - "The Origins of Social Contract Theory in the fifth Century B.C.", in *The Sophists and their legacy*, Wiesbaden, Franz Steiner Verlag GMBH, 1981.

KENNEDY, GEORGE - *The Art of Persuasion in Greece*, Princeton, Princeton University Press, 1963.

KERFERD, G. B. (edited by) - *The Sophists and their legacy*, Wiesbaden, Franz Steiner Verlag GMBH, 1981.

KERFERD, G. B. - "The Future Direction of Sophistic Studies", in *The Sophists and their legacy*, Wiesbaden, Franz Steiner Verlag GMBH, 1981.

KERFERD, G. B. - *The Sophistic Movement*, Cambridge, Cambridge University Press, 1981.

KETCHUM, RICHARD J. - Plato's Refutation of Protagorean Relativism: Theaetetus 170-171, Oxford, *Oxford Studies in Greek Philosophy*, Vol. X, 1992.

LAMY, BERNARD - *La rhétorique ou l'art de parler*, Paris, P.U.F., 1998.

LANA, ITALO - *Protagora*, Torino, Università di Torino, 1950.

LANZA, DIEGO - *Lingua e discorso nell'Atene delle professioni*, Napoli, Liguori Editore, 1979.

LEVI, A.J. - *Storia della Sofistica*, Napoles, Morano Editore, 1966.

LOENEN, D. - *Protagoras and the Greek Community*, Amsterdam, N.V. Noord-Hollandsche Uitgevers Moatschappij, 1940.

MAILLOUX, STEVEN - *Rhetoric, sophistry, pragmatism*, Cambridge, Cambridge University Press, 1995.

MARBACK, RICHARD; BENSON W. THOMAS (ed.) - *Plato's Dream of Sophistry. Studies in Rhetoric/Communication*, Columbia, University of South Carolina Press, 1999.

MICHELSTAEDTER, CARLO - *La persuasione e la rettorica*, Milano, Adelphi Edizioni, 1992.

NARCY, MICHEL - "Le contrat social: d'un mythe moderne à l'ancienne sophistique" in *Philosophie*, nº 28, Paris, Les Editions de Minuit, 1990.

NEUMAN, ALFRED - "Die Problematik des Homo-mensura Satzes", in *Sophistik*, herausgegeben von Carl Joachim Classen, Darmstadt, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1976.

NOGUEIRA, ADRIANA FREIRE - "A Sofística e a Educação Ateniense no século V a.C.", (*Clássica. Boletim de Pedagogia e Cultura*), Lisboa, Edições Colibri, 1999.

PIÉTRA, RÉGINE - "Les sophistes, nos contemporains", in *Revue de Métaphysique et de Morale*, Paris, Armand Colin, 1972.

POULAKOS, JOHN - *Sophistical Rhetoric in Classic Greece*, University of Caroline Press, 1995.

POULAKOS, TAKIS - *Speaking for the Polis: Isocrates' Rhetorical Education*, Columbia, University of South Carolina Press, 1997

RAMNOUX, C. - "Nouvelle réhabilitation des Sophistes", in *Revue de Métaphysique et de Morale*, Paris, Armand Colin, 1968.

RANKIN, H. D. - "Ouk Estin Antilegein" in *The Sophists and their legacy*, Wiesbaden, Franz Steiner Verlag GMBH, 1981.

RANKIN, H. D. - *Sophists, Socratics and Cynics*, London, Croom Helm, 1983.

REDING, JEAN-PAUL - *Les fondements philosophiques de la rhétorique chez les sophistes grecs et chez les sophistes chinois*, Berne, Editions Peter Lang SA, 1985.

RIBEIRO GRAÇA, J.A.C. - "Antifonte e o Movimento Sofista" in separata da *Revista da F.L.U.P.*, Série de Filosofia, 2ª Série, Porto, 1994.

ROMEYER DHERBEY, G. - *Les Sophistes*, Paris, 3e. éd., PUF, 1993.

ROMEYER DHERBEY, G. - "Platon contre les sophistes", in *Filosofia Oggi*, Ano X, n° 3, Luglio, 1987.

ROMEYER DHERBEY, G. - "Protagoras" in *Dictionnaire Des Philosophes*, Paris, PUF, 1984.

ROMEYER DHERBEY, G. - "Antiphon, le Sophiste" in *Dictionnaire Des Philosophes*, Paris, PUF, 1984.

ROMEYER DHERBEY, G. - "Protagoras", in *Le Savoir Grec*, Paris, Flammarion, 1996.

ROMEYER DHERBEY, G. - "Cosmologie et Politique chez Antiphon", in *Bulletin de la Société Française de Philosophie*, 89 Année, n°4, Paris, Armand Colin, 1995.

ROMILLY, JACQUELINE DE - "La naissance des sciences humaines au V siècle avant J.-C." in *Diogène*, n° 144, 1988.

ROMILLY, JACQUELINE DE - *Les Grands Sophistes dans l'Athènes de Périclès*, Paris, Ed. de Fallois, 1988.

RUFINO, SALVADOR RUS - "La Sofística Griega: contexto filosófico e histórico" in *Revista Augustiniana*, V. 27, n° 84, 1986.

SCHIAPPA, EDWARD - *Protagoras and Logos. A Study in Greek Philosophy and Rhetoric*, Columbia, University of South Carolina Press, 1991.

SCHIAPPA, EDWARD - *The Beginnings of Rhetorical Theory in Classical Greece*, New Haven, Yale University Press, 1999.

SINCLAIR, THOMAS ALAN - "Protagoras and Others. Socrates and his Opponents", in *Sophistik*, herausgegeben von Carl Joachim Classen, Darmstadt, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1976.

TOMÁS, CALVO MARTÍNEZ - *De los sofistas a Platón: política y pensamiento*, Ediciones Pedagógicas, 1995.

TORDESILLAS, ALONSO - "L'instance temporelle dans l'argumentation de la première et de la seconde sophistique: la notion de kairós" in *Le plaisir de parler*, (sous la direction de Barbara Cassin), Paris, Les Éditions de Minuit, 1986.

TORDESILLAS, ALONSO - "Kairos Dialectique, Kairos Rhétorique" in *Proceedings of the Symposium Platonicum*, Mexico City, 1986..

TREDÉ, M. - *Kairos. L'à-propos et l'occasion*, Paris, Klincksieck, 1992.

UNTERSTEINER, MARIO - *I Sofisti*, I - II vols., Milan, Lampugnani, 1967.

UNTERSTEINER, MARIO - *The Sophists*, (translated from the italian by Katheleen Freeman), New York, Philosophical Library, 1954.

UNTERSTEINER, MARIO - *Les Sophistes*, I - II vols., préf. G. Romeyer Dherbey, trad. Alonso Tordesillas, Paris, Librairie J. Vrin, 1993.

VAZ PINTO, MARIA JOSÉ - "Actualidade da Sofística" in *Filosofia*, Nº 2, Lisboa, 1985.

VAZ PINTO, MARIA JOSÉ - "Algumas considerações em torno da razão sofística" in *Dinâmica do Pensar*. Homenagem a Oswaldo Market, Lisboa, FLUL, Departamento de Filosofia, 1991.

VAZ PINTO, MARIA JOSÉ - "A □ Medida das Coisas □ entre o Homem e Deus. Algumas reflexões sobre o frag.1 de Protágoras" in *Revista da F.C.S.H. - U.N.L.*, 8, Lisboa, 1995.

VAZ PINTO, MARIA JOSÉ - "A actualidade da razão sofística na invenção do presente" in *Revista da F.C.S.H - U.N.L.*, 9, Lisboa, Edições Colibri, 1996.

VAZ PINTO, MARIA JOSÉ - *A Doutrina do Logos na Sofística*, Lisboa, Edições Colibri, 2000.

VAZ PINTO, MARIA JOSÉ – “A aprendizagem da correcção dos nomes como princípio de toda a educação: considerações sobre a “diairesis” de Pródico”, in *Edições Colibri*, Lisboa, 2001.

VAZ PINTO, MARIA JOSÉ – “Os diferentes usos dos duplos discursos”, in *Cadernos de Filosofia IX-X*, Lisboa, Edições Colibri, 2001.

VERDENIUS, W. J. - "Gorgias' Doctrine of Deception", in *The Sophists and their legacy*, Wiesbaden, Franz Steiner Verlag GMBH, 1981.

VERSENYI, LAZLO - "Protagoras' Man-Measure Fragment" in *Sophistik*,

herausgegeben von Carl Joachim Classen, Darmstadt, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1976.

VLASTOS, GREGORY - "Protagoras", in *Sophistik*, herausgegeben von Carl Joachim Classen, Darmstadt, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1976.

ZEPPI, STELIO - *Protagora e la filosofia del suo tempo*, Firenze, 1961.

WORTHINGTON, IAN (edited by) - *Persuasion: greek rhetoric in action*, London, Routledge, 1994.

ALGUNS ESTUDOS SOBRE SÓCRATES

ADORNO, FRANCESCO – *Introduzione a Socrate*, Bari-Roma, Laterza, 2004.

ALEGRE, A. - *La sofística y Sócrates*, Barcelona, Montesinos, 1986.

ALLEN, R. E. - *Socrates and legal obligation*, Minneapolis, University of Minnesota Press, 1999.

BANFI, A (a cura di) – *Socrate*, Garzanti, Milano, 1944.

BAUDART, ANNE – *Socrate et le socratisme*, Paris, Armand Colin, 1999.

BENSON, HUGH H. (ed.) – *Essays on the philosophy of Sócrates*, New York, Oxford University Press, 1992.

BLUM, A. F. – *Sokrates. The Original and its Image*, London, Routledge and Kegan Paul, 1978.

BONNARD, ANDRÉ – *Socrate selon Platon*, Paris, L'Aire, 1996.

BRICKHOUSE, C.; SMITH, N. – *Socrates on Trial*, New Jersey, Princeton University Press, 1990.

BONNARD, ANDRÉ - *Socrate selon Platon*, Paris, Mermod, 1945.

BRUN, JEAN - *Socrate*, Paris, P.U.F., 1982.

- CALLOT, E. – *La doctrine de Socrate*, Paris, Rivière, 1970.**
- CHROUST, ANTON - HERMANN – *Socrates man and myth: the two Socratic apologies of Xenophon*, London, Routledge and Kegan Paul, 1957.**
- CLASSEN, CARL JOACHIM - "The Study of Language amongst Socrates'Contemporaries", in *Sophistik*, herausgegeben von Carl Joachim Classen, Darmstadt, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1976.**
- COBY, PATRICK - *Socrates and the Sophistic Enlightenment. A commentary on Plato's Protagoras*, London, Bucknell Univerty Press, 1987.**
- DORION, LOUIS A. – *Socrate*, Paris, PUF, 2004.**
- FESTUGIÈRE, A. J. – *Socrate*, Paris, Éditions du Fuseau, 1966.**
- GRIMALDI, NICOLAS – *Socrate, le sorcier*, Paris, PUF, 2004.**
- GROTE, G. – *Plato and the other Companions of Sokrates*, London, 1865.**
- GUTHRIE, W. K. C. – *Socrates*, Cambridge, Cambridge University Press, 1992.**
- HACK, ROY KENNETH – *God in Greek Philosophy to the Time of Socrates*, New Jersey, Princeton University Press, 1937.**
- HUISMAN, DENIS - *Socrate*, Paris, Flammarion/Pygmalion, 2003.**
- KRAUT, RICHARD – *Socrate and the State*, New Jersey, Princeton University Press, 1987.**
- LAMI, GIAN FRANCO – *Socrate, Platone, Aristotele. Una filosofia della Polis da Politeia a Politika*, Soveria Mannelli, Rubbettino, 2005.**
- LEO STRAUSS - *Socrate et Aristophane*, traduction Olivier Sedeyn, Paris, Éditions l'Éclat, 1993.**
- MAGALHÃES-VILHENA, VASCO - *O Problema de Sócrates. O Sócrates Histórico e o Sócrates de Platão*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1984.**
- MAGALHÃES-VILHENA, VASCO - *Platão e a lenda Socrática: a idealização de Sócrates e o utopismo político de Platão*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1998.**
- MAZEL, JACQUES – *Socrate*, Paris, Fayard, 1994.**

- McPHERRAN, MARK L. - *The Religion of Socrates*, Pennsylvania, The Pennsylvania State University Press, 1996.
- MONDOLFO, RODOLFO – *Sócrates*, Buenos Aires, Editorial Universitaria de Buenos Aires, 1960.
- MONTUORI, M. – *Socrate. Fisiologia di un mito*, Firenze, Sansoni, 1974.
- MOSSÉ, CLAUDE - *Le Procès de Socrate*, Paris, Éditions Complexe, 1996.
- NEBEL, G. – *Sokrates*, Stuttgart, Klett, 1969.
- NEHAMAS, ALEXANDER – *Virtues of Authenticity: Essays on Plato and Socrates*, New Jersey, Princeton University Press, 1988.
- REICHEL, OSWALD – *Socrates and the Socratic schools*, New York, Russel and Russel, 1962.
- ROMANO, GUARDINI – *Socrate e Platone*, Roma, Morcelliana, 2006.
- ROMEYER DHERBEY, GILBERT (sous la dir. de) – *Socrate et les socratiques*, Paris, J. Vrin, 2001.
- SAUVAGE, MICHELINE – *Socrate et la conscience de l'homme*, Paris, Éditions du Seuil, 1965.
- STONE, I.F. - *The Trial of Socrates*, London, Jonatham Cape, 1988.
- STRAUSS, LÉO – *Socrate et Aristophane* (traduction de Olivier Sedeyn), Paris, L'Éclat, 1993.
- TAYLOR, ALFRED EDWARD - *Socrates*, Garden City, N.Y., Doubleday, 1954.
- TAYLOR, C. C.; BARNES, JONATHAN; HARE, R. M. – *Greek Philosophers: Socrates, Plato, Aristotle*, Oxford University Press, 2001.
- IRWIN, TERENCE – *Socrates and his contemporaries*, New York, Garland Publishing, 1995.
- VALLÉE, CATHERINE - *Hannah Arendet: Socrate et la question du totalitarism*, Paris, Ellipses/Editions Marketing, 1999.
- VILLA, DANA – *Socratic Citizenship*, New Jersey, Princeton University Press, 2001
- VLASTOS, GREGORY (edited by Daniel W. Graham) - *Studies in Greek Philosophy*.

Socrates, Plato and their tradition, New Jersey, Princeton University Press, 1996.

VLASTOS, GREGORY – *The philosophy of Socrates: collection of critical essays*, Indiana, University of Notre Dame Press, 1980.

VLASTOS, GREGORY – *Socratic Studies*, New York, Cambridge University Press, 1994.

WOLFF, FRANCIS – *Socrate*, Paris, PUF, 1987.

ZELLER, E. - *Sócrates y los sofistas*, trad. J. Rovira Armengol, Buenos Aires, Ed. Nova Imp., 1955.

ZEPPI, STELIO - *Studi sul pensiero dell'età sofistico-socratica*, Roma, Edizione dell'Ateneo & Bizzarri, 1977.

PLATÃO

ALGUMAS EDIÇÕES DAS OBRAS COMPLETAS

DE PLATÃO

ALLEN, R. E. - *Studies in Plato's Metaphysics*, London, Routledge & Kegan Paul, 1965.

BELLUCI, FAGGIONATO FIORELLA – *Platone. Dai Dialoghi dialettici al Timeo. Dalla bellezza alla conoscenza*, Padova, Vincenzo Grasson Editore, 2006.

BURNET, JOHN (ed.) - *Platonis Opera 5 vols.*, Oxford, Oxford Clarendon Press, 1900-1909.

CHAMBRY/BACCOU – *OEuvres de Platon 8 vols.*, Paris, Garnier, 1935-1939.

CHAMBRY, ÉMILE (texte établi et trad. par ; introd. A. Diés) – *Platon. Œuvres complètes*, Paris, Les Belles Lettres, 1947.

FICINI, MARSILI (translatione) – *Omnia divini platonis opera*, Universidad de Valencia, obras del siglo XVI, 1995.

HAMILTON, EDITH/CAIRNS, HUNTINGTON (ed.) – *The Collected Dialogues of Plato, including the Letters*, New York, Pantheon Books, 1961.

PLATO in twelve volumes - Cambridge, Massachusetts Harvard University Press, William Heinemann Ltd.

ROBIN, L./MOREAU, J. – *Œuvres Complètes de Platon* 2 vols., Paris, Gallimard, 1950.

Œuvres Complètes de Platon – Paris, Guillaume Budé, Les Belles Lettres, 1921-1964.

Platonis Opera, Universidad Valencia, obras del siglo XVI, 1996.

SIVERO, MAURO (ed.) – *Plato – Concordantiae in Platones opera omnia* 8 vols., Olms, Georg Verlag AG/ Lubrecht and Cramer, Ltd, 1978- 1997.

AA. VV. – *Plato* 12 vols., Cambridge, Massachusets, Loeb Classical Library, s/d.

AA. VV. – *Platone, Opere Complete* 9 vols., Bari, Biblioteca Universale Laterza, 2000-2004.

AA. VV. – *Platon. Oeuvres completes* 14 vols., Paris, Collection des Universités de France, Les Belles Lettres, 1920-1924.

ALGUNS ESTUDOS SOBRE PLATÃO

ALAIN - *Idées: Platon, Descartes, Hegel*, Paris, Hartmann, 1932.

ALLEN, R. E. (ed.) – *Studies in Plato's Metaphysics*, London, Routledge and Kegan Paul, 1965.

ALLEYNE, SARAH FRANCES – *Plato and the older Academy*, New York, Russel and Russel, 1962.

ALEXANDRE, M. – *Lecture de Platon*, Paris, Bordas, 1966.

AMATO, PIERANDREA – *Antigone e Platone. La «biopolítica» nel pensiero antico*, Milano, Mimesis, 2006.

ANASTAPLO, GEORGE – *The thinker as artist : from Homer to Plato and Aristotle*, Athens, Ohio University Press, 1997.

ANNAS, JULIA - "Platon, le sceptic", in *Revue de Métaphisique et de Morale*, Paris, Armand Colin, 1990, pp. 267-291.

ANNAS, JULIA - *Introduction à la République de Platon*, Paris, P.U.F., 1994.

ASHBAUGH, A. - *Plato's Theory of Explanation*, Albany N.Y., 1988.

AZEVEDO, MARIA TERESA SCHIAPPA DE - "*Eros e Hieros Gamos na República e nas Leis*", *Actas Colóquio Eros e Philia na Cultura Grega*, Lisboa, Centro de Estudos Clássicos, 1995, pp. 169-176.

BALABAN, ODED – *Plato and Protagoras: true and relativism in ancient greek philosophy*, Lanhan, Lexington Books, 1999.

BALLARD, EDWARD – *Socratic ignorance: an essay on platonic self-knowledge*, The Hague, Martinus Nijhoff, 1965.

BARNES, JONATHAN - "Le soleil de Platon vu avec des lunettes analytiques", in *Rue Descartes I*, Paris, Éditions Albin Michel, 1991, pp. 81-92.

BERNHARDT, JEAN – *Platon et le matérialisme ancien : la théorie de l'âme-harmonie dans la philosophie de Platon*, Paris, Payot, 1971.

- BLACKSON, THOMAS – *Inquiry, Forms and Substances. A study in Plato's metaphysics and epistemology*, Philadelphia, Temple University, 1995.
- BOUTOT, ALAIN – *Heidegger et Platon*, Paris, PUF, 1987.
- BRAGUE, REMI – *Du temps chez Platon et Aristote*, Paris, Quadrige, 2003.
- BRANDWOOD, LEONARD - *The Chronology of Plato's Dialogues*, Cambridge, Cambridge University Press, 1990.
- BRISSON, LUC; PRADEAU, JEAN-FRANÇOIS - *Le Vocabulaire de Platon*, Paris, Ellipses, 1998.
- BRISSON, LUC - *Lectures de Platon*, Paris, J. Vrin, 2000.
- BRISSON, LUC – *Platon, les mots et les mythes. Comment et pourquoi Platon nomma le myth ?*, Paris, La Découverte, 1982.
- BRUN, JEAN - *Platon et l'Académie*, Paris, P.U.F., 1960.
- CAMBIANO, GIUSEPPE – *Platone e le tecniche*, Torino, Piccola Biblioteca Einaudi, 1971.
- CASERTANO, GIOVANNI - *L'éterna malattia del discorso: quattro studi su Platone*, Napoli, Liguori, 1991.
- CASERTANO, GIOVANNI - *Il Protagora di Platone: struttura e problematiche*, Napoli, Loffredo Editore, 2204.
- CASTORIADIS, CORNELIUS - *Sur le "Politique" de Platon*, Paris, Éditions du Seuil, 1999.
- CATAUDELLA, QUINTINO – *Platone orale*, Milano, L. Internationales, 2009.
- CHAPPELL, TIM - *The Plato Reader*, Edinburgh, Edinburgh University Press Ltd., 1996.
- CHAPPELL, TIM – *The Plato reader*, Edinburgh, Edinburgh University Press, 1996.
- CHERNISS, HAROLD - *The Riddle of the Early Academy*, New York/London, Garland Pub., 1980.
- CLAY, DISKIN – *Platonic questions: dialogues with the silent philosopher*, Pennsylvania, Renn State University Press, 2000.

COBY, PATRICK - *Socrates and the Sophistic Enlightenment. A commentary on Plato's Protagoras*, London, Bucknell University Press, 1987.

CORNFORD, F. M. - "Mathematics and Dialectic in the *Republic*" VI-VII", in *Studies in Plato's Metaphysics*, edited by R. E. Allen, London, Routledge & Kegan Paul, 1965.

CORNFORD, F. M. – *Plato and Parmenides*, London, Routledge and Kegan Paul, 1980.

CORNFORD, F. M. – *Plato's Theory of Knowledge*, London, Routledge and Kegan Paul, 1979.

CROMBIE, I. M. - *An Examination of Plato's Doctrines I-II*, London, Routledge and Kegan Paul, 1963.

DESCLOS, MARIE-LAUREN – *Aux marges des dialogues de Platon*, Grenoble, Jérôme Millon, 2003.

DESCOMBES, VINCENT - *Le Platonisme*, Paris, P.U.F., 1971.

DIÈS, A. - *Autour de Platon*, I-II vol., Paris, Beauchesne, 1927.

DIÈS, A. – *La définition de l'Être et la nature des Idées dans le Sophiste de Platon*, Paris, J. Vrin, 1963.

DIXSAUT, MONIQUE - *Métamorphoses de la dialectique dans les dialogues de Platon*, Paris, J. Vrin, 2001.

DIXSAUT, MONIQUE (sous la dir. de) – *Platon : source des présocratiques*, Paris, J. Vrin, 2001.

DIXSAUT, MONIQUE – *Platon et la question de la pensée*, Paris, J. Vrin, 2002.

DIXSAUT, MONIQUE – *Platon, le désir de comprendre*, Paris, J. Vrin, 2003.

DIXSAUT, MONIQUE – *Metamorphoses de la dialéctique dans les dialogues de Platon*, Paris, J. Vrin, 2002.

DIXSAUT, MONIQUE – *Le naturel philosophe. Essais sur les dialogues de Platon*, Paris, J. Vrin, 2002.

DROZ, GENEVIÈVE - *Les Mythes Platoniciens*, Paris, Éditions du Seuil, 1992.

DUHEM, PIERRE – *Sozien ta Phainomena. Sur la notion de théorie physique de Platon à Galilée*, Paris, J. Vrin, 2004.

EDMOND, MICHEL-PIERRE – *Le philosophe roi. Platon et la politique*, Payot-Rivages, 2006.

ELIAS, J. A. – *Plato's Defence of Poetry*, London, MacMillan Press, 1984.

ERICKSON, KEITH V. - *Plato: true and sophistic rhetoric*, Amsterdam, Ed. Rodopi, 1979.

FERRARI, G. R. F. – *City and soul in Plato's Republic*, Chicago, University of Chicago Press, 2005.

FICINO, MARSÍLIO - *Commentarium in Convivium Platonis, De Amore*, trad. Pierre Laurens, Paris, Les Belles Lettres, 2002.

FINE, GAIL – *Plato: metaphysics and epistemology*, Oxford, Oxford University Press, 1999.

FINE, GAIL – *Plato: ethics, politics, religion and the soul*, Oxford, Oxford University Press, 1999.

FREIRE, ANTÓNIO - *O Pensamento de Platão*, Braga, Livraria Cruz, 1967.

FRERE, JEAN – *Ardeur et Colère. Le thumos selon Platon*, Paris, Kimé, 2004.

FRIEDLÄNDER, PAUL - *Plato. The Dialogues*, London, Routledge & Kegan Paul, 1964.

FRIEDLÄNDER, PAUL – *Plato. An Introduction*, Princeton University Press, 1973.

FRONTEROTTA, FRANCESCO; LESZL, WALTER (a cura di) – *Eidos-Idea. Platone, Aristotele e la tradizione platonica*, Academia Verlag, International Plato Studies, 2005.

FRUTIGER, P. – *Les Mythes de Platon*, Paris, Alcan, 1930.

GADAMER, HANS-GEORG - *L'Idée du Bien comme enjeu platonico-aristotélicien*, trad. Pascal David et Dominique Saadjian, Paris, J.Vrin, 1994.

GADAMER, HANS-GEORG - *L'éthique dialectique de Platon*, trad. F. Varan et V. von Schenck, Paris, Actes Sud, 1994.

GADAMER, HANS-GEORG - "Platón y la cosmología presocrática" in *El inicio de la sabiduría*, trad. A. Gómez Ramos, Barcelona, Ediciones Paidós Ibérica, 2001, pp. 107-124.

GIANNANTONI, GABRIELE – *Dialogo socratico e nascita della dialettica nelle filosofia di Platone*, Napoli, Bibliopolis, 2005.

GOLDSCHMIDT, V. – *Le paradigme dans la dialectique platonicienne*, Paris, PUF, 1947.

GOLDSCHMIDT, V. – *La religion de Platon*, Paris, PUF, 1949.

GOLDSCHMIDT, V. – *Les dialogues de Platon*, Paris, J. Vrin, 1951.

GOLDSCHMIDT, V. - *Questions platoniciennes*, Paris, J. Vrin, 1970.

GOLDSCHMIDT, V. - *Platonisme et pensée contemporaine*, Paris, Aubier, 1970.

GRUBE, G. M. – *Plato's Thought*, London, The Athlone Press, 1980.

GUAL, C. GARCÍA (trad.) - *Platón: Mitos*, Madrid, Ediciones Siruela, 1998.

GUILLERMIT, LOUIS – *L'Enseignement de Platon I-II*, Paris, L'Éclat, 2001.

HALL, WILLIAM – *Plato and the individual*, Hague, Martinus Nijhoff, 1963.

HAVELOCK ERIC - *Preface to Plato*, Cambridge MA, Harvard University Press, 1963.

IRWIN, TERENCE - *Plato's Ethics*, Oxford, Oxford University Press, 1995.

IRWIN, TERENCE – *Plato's metaphysics and epistemology*, New York, Garland Publishing, 1995.

ISNARDI PARENTE, MARGHERITA – *Studi sull'Accademia platonica antica*, Firenze, Olschki, 1979.

JEANNIÈRE, A. - *Lire Platon*, Paris, Aubier, 1990.

JEANNIÈRE, A. - *Platon*, Paris, Éditions du Seuil, 1994.

JESSELING, SAMUEL - "Rhétoric et Philosophie. Platon et les Sophistes, ou la tradition métaphysique et la tradition rhétorique", in *Archives de Philosophie*, T. 39, C. I, Paris, 1976.

JOLIBERT, Bernard - *Platon. L'ascèse éducative et l'intérêt de l'âme*, Éditions

L'Harmattan, Paris, 1994.

JOLY, HENRI - *Le renversement platonicien (logos, episteme, polis)*, Paris, J. Vrin, 1994.

JOLY, ROBERT - "Platon et la médecine", in *Bulletin de l'Association Guillaume Budé*, Lettres d'humanité, 20, Paris, 1961.

KAHN, CHARLES H. – *Plato and the Socratic Dialogue : The Philosophical Use of a Literary Form*, Cambridge, Cambridge University Press, 1998

KERZBERG, P. - *Platon: la justice*, Paris, Presses Universitaires du mirail, 2002.

KOYRÉ, ALEXANDRE - *Galileu e Platão*, trad. J. Trindade Santos, Lisboa, Gradiva Publicações, s/d.

KOYRÉ, ALEXANDRE – *Introduction à la lecture de Platon*, Paris, Gallimard, 1945.

KRAUT, RICHARD (ed.) - *The defense of justice in Plato's Republic*, Cambridge, Cambridge University Press, 1993.

LABORDERIE, J. – *Le Dialogue platonicien de la maturité*, Paris, Les Belles Lettres, 1978.

LACHIEZE-REY, P. - *Les Idées morales, sociales et politiques de Platon*, Paris, J. Vrin, 1951.

LAURENT, JÉRÔME – *La Mesure de L'Être Humain selon Platon*, Paris, J. Vrin, 2002.

LAURENT, J. – *Les dieux de Platon*, Caen, Presses Universitaires de Caen, 2004.

LEVINSON, RONALD B. – *In Defence of Plato*, Cambridge/Massachusetts, 1953.

LOWES, DCKINSON – *Plato and his dialogues*, Middlesex, Penguin Books, 1947.

LUCA, MORI – *La giustizia e la forza. L'ombra di Platone e la storia della filosofia politica*, Pisa, ETS, 2005.

LUCCIONI, J. – *La Pensée politique de Platon*, Paris, PUF, 1958.

MARQUES, ANTÓNIO - "Sensação e Ciência no «Teeteto» de Platão", in *Estudos Filosóficos* Vol. 1, F.C.S.H. da U.N.L., Lisboa, 1982, pp. 33-50.

MATTÉI, JEAN-FRANÇOIS – *L'Étranger et le Simulacre*, Pris, PUF, 1983.

- MATTÉI, JEAN-FRANÇOIS - *Platon et le miroir du mythe*, Paris, PUF, 1996.
- MILHAUD, G. - *Les Philosophes Géomètres de la Grèce. Platon et ses prédécesseurs*, Paris, J. Vrin, 1934.
- MONIQUE, DIXSAUT ; BRANCACCI, ALDO (dir.) – *Platon, source des présocratiques*, Paris, J. Vrin, 2002.
- MONOSON, S. SARA – *Plato's democratic entanglements. Athenian and the practice of philosophy*, New Jersey, Princeton University Press, 2000.
- MOREAU, J. – *La construction de l'idéalisme platonicien*, Paris, Boivin, 1939.
- MOREAU, J. – *Réalisme et idéalisme chez Platon*, Paris, PUF, 1951.
- MOREAU, J. – *Le Sens du platonisme*, Paris, Les Belles Lettres, 1967.
- MORROW, G. R.; KAHN, C. - *Plato's Cretan City: A Historical Interpretation of the Laws*, Princeton, Princeton University Press, 1993.
- MOUSE, LÉTTIA – *Platon*, Paris, Hachette, 2001.
- MOUTSOPOULOS, EVANGHELOS - *La Musique dans l'oeuvre de Platon*, Paris, PUF, 1959.
- NARCY, MICHEL - *La Dialectique entre Platon et Aristote*, Aix-en-Provence, Cahiers du Centre d'études sur la pensée antique «kairos kai logos», 1997.
- NEHAMAS, ALEXANDER – *Virtues of Authenticity : Essays on Plato and Socrates*, New Jersey, Princeton University Press, 1988.
- OSTENFELD, E. N. – *Forms, Matter and Mind. Three strands in Plato's metaphysics*, Dordrecht, Martinus Nijhoff Publishers, 1982.
- PARAIN, BRICE – *Essai sur le logos platonicien*, Paris, Gallimard, 1942.
- PATER, W. A. – *Les Topiques d'Aristote et la Dialectique platonicienne. La Methodologie et la définition*, Fribourg (Suisse), Éditions St. Paul, 1965.
- PATOCHKA, JEAN - *Platon et l'Europe* (Séminaire prové du semestre d'été 1973), traduction Erika Abrams, Lagrasse, Verdier, 1983.
- PELLEGRIN, MARIE-FRÉDÉRIQUE - *Leçon sur le "Ménon" de Platon*, Paris, P.U.F., 1999.

PELLETIER, FRANCIS JEFFRY – *Parmenides, Plato and the Semantics of Not-Being*, Chicago/London, The University of Chicago Press, 1990.

PENEDOS, ÁLVARO - *O Pensamento Político de Platão*, Porto, Publicações da FLUP, 1977.

PIEPER, JOSEF - *Sobre los mitos platónicos*, trad. Claudio Gancho, Barcelona, Editorial Herder, 1984.

PRADEAU, JEAN-FRANÇOIS – *Platon et la cité*, Paris, PUF, 1997.

PRADEAU, JEAN-FRANÇOIS – *Platon. Les formes intelligibles*, Paris, PUF, 2001.

RAVEN, J. E. – *Plato's thought in the making: a study of a development of his metaphysics*, Cambridge, Cambridge University Press, 1965.

REALE, GIOVANNI - *Platone. Alla ricerca della sapienza segreta*, Milan, Rizzoli, 1998.

RICOUER, PAUL – *Platon et Aristote*, Strasbourg, Centre de Documentation Universitaire, 1954.

RICOUER, PAUL – *Etre, Essence et Substance chez Platon et Aristote (Cours professé à l'Université de Strasbourg en 1953-1954)*, Strasbourg, Centre de Documentation Universitaire, 1970.

ROBIN, LÉON – *La Théorie platonicienne des idées et des nombres d'après Aristote*, Paris, Alcan, 1908.

ROBIN, LÉON – *La Théorie platonicienne de l'amour*, Paris, Alcan, 1908.

ROBIN, LÉON - *Platon*, Paris, Alcan, 1935.

ROBIN, LÉON - *Les rapports de l'être et de la connaissance d'après Platon (Cours de Sorbonne 1932-1933)*, Paris, PUF, 1957.

ROBINSON, RICHARD – *Plato's Earlier Dialectic*, Oxford, Clarendon Press, 1984.

RODIER, G. – *Les Mathématiques et la dialectique dans l'œuvre de Platon*, Paris, J. Vrin, 1926.

ROGUE, CRISTOPHE - *Comprendre Platon*, Paris, Armand Colin, 2002.

ROLLAND DE RENEVILLE, J. - *L'un multiple et l'attribution chez Platon et les*

Sophistes, Paris, J. Vrin, 1962.

ROOCHINK, DAVID – *The Tragedy of Reason, Toward a Platonic Conception of Logos*, New York and London, Routledge, 1990.

ROOCHINK, DAVID - *Of Art And Wisdom. Plato's Understanding of Techne*, The Pennsylvania State University Press, 1996.

ROSS, DAVID – *Plato's theory of ideas*, Oxford, Clarendon Press, 1966.

RYLE, GILBERT – *Plato's progress*, Cambridge, Cambridge University Press, 1966.

SANTOS, JOSÉ TRINDADE - "Erro e Verdade nos Diálogos platónicos do 1º período: «Hípias Menor»", in *Estudos Filosóficos* Vol. 1, F.C.S.H. da U.N.L., Lisboa, 1982, pp. 9-31.

SANTOS, JOSÉ TRINDADE - "*Philia no Lísis*", *Actas Colóquio Eros e Philia na Cultura Grega*, Lisboa, Centro de Estudos Clássicos, 1995, pp. 151-168.

SAUNDERS, T. J. - "Protagoras and Plato on Punishment" in *The Sophists and their legacy*, Wiesbaden, Franz Steiner Verlag GMBH, 1981.

SCHAERER, R. – *Dieu, l'homme et la vie d'après Platon*, Neuchâtel, La Baconnière, 1944.

SCHILLER, F.S.C. - *From Plato to Protagoras. Studies in Humanism*, Westport, Greenwood Press, 1970.

SCHUHL, PIERRE-MAXIME - *Etudes sur la fabulation platonicienne*, Paris, P.U.F., 1947.

SCHUHL, PIERRE-MAXIME - *Platon et l'art de son temps*, Paris, P.U.F., 1952.

SCHUHL, PIERRE-MAXIME - *L'oeuvre de Platon*, Paris, P.U.F., 1954.

SCOLNICOV, SAMUEL – *Plato's Metaphysics of Education*, London, New York, Routledge, 1988.

SPRAGUE, ROSAMOND KENT – *Plato's use of fallacy: a study of Euthidemos and some other dialogues*, London, Routledge and Kegan Paul, 1962.

STEWART, J. – *The myths of Plato*, New York, Barnes and Noble, 1970.

STRAUSS, LEO - *Studies in platonic political philosophy*, Chicago, The University

of Chicago Press, 1983.

TAYLOR, ALFRED EDWARD - *Plato, The Man and his Work*, London, Meuthen, 1948.

TAYLOR, ALFRED EDWARD - *Plato*, London, Meuthen, 1963.

TAYLOR, C. C.; BARNES, JONATHAN; HARE, R. M. – *Greek Philosophers: Socrates, Plato, Aristotle*, Oxford University Press, 2001.

VERDENIUS, W. J. – *Mimesis, Plato's Doctrine of Artistic Imitation and its Meaning to us*, Leiden, E. J. Brill, 1972.

VICAIRE, P. - *Platon critique littéraire*, Paris, Klincksieck, 1960.

VLASTOS, GREGORY (edited by Daniel W. Graham) - *Studies in Greek Philosophy. Socrates, Plato and their tradition*, New Jersey, Princeton University Press, 1996.

WAHL, J. - *Étude sur le "Parménide" de Platon*, Paris, J. Vrin, 1951.

WEIL, R. – *L'archéologie de Platon*, Paris, Klincksieck, 1969.

WERSINGER, ANNE GABRIÈLE – *Platon et la dysharmonie. Recherches sur la forme musicale*, Paris, J. Vrin, 2002.

AA. VV. – *Platon et Aristote*, Colloque Internationale de Tours, Paris, J. Vrin,

ARISTÓTELES

ALGUMAS EDIÇÕES DAS OBRAS DE

ARISTÓTELES

ARISTÓTELES - *Metafísica*, Introducción, traducción y notas de Tomás Calvo Martínez, Madrid, Editorial Gredos, 1994.

ARISTÓTELES - *Metafísica*, edición trilingue, trad. Valentín García Yebra, Madrid, Gredos, 1987.

ARISTÓTELES - *La Metafísica*, I, II, Traduzione, Introduzione, Commento a cura di Giovanni Reale, Napoli, Luigi Loffredo Editore, 1968.

ARISTÓTELES - *Retórica* - trad. Quintín Racionero, Madrid, Gredos, 1994.

ARISTÓTELES - *Retórica*, (v. bilingue), traducción y notas de Arturo E. Ramirez Trejo, México, Biblioteca Scriptorum Graecorum et Romanorum Mexicana, 2002.

ARISTÓTELES - *Poética* - trad. Eudoro de Sousa, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, F.C.S.H. Da Universidade Nova de Lisboa, 1986.

ARISTÓTELES - *Organon*, 6 vol., tradução e notas de Pinharanda Gomes, Lisboa, Guimarães Editores, 1986.

THOMAS D'AQUIN - *Commentaire du Traité de l'«Âme» d'Aristote*, (introduction, traduction et notes de Jean-Marie Vernier), Paris, J. Vrin, 1999.

THOMAS AQUINAS - *A commentary on Aristotle's De Anima* (translated by Robert Pasnau), New Haven and London, Yale University Press, 1999.

TRICOT, J. - *Aristote. Métaphysic*, Paris, J. Vrin, 1962.

ARISTOTE - *Physique* (I-IV), (versão bilingue), texte établi et traduit par Henry Carteron, Les Belles Lettres, Paris, 1983.

ARISTÓTELES - *Física*, (versão bilingue), tradução y notas de Ute Schmidt Osmanczik, México, Biblioteca Scriptorum Graecorum et Romanorum Mexicana, 2001.

ARISTÓTELES - *Política* (Tradução e Notas A. Campelo Amaral; C. Carvalho Gomes), Lisboa, Vega, 1998.

ARISTÓTELES (dir. António Pedro Mesquita) - *Obras Completas I, II, III, IV*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2005.

ARISTOTELE - *Metafisica I, II, III* (saggio introduttivo, testo greco con traduzione a fronte e commentario a cura di Giovanni Reale), Milano, Rusconi Libri, 1994.

ARISTOTLE (trad. W. D. Ross) - *Metaphysics, I-II*, Oxford, Clarendon Press, 1975.

ARISTÓTELES (trad. D. Patrício de Azcárate) – *Obras Completas de Aristóteles*, Buenos Aires, Anaconda, 1947.

ARISTOTELES Graecus: *Die griechischen manuskripte dès Aristóteles*, Berlin-New York, Walter Gruyter, 1976.

AA.VV. – *Aristotle*, 23 vols., Cambridge, Massachusetts, Loeb Classical Library, s/d.

AA. VV. – *Aristotele Opere* 11 vols., Bari, Biblioteca Universale Laterza, 1992-2005.

ALGUNS ESTUDOS SOBRE ARISTÓTELES

ACHARD, MARTIN - *Épistémologie et pratique de la science chez Aristote. Les Seconds Analytiques et la définition de l'âme dans le De Anima*, Paris, Klincksieck, 2004.

ANASTAPLO, GEORGE – *The thinker as artist : from Homer to Plato and Aristotle*, Athens, Ohio University Press, 1997.

ANDO, TAKATURA – *Aristotle's theory of practical cognition*, Hague, Martinus Nijhoff, 1965

- ANTON, JOHN PETER - *Aristotle's theory of contrariety*, London, Routledge and Kegan Paul, 1957.
- AUBENQUE, PIERRE - *Le problème de l'être chez Aristote*, Paris, P.U.F., 1962.
- AUBENQUE, PIERRE (dir.) – *Études sur la Métaphysique d'Aristote*, Paris, J. Vrin, 1979.
- AUBENQUE, PIERRE; TORDESILLAS, ALONSO (eds.)- *Aristote Politique. Études sur la Politique d'Aristote*, Paris, P.U.F., 1993.
- BALAUDÉ, JEAN-FRANÇOIS ; WOLFF, FRANCIS (dir.) – *Aristote et la pensée du temps*, Paris, J. Vrin, 2005.
- BARNES, JONATHAN – *Aristotle*, Oxford University Press, 1982.
- BARNES, JONATHAN (edited by)- *The Cambridge Companion to Aristotle*, Cambridge, Cambridge University Press, 1995.
- BARNES, JONATHAN (editor) – *The Complete Works of Aristotle*, 2 vols., Princeton N.J., Princeton University Press, 1984.
- BELLARDI, W. – *Il linguaggio nella filosofia di Aristotele*, Roma, K. Libreria Editrice, 1975.
- BENTIVOGLIO, FABIO – *Aristotele, Metafisica, Scienza, natura e destino dell'uomo*, Milano, CRT, 2002.
- BERTI, ENRICO - *Le ragioni di Aristotele*, Roma, Laterza, 1989.
- BERTI, ENRICO - *L'unità del sapere in Aristotele*, Padova, CEDAM, 1965.
- BERTI, ENRICO - "Les stratégies contemporaines d'interprétation d'Aristote", in *Rue Descartes I*, Paris, Albin Michel, 1991.
- BODÉUS, RICHARD - *Aristote: la Justice et la cité*, Paris, P.U.F., 1996.
- BOURGEY, LOUIS – *Observation et Expérience chez Aristote*, Paris, J. Vrin, 1955.
- BRAGUE, REMI – *Du temps chez Platon et Aristote*, Paris, Quadrige, 2003.
- BRAGUE, REMI – *Aristote et la question du monde*, Paris, Cerf, 2009.
- BRUN, JEAN - *Aristote et le Lycée*, Paris, P.U.F., 1961.
- CASSIN, BARBARA - *Aristote et le logos. Contes de la phénoménologie ordinaire*,

Paris, PUF, 1997.

CAZZULO – *La verità della parola. Ricerca sui fondamenti filosofici della metafora in Aristotele e nei contemporanei*, Milano, Jaca, 1987.

CHERNISS, H. - *Aristotle's Criticism of Presocratic Philosophy*, Baltimore, John Hopkins Press, 1935.

CHORÃO, FRANCISCO JOSÉ - "Amor e Prazer em Aristóteles", *Actas Colóquio Eros e Philia na Cultura Grega*, Lisboa, Centro de Estudos Clássicos, 1995, pp. 185-196.

CLASSEN, CARL JOACHIM - "Aristotle's picture of the Sophists", in *The Sophists and their legacy*, Wiesbaden, Franz Steiner Verlag GMBH, 1981, pp. 7-25.

DOVER, K. J. – *Greek Popular Morality in the time of Plato and Aristotle*, Oxford, Basil, Blackwell, 1974.

DUMONT, JEAN-PAUL – *Introduction à la méthode d'Aristote*, Paris, J. Vrin, 1986.

DUMOULIN, BERTRAND – *Recherches sur le premier Aristote*, Paris, J. Vrin, 1981.

EDMOND, MICHEL-PIERRE – *Aristote. La politique des citoyens et la contingence*, Payot-Rivages, 2000.

ELDERS, LEO – *Aristotle's cosmology*, Assen, VanGorcum, 1966.

FIGUEIREDO, MARIA JOSÉ - "Amizade e Cidadania em Aristóteles", *Actas Colóquio Eros e Philia na Cultura Grega*, Lisboa, Centro de Estudos Clássicos, 1995, pp. 177-183.

FORTENBAUGHT, WILLIAM WALL – *Aristotle on emotion: a contribution to philosophical psychology, rhetoric, poetics, politics*, London, Duckworth, 2003.

FREELAND, CYNTHIA A. (edited by) - *Feminist interpretations of Aristotle*, Pennsylvania, The Pennsylvania State University Press, 1998.

FRONTEROTTA, FRANCESCO; LESZL, WALTER (a cura di) – *Eidos-Idea. Platone, Aristotele e la tradizione platónica*, Academia Verlag, International Plato Studies, 2005.

GAUTHIER-MUZELLEC - *Aristote et la juste mesure*, Paris, P.U.F., 1998.

- GAUTHIER, R. A. – *La Morale d'Aristote*, Paris, PUF, s/d.
- GOLDSCHMIDT, V. – *Temps physique et Temps tragique chez Aristote*, Paris, Vrin, 1982.
- GOTTLIEB, PAULA - "Aristotle versus Protagoras on relatives and the objects of perception", *Oxford Studies in Greek Philosophy*, Vol. X, Oxford, 1993, p. 119.
- HAMELIN, O. - *Le Système d'Aristote*, Paris, J. Vrin, 2001.
- HINTIKKA, JAAKKO – *Analyses of Aristotle*, Boston, Boston University, 2004.
- IRWIN, TERENCE (ed.) – *Aristotle: metaphysics, epistemology, natural philosophy*, New York, Garland Publishing, 1995.
- IRWIN, TERENCE (ed.) – *Aristotle: substance, form and matter*, New York, Garland Publishing, 1995.
- JAEGER, WERNER - *Aristóteles. Bases para la historia de su desarrollo intelectual*, trad., José Gaos, Madrid, Fondo de Cultura Económica, 1984.
- JOHN, J. – *On Aristotle and Greek Tragedy*, New York, Oxford Univ. Press, 1962.
- JORI, ALBERTO – *Aristotele*, Milano, Mondadori, 2003.
- KRAUT, RICHARD – *Aristotle: political philosophy*, Oxford, Oxford University Press, 2002.
- LABARRIÈRE, JEAN-LOUIS - *Langage, Politique et Movement des Animaux. Etudes aristotéliennes*, Paris, J. Vrin, 2004.
- LAMBROS, COULOUBARITSIS - *La "Physique" d'Aristote. L'avènement de la science Physique*, Bruxelles, Éditions OUSIA, 1997.
- LESZL, WALTER – *Aristotle's conception of ontology*, Padova, Editrice Antenore, 1975.
- LLOYD, G. E. R. – *Aristotle. The growth and structure of his thought*, Cambridge, Cambridge University Press, 1968.
- LLOYD, G. E. R. – *Aristotelian Explorations*, Cambridge, Cambridge Univ.Pr. 1999.
- LUKASIEWICZ, JAN - "Sur le principe de contradiction chez Aristote" in *Rue Descartes I*, Paris, Éditions Albin Michel, 1991, pp. 9-32.

- MAIATSKY, MICHAÏL – *Platon, penseur du visuel*, Paris, L'Harmattan, 2005.
- MANSION, SUZANNE – *Le Jugement d'existence chez Aristote*, Paris, J. Vrin, 1976.
- MATTEI, JEAN-FRANÇOIS – *Platon*, Paris, PUF, 2005.
- MERLAN, P. – *Studies in Epicurus and Aristotle*, Klassisch Philologische Studien, 22, Wiesbaden, 1960.
- MESCH, WALTER - *Ontologie und Dialektik bei Aristoteles*, Vandenhoeck und Ruprecht in Göttingen.
- MILO, RONALD DIMITRI – *Aristotle on practical knowledge and weakness of will*, The Hague, Mouton, 1966.
- MOREAU, JOSEPH - *Aristote et son École*, Paris, PUF, 1962.
- MURALT, ANDRÉ DE – *Comment dire l'être ? L'invention du discours métaphysique chez Aristote*, Paris, J. Vrin, 2003.
- NARCY, MICHEL - *La Dialectique entre Platon et Aristote*, Aix-en-Provence, Cahiers du Centre d'études sur la pensée antique «kairos kai logos», 1997.
- NATALI, CARLO - *The Wisdom of Aristotle*, trad. Gerald Parks, Albany, State University of New York, 2001.
- NOBILE, MAURO – *La parola e l'enigma. Un'interpretazione dell'etica di Aristotele*. Roma, Carocci Editore, 2002.
- PANGLE, LORRAINE SMITH – *Aristotle and the philosophy of friendship*, Cambridge, Cambridge University Press, 1992.
- PATER, W. A. – *Les Topiques d'Aristote et la Dialectique platonicienne. La Methodologie et la définition*, Fribourg (Suisse), Éditions St. Paul, 1965.
- PELLEGRIN, PIERRE – *Le philosophe et les savoirs*, Paris, Seuil, 2002.
- PHILOLENKO, ALEXIS - *Leçons Aristotéliennes*, Les Belles Lettres, Paris, 2002.
- PLETONE, G. – *Delle differenze fra Platone e Aristotele*, Rimini, Raffaelli Ed., 2001.
- QUARANTANO, DIANA – *Causa finale, sostanza, essenza in Aristotele. Saggio sulla struttura dei processi teologici naturali e sulla funzione del telos*, Napoli,

Bibliopolis, 2005.

REALE, GIOVANNI - *Introduzione a Aristotele*, Roma-Bari, Laterza, 1997.

REALE, GIOVANNI - *Guida alla lettura della «Metafísica» di Aristotele*, Roma, Laterza, 1997.

RIBEIRO GRAÇA, JOSÉ AUGUSTO- *Aristóteles contra Protágoras*, Porto, Revista da Faculdade de Letras, Série de Filosofia, Volume XIX, 2002.

RICOUER, PAUL – *Platon et Aristote*, C.D.U., 1954.~

RICOUER, PAUL – *Etre, Essence et Substance chez Platon et Aristote* (Cours professé à l'Université de Strasbourg en 1953-1954), Centre de Documentation Universitaire, 1970.

ROBIN, LÉON - *La Théorie platonicienne des idées et des nombres d'après Aristote*, Paris, Alcan, 1908.

ROBIN, LÉON - *Aristote*, Paris, PUF, 1944.

RODRIGO, PIERRE - *Aristote. L'eidétique et la phénoménologie*, Grenoble, Éditions Jérôme Millon, 1995.

RODRIGO, PIERRE - *Aristote*, Paris, Ellipses, 1998.

RODRIGO, PIERRE - *Aristote et les choses humaines*, Bruxelles, Éditions OUSIA, 1998.

ROMEYER DHERBEY, G. - *Les Choses Mêmes. La pensée du réel chez Aristote*, Lausanne, L'Age D'Homme, 1983.

ROMEYER DHERBEY, G. - "Le discours et le contraire. Notes sur le débat entre Aristote et Héraclite au livre Gamma de la Métaphysique", in *Les Études Philosophiques*, 25, Paris, 1970, pp. 475-497.

ROMEYER DHERBEY, G. - "Le statut social d'Aristote à Athènes" in *Revue de Métaphysique et de Morale*, 3, Armand Colin, Paris, 1984, pp. 365-378.

ROMEYER DHERBEY, GILBERT - "Le bien et l'universel selon Aristote" in *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Série de Filosofia, Porto, 1987, pp. 193-199.

- ROMEYER DHERBEY, GILBERT - *L'Excellence de la Vie, sur l'Éthique à Nicomaque et l'Éthique à Eudème d'Aristote*, Paris, J. Vrin, 2002.
- ROMEYER DHERBEY, GILBERT - 'L'un et l'autre dans la cité d'Aristote' in *Revue philosophique*, n° 2, Paris.
- ROMEYER DHERBEY, G. - (sous la direction de), *Corps et Âme. Sur le De Anima d'Aristote*, Paris, J. Vrin, 1996.
- ROSS, DAVID – *Aristotle*, London, Methuen, 1966.
- RYAN, EUGENE E. – *Aristotle's Theory of Rhetorical Argumentation*, Montréal, Bellarmin, 1984.
- SCHOLAR, M. - "Aristotle, Metaphysics, Gamma 1010b 1-3" in *Mind*, 80, 1971.
- STEVENS, ANNICK - *L'ontologie d'Aristote au carrefour du logique et du réel*, Paris, J. Vrin, 2000.
- TAYLOR, C. C.; BARNES, JONATHAN; HARE, R. M. – *Greek Philosophers: Socrates, Plato, Aristotle*, Oxford University Press, 2001.
- TESSITORE, ARISTID (edited by) - *Aristotle and Modern Politics*, Notre Dame, Indiana, University of Notre Dame Press, 2002.
- TRUEBA, CARMEN - *Ética y Tragedia en Aristóteles*, México, Editorial Anthropos, 2004.
- VERGNIÈRES, SOLANGE - *Ethique et Politique chez Aristote*, Paris, P.U.F., 1995.
- VIANNEY, DECARIE - *L'object de la métaphysique selon Aristote*, Montréal, Institut d'Études Médiévales, 1972.
- VOELKE, ANDRÉ-JEAN - *Les rapports avec autrui dans la philosophie grecque: d'Aristote à Panétius*, Paris, J. Vrin, 1961.
- AA. VV. – *Platon et Aristote*, Colloque Internationale de Tours, Paris, J. Vrin, 1976.
- AA.VV. - *Aristote et la Pensée du Temps*, Paris, J. Vrin, 2004.
- AA.VV. - *Les Catégories et leur Histoire*, Paris, J. Vrin, 2004.
- AA.VV. - *La philosophie d'Aristote*, Paris, P.U.F., 2003.

ALGUNS ESTUDOS SOBRE HELENISMO E

FILOSOFIAS HELENÍSTICAS

ANNAS, JULIA; BARNES, JONATHAN – *Modes of Scepticism: Ancient Texts and Modern Interpretations*, Cambridge University Press, 1995.

ARRIGHETTI, GRAZIANO (trad.) - *Epicuro. Opere*, Turim, Einaudi, 1960.

BAILEY, C. – *Epicurus. The extant remains*, Oxford, Clarendon Press, 1926.

BAILEY, C. - *The Greek Atomists and Epicurus*, Oxford, Oxford University Press, 1928.

BEVAN, E.R. - *Stoics and Sceptics*, Oxford, Oxford University Press, 1913.

BIGNONE, ETTORE - *L'Aristotele perduto e la formazione filosofica di Epicuro*, I-II vol., Firenze, La Nuova Italia, 1973.

BOLLACK, JEAN - *La Lettre d'Epicure*, Paris, Éditions Minuit, 1971.

BOLLACK, JEAN - *La pensée du plaisir. Epicure: textes moraux, commentaires*, Paris, Éditions Minuit, 1975.

BOLLACK, JEAN – *Études sur l'épicurisme antique*, Villeneuve d'Ascq, Presses Universitaires du Septentrion, 1976.

BOLLACK, JEAN - *Epicure à Pythoclès*, Lille, Presses Universitaires de Lille, 1977.

BOLLACK, MAYOTTE - *La raison de Lucrèce*, Paris, Éditions de Minuit, 1978.

BRÉHIER, EMILE ;SCHUHL, P. M. (ed.) – *Les stoïciens*, Paris, La Pléiade, s/d.

BRÉHIER, EMILE - *Chrysippe et l'Ancien Stoïcisme*, Paris, P.U.F., 1951.

BRÉHIER, EMILE – *La Théorie des Incorporels dans l'Ancien Stoïcisme*, Paris, J. Vrin, 1987.

BOYANCÉ, PIERRE - *Epicure*, Paris, P.U.F., 1969.

BOYANCÉ, PIERRE – *Lucrèce et l'épicurisme*, Paris, PUF, 1978.

BRÉHIER, E. – *Chrysippe et l'ancien stoïcisme*, Paris, Les Archives

Contemporaines, 1910.

BRIDOUX, A. – *Le stoïcisme et son influence*, Paris, J. Vrin, 1966.

BROCHARD, VICTOR - "La théorie du plaisir d'après Epicure" in *Etudes de philosophie ancienne et de philosophie moderne*, Paris, J. Vrin, 1974.

BROCHARD, VICTOR - "La morale d'Epicure" in *Etudes de philosophie ancienne et de philosophie moderne*, Paris, J. Vrin, 1974.

BROCHARD, VICTOR – *Les sceptiques grecques*, Paris, J. Vrin, 1986.

BRUN, JEAN - *L'épicurisme*, Paris, P.U.F., 1959.

BRUN, JEAN - *Epicure et les épicuriens*, Paris, P.U.F., 1961.

BRUN, JEAN – *Les Stoïciens : textes choisis*, Paris, PUF, 1985.

BRUN, JEAN – *Le Stoïcisme*, Paris, PUF, 1986.

BRUNSCHWIG, JACQUES – *Études sur les philosophies Hellenistiques: Epicurisme, Stoicism, Scepticisme*, Paris, PUF, 1995.

CICÉRON - *Las Paradojas de los Estoicos*, (v. bilingue), introducción, edición, traducción y notas de Julio Pimentel Álvarez, México, Biblioteca Scriptorum Graecorum et Romanorum Mexicana, 2002.

CLAY, DISKIN – *Paradosis and survival: three chapters in the history of epicurean philosophy*, University of Michigan Press, 1998.

CONCHE, MARCEL - *Lucrèce et l'expérience*, Paris, Editions Seghers, 1967.

CONCHE, MARCEL (trad.) - *Epicure, lettres et maximes*, Paris, Edit. de Mégare, 1977.

CONCHE, MARCEL – *Pyrrhon ou l'apparence*, Paris, P.U.F. 1994.

COSSUTA, FRÉDÉRIC – *Le Scepticisme*, Paris, PUF, 1994.

CRESSON, ANDRÉ – *Épicure : sa vie, son œuvre avec un exposé de sa philosophie*, Paris, PUF, 1958.

DAL PRA, MARIO – *Lo scetticismo greco*, Bari, Laterza, 1981.

DARAKI, MARIA – *Une religiosité sans Dieu : essai sur les stoïciens d'Athènes et saint Augustin*, Paris, La Découverte, 1989.

- DECLEVA CAIZZI, F. (a cura di) *Pirrone testimonianze*, Napoli, Bibliopolis, 1981.
- DUMONT, JEAN-PAUL – *Le scepticisme et le phénomène. Essai sur la signification et les origines du pyrrhonisme*, Paris, J. Vrin, 1986.
- DUMONT, JEAN-PAUL – *Les sceptiques grecques. Textes choisis*, Paris, PUF, 1989.
- DUVERNOY, JEAN – *L'épicurisme et sa tradition antique*, Paris, Bordas, 1990.
- FARRINGTON, BENJAMIN - *The Faith of Epicurus*, London, Weidenfeld and Nicolson, 1967.
- FESTUGIÈRE, A-J. - *Epicure et ses dieux*, Paris, P.U.F., 1946.
- FRISCHER, BERNARD – *The sculpted word : epicureanism and philosophical recruitment in Ancient Greece*, Berkeley, The California University Press, 1983.
- HOGARTH, D. G. - *Philip and Alexander of Macedon*, London, John Murray, 1897.
- HOVEN, RENÉ – *Stoïcisme et stoïciens face au problème de l'au-delà*, Paris, Les Belles Lettres, 1971.
- GERMAIN, GABRIEL – *Épictète et la spiritualité stoïcienne*, Paris, Éditions du Seuil, 1964.
- GIANNANTONI, G. (a cura di) – *Lo scetticismo antico 2 Vols.*, Napoli, Bibliopolis, 1981.
- GIGANTE, MARCELLO – *Cinismo ed epicureismo*, Napoli, Bibliopolis, 1992.
- GOLDSCHMIDT, VICTOR - *Le système stoïcien et l'idée de temps*, Paris, J. Vrin, 1969.
- GOLDSCHMIDT, VICTOR - *La Doctrine d'Épicure et le Droit*, Paris, J. Vrin, 1977.
- GOURINAT, J.-B. – *La dialectique des stoïciens*, Paris, J. Vrin, 2002.
- GRILLI, ALBERTO – *Stoicismo, epicureismo e letteratura*, Brescia, Paideia, 1992.
- GUAL, CARLOS GARCÍA - *La filosofía helenística: éticas y sistemas*, Madrid, Cincel, 1986.
- GUAL, CARLOS GARCÍA – *Epicuro*, Madrid, Alianza, 2002.
- GUYAU, JEAN-MARIE – *La Morale d'Épicure et ses rapports avec les doctrines*

contemporaines, Paris, Alcan, 1878.

HADOT, ILSETRAUT - *Seneca und die griechisch-römische Tradition der Seelenleitung*, Berlin, 1969.

HANKINSON, R. J. – *The sceptics*, London, Routledge, 1995.

IRBY, MASSIE – *Greek science of the Hellenistic era: a sourcebook*, London and New York, Routledge, 2002.

JONES, A.H.M. - *The Greek City from Alexander to Justinian*, Oxford, Oxford University Press, 1937.

JOYAN, E. – *Épicure*, Paris, Alcan, 1910.

K. ALGRA; J. BARNES; J. MANSFELD (ed.) – *Cambridge History of Hellenistic Philosophy*, Cambridge, Cambridge University Press, 2005.

KERFERD, G. B. – *Origins of devil in stoic thought*, Manchester, J. Rylands Univ. Lib. of Manchester, 1978.

LAVIELLE, ÉMILE - *Les épicuriens*, Paris, Bordas, 1969.

LÉVÊQUE, PIERRE – *Le Monde Hellénistique*, Paris, Pocket/Agora, 2003.

LLOYD, G.E.R. - *Greek Science after Aristotle*, London, Chatto and Windus, 1973.

LOGRE, D. - *L'anxiété de Lucrece*, Paris, Janin, 1946.

M. SCHOFIELD; J. BARNES; M. BURYEAT (ed.) – *Doubt and Dogmatism: Studies in Hellenistic Epistemology*, USA, Oxford University Press, 1980.

MARCELINO, R. DOMINGUEZ – *El materialismo de Epicuro y Lucrecio*, Sevilla, Univ. Sevilla, 1989.

MARÉCHAUX, PIERRE (trad.) – *Les Stoïciens. Passions et Vertus. Fragments*, Paris, Rivages, 2003.

MARKOVITS, FRANCINE - *Marx dans le jardin d'Epicure*, Paris, Editions de Minuit, 1974.

MARX, KARL - *Différence de la philosophie de la nature chez Démocrite et Epicure*, trad. J. Ponnier, Bordeaux, Duclos, 1970.

MERLAN, P. – *Studies in Epicurus and Aristotle*, Klassisch Philologische Studien,

22, Wiesbaden, 1960.

MILLS, STEPHANIE – *Epicurean Simplicity*, Washington DC, Shearwater Books, 2003.

MORE, PAUL ELMER – *Hellenistic Philosophies*, Princeton, Princeton University Press, 1923.

MOREAU, JOSEPH - *Epictète*, Paris, Seghers, 1964.

MOREAU, JOSEPH – *Stoïcisme, Epicurisme, tradition hellénique*, Paris, J. Vrin, 1979.

NUSSBAUM, MARTHA – *The Therapy of Desire: Theory and Practice in Hellenistic Ethics*, New Jersey, Princeton University Press, 1996.

OGEREAU, F. – *Essai sur le système philosophique des stoïciens*, Paris, Encre Marine, 2002.

OSLER, J. MARGARET (ed.) – *Atoms, Pneuma and Tranquility: epicurean and stoic themes in European thought*, Cambridge, Cambridge University Press, 2005.

OTTO, WALTER F. – *Epicuro*, Sexto Piso, México, 2005.

ISNARDI PARENTE, MARGHERITA – *Introduzione a lo stoicismo ellenistico*, Bari-Roma, Laterza, 2004.

POHLENZ, MAX - *Die Stoa: Geschichte einer geistigen Bewegung*, Göttingen, 1978.

PREUSS, PETER – *Epicurean Ethics: katastematic hedonism*, New York, Edwin Mellen Press Ltd, 1994.

RENAULT, MARCEL – *Épicure*, Paris, Librairie Paul Delaplane, s/d.

RIST, J. M. – *Epicurus. An Introduction*, Cambridge, Cambridge University Press, 1972.

ROBIN, LÉON - *Pyrrhon et le scepticisme grecque*, Paris, PUF, 1944.

ROBIN, LÉON - *La Pensée Hellénique des origines à Épicure: questions de méthode, de critique et d'histoire*, Paris, PUF, 1967.

ROCHOT, B. - *Les travaux de Gassendi sur Epicure et sur l'atomisme*, Paris, J. Vrin, 1944.

- RODIS-LEWIS, GENEVIÈVE - *Epicure et son école*, Paris, Gallimard, 1975.
- ROMEYER DHERBEY, G. – “Art et Nature chez les Stoïciens”, in *La Grèce pour penser l'avenir*, Paris, L'Harmattan, 2000.
- ROMEYER DHERBEY, GILBERT (sous la direction de), *Les Stoïciens*, Paris, J. Vrin, 2005.
- SCHULL, PIERRE-MAXIME (ed.) – *Les Stoïciens* (textes traduits par E. Bréhier), Paris, Gallimard, 1962.
- SÉNÈQUE - *De la tranquillité de l'âme* (traduit du latin par Colette Lazam), Paris, Editions Rivages, 1988.
- SEXTUS EMPIRICUS – *Esquisses Pyrrhoniennes* (bilingue), introduction, traduction et commentaires par Pierre Pellegrin, Paris, Éditions du Seuil, 1997.
- SEXTUS EMPIRICUS - *Contre les Professeurs* (bilingue), introduction, glossaire et index par Pierre Pellegrin; traduction par C. Dalimier, D. et J. Delattre, B. Pérez; sous la direction de Pierre Pellegrin, Paris, Éditions du Seuil, 2002.
- SHARPLES, R. W. – *Stoics, Epicureans and Sceptics*, New York, Routledge, 1996.
- SCHOFIELD, MALCOM; NUSSBAUM, MARTHA C. - *Stoic Idea of the City*, Chicago, University of Chicago Press, 1999.
- SOLOVINE, MAURICE (trad.) - *Epicure: doctrines et maximes*, Paris, Edit. Hermann, 1965.
- SPANNEUTT, M. – *Les Valeurs dans le stoïcisme*, Lille, Presses Universitaires de Lille, 1993.
- STRIKER, GISELA - *Essays on Hellenistic Epistemology and Ethics*, Cambridge, Cambridge University Press, 1995.
- TARN, W.; GRIFFITH, G.T. - *Hellenistic Civilisation*, London, University Paperback, 1966.
- TOYNBEE, ARNOLD J. - *Hellenism: the History of a Civilisation*, Oxford, Oxford University Press, 1959.
- VEYNE, PAUL - "La Medication Interminable" in *Sénèque: De la tranquillité de l'âme*

(traduit du latin par Colette Lazam), Paris, Editions Rivages, 1988, pp. 7-62.

VAZ PINTO, MARIA JOSÉ - " O amor pedagógico na reflexão estoíca", *Actas Colóquio Eros e Philia na Cultura Grega*, Lisboa, Centro de Estudos Clássicos, 1995, pp. 197-212.

VOELQUE, ANDRE-JEAN – *L'idée de volonté dans le stoïcisme*, Paris, PUF, 1992.

ZELLER, EDUARD – *The stoics, epicureans and sceptics*, New York, Russel and Russel, 1962.

WITT, N. W. DE – *Epicurus and his Philosophy*, Minneapolis, University Minnesota Press, 1954.

WOLFF, FRANCIS - *Logique de l'élément. Clinamen*. Paris, P.U.F., 1981.

AA. VV. – *Le Stoïcisme*, Revue Internationale de Philosophie nº 178, Paris, PUF, 1991.

AA. VV. – *Stoïcisme*, Presses Universitaires du Septentrion, 2006.